









3347

1

D. 46.

Fragmento



Do Proprio Ms. Original  
Do Diccionario Portuguez  
De Bluteau

Que achou o Sr. Antonio Ribeiro  
entre varios papeis

Em sua logea de Merceiros  
em Coimbra.  
no anno de 1781.

MICROFILMADO

FR. 1003

14-01-03

*Quf*

# CATALOGO

ALPHABETICO, TOPOGRAPHICO, E CHRONOLOGICO

DOS AVTORES PORTUGUEZES,  
CITADOS PELLA MAYOR PARTE NESTA OBRA.



As palavras não significão por sua natureza, mas por instituição dos Homens; cada Nação, assim barbara, como polida, deu principio, e sentido às palavras, que usa. Daqui nasce, que não temos outra prova da propriedade das palavras, que o uso dellas, e deste uso não hã evidencia, mais certa, e permanente, que a que nos fica nas obras dos Autores, ou manuscritas, ou impressas.

Supposto isto, para a ampliação, e cabal perfeição de huma lingua, seria preciso, que toda a pessoa, capaz para compor, deixasse na Arte, ou sciencia da sua profissão alguma obra ao Publico; no que hoje com utilissima curiosidade se exercitaõ os Francezes; e com tão felice successo, que quasi cada Arte, e profissão tem no idioma Francez seu vocabulario distincto.

Neste particular, com grande detrimento do Orbe litterario, faltaraõ os Antigos Romanos, porque excepto na Arte Oratoria, Historica, ou Poetica, em que com admiravel primor apuraraõ a penna Cicero, Quintiliano, Julio Cesar, Suetonio, Tacito, Virgilio, Cuidio, e alguns outros no reinado dos doze Cesares, em que floreceo a Latiniidade; nas Artes Liberaes, e Mecanicas, apenas temos dous, ou tres Autores, que para a pureza da lingua Latina nos possam servir de modello.

Na Architectura sã temos a Vitruvio; na Agricultura a Columella, Varro, e Catao; na Medicina a Cornelio Celso, e se não tiveramos a Historia natural de Plinio, ficara a lingua Latina muda no meyo das maravilhas da natureza. Em todas as mais materias temos poucos, ou nenhuns Autores Latinos, ou porque as ignoraraõ, ou porque não deixaraõ memoria dellas; e os que escreveraõ despois da corrupção da Latiniidade, forãõ obrigados a suprir com Periphrasis, ou com termos inventados, a falta das palavras proprias; e finalmente despois de tantos seculos, que a lingua Latina he lingua morta, com a invenção de novas Artes, engenhos, e instrumentos, todos os dias se vai descobrindo mais a sua pobreza.

Dello contrario a lingua Portuguesa, como lingua viva, sempre se vai enriquecendo, e já he tão abundante, e opulenta, que em todas as materias tem ricos termos. Era antigamente a lingua Portuguesa, tão pobre, como o forãõ todas as mais linguas nos seus principios; sãõ nas folhas de alguns livros Historicos, ou Predicativos sahia singelamente à luz; mas com as obras de muitos Autores teve successivamente tão preciosos ornatos, que não tem, que envejar às mais elegantes linguas da Europa o seu luzimento.

De todos os Autores Portuguezes, que me vierãõ à mão, fiz este catalogo, não sãõ para seu credito dellas, mas para autoridade deste vocabulario, porque rara he a palavra, menos vulgarmente usada, ou termo scientifico, e extraordinario, que não venha autorizada com algum exemplo, e juntamente com a citação da pagina, no livro do Autor allegado. Até das palavras, mais vulgares, muitas vezes trago exemplos, para que conste do sentido, em que forãõ usadas; e não he superflua esta curiosa pontualidade; porque sobre o significado de termos corriqueiros, e chulos, muitas vezes se levãõ tão controversias, que sãõ com o exemplo de algum Autor se decidem.

Para o Dicionario, como este, composto por hum *lingueiro*, não é precisa menos ampla, e autentica abonação, que esta de alguns trezentos Autores, promiscuamente citados ao pé de cada dicção, segun o lugar que nesta obra lhe cabe.

Mas quem me quizer fazer justiça, souvará o trabalho, com que de Autores Portuguezes escolhi hum tão grande numero de palavras, que com ellas cheguei a compor hum Vocabulário, tão copioso, como os mais amplos, que no vamente sahiraõ da Academia Real de França, e da Academia da *Scia*, em Italia.

A vista destes volumes, (aos quaes com o tempo se poderão acrescentar tros) que dirão certos Estrangeiros, os quaes publicavaõ pella Europa, que a *Lingoa* Portugueza he hum idioma pobre, inculto, bárbaro, e casualmente formado de varios fragmentos da *Lingoa* Mourisca, e Castellhana Confesso, que despois de ajuntar os materiaes para esta obra, eu mesmo fiquei admirado, e juntamente opprimido da multidão dos vocabulos, que achei nos Autores antigos, e modernos.

Não pretendo, que os dittos Autores sejam todos igualmente de boa nota; só digo, que as palavras, que delles tirei, me parecerão dignas de alguma noticia; ou por antiquadas, e desusadas; ou por escuras, e Grego-Latinas; ou por peregrinas, e muito cultas. De todas ellas era necessaria alguma declaração; das antiquadas, e desusadas, para a intelligencia de Escrituras, e livros antigos; das escuras, e Grego-Latinas, para o entendimento de Authores peritos na Arte, ou Sciencia, em que es crevem; e das peregrinas, e muito cultas, para a imitação, e uso dellas no estilo levantado, Poetico, ou Oratorio.

Aos que condenarem a confiança, com que allego com toda a casta de Autores, respondo, que me aproveitei de todos, porque nas materias da sua profissão, cada hum delles he *Textor*. Em Cirurgia, e Medicina tão propriamente fallão Antonio da Cruz na sua Recopilacão, e o Doutor João Curvo na sua *Polyanthea*, como João de Barros na Historia, e o P. Antonio Vieira na Predica; e a seu tempo, e lugar tanto caso fiz de algumas expressoens de Antonio Galvão, na sua *Alveitaria*, e de Manoel Leitão, na sua *Pratica de Barbeiros*, como das Phrases, e elegancias de Jacinto Freire, e das metaphoras, e Paronomasias do Bispo do Porto D. Fernando Correa de La Cerda.

Tambem não fiz escrupulo de allegar com alguns Autores, que com algumas palavras offendem a pureza da *Lingoa* Portugueza; porque nestes taes achei outros termos, e vocabulos, muito proprios. Assim como não há Autor, tão bom, em que não haja, que condenar; assim não há tão mau Autor, em que se não ache, que souvar. De hums, e outros he necessario colher, o que tem de melhor. Muito devemos à fineza, dos que se cançaraõ, para nos instruirem, ainda despois de mortos. Não he razão, que desprezemos a sua pratica, ainda que menos à moda. Para a Posteridade mais aproveitada, alhaneza de quem escreve, ainda que sem muito alinho, do que a desconfiança de hums Criticos, que oppilados da sua sempre abafada erudição, nem bem, nem mal escreverão.

A boa locução he como o bom parecer; este com o tempo passa, e sô nos retratos vive; e d'aquelle sô os livros, sãõ os retratos, em que permanece. Por isso neste Catalogo não há lugar, para os que fallão bem, e não compoem. Fallar bem, e não compor, he a pregoar virtudes, e faltar de boas obras. A eloquencia esteril he huma pompa sonora, que desua

...o ar, que a forma; e muitas vezes a brevidade do seu ser, não  
 deixa a sua deformidade. Recea o juizo dos olhos huma fermo-  
 sura e gitiva, e huma loquacidade transitoria teme a censura dos ju-  
 zos. O Galor da discriçãõ está em esperar a pè queda pellos insultos da  
 critica. Os caracteres impressos, e juntados em palavras, e estendi-  
 dos em regras, são esquadroens em ordenança, sempre promptos a dar  
 a tilha; aindaque a percaõ, não ficão descompostos. Saber, e não sahir  
 a tempo, he trefa da ignorancia, que antes da peleja, busca a retirada.  
 Muitos com o medo de se fazerem reos, não querem ser Autores. Muy  
 dis retos nas praticas, e eternamente mudos nas folhas. Nenhum pro-  
 vito tirarão os l'indouros destes vãos ostentadores de palavras; a  
 o vilos, parece, que hão de cançar os prelos das mais laboriosas offici-  
 nas, e em toda a Republica das letras, apenas se acharã, do feitiço del-  
 les, hum coneto. Vamos aos nossos Autores, e em aggradecimento do seu  
 trabalho, renovemos neste catalogo a sua memoria.

Os titulos deste Catalogo são tres, por tres razoens. He Alphabetico, To-  
 pographico, e Chronologico. Alphabetico, pella disposiçãõ dos Autores  
 pellos seus nomes proprios, segundo a ordem das suas letras iniciaes;  
 Topographico, com a declaraçãõ da Cidade, e officina, em que o livro  
 foi impresso; e Chronologico, pella noticia do Anno, em que sahio a luz.  
 Destes tres titulos nascem tres utilidades; a saber o conhecimento do  
 Autor, da ediçãõ, e do tempo, em que foi impressa a obra. Todas as ve-  
 zes, que se achar in fol. entenderse hã, que o livro he de folha. Os ma-  
 is, que não tem este sinal são in 4. ou in 8. ou in 12. &. A este Cata-  
 logo se seguirão outros tres; o primeiro de alguns Autores Portuguezes,  
 de cujas obras, aindaque sãõ manuscritas me vali neste vocabulario;  
 o segundo dos livros, dos quaes o Author se dissimula, ou se ignora; e  
 o terceiro das materias, tratadas por Autores Portuguezes. ▽

~~ACRILLES ESTADO.~~  
 Antiquidades de Portugal.

Lisboa, por Franco Correa. Anno de  
 1581.

AFFONSO DA CRUZ.  
 Espelho de Religiosos. Lisboa, na of-  
 ficina de Pedro Craesbecx. no anno  
 1622. 2. Tom. in 4.

AGOSTINHO BARBOSA.  
 Diccionario Lusitano-Latino. Bra-  
 ga, na officina de Fructuoso Louren-  
 ço do Basto, Anno de 1611. in Fol.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE.  
 Commentarios do Grande Affon-  
 so de Albuquerque, Capitão General  
 da India. Lisboa, por João de Bar-  
 reira. Anno 1576. in fol.

AGOSTINHO DE GAVI.  
 Historia do famoso cerco, que o Na-  
 rife poz â fortaleza de Matagão. Lis-  
 boa, por Vicente Alvares. Anno de  
 1607.

AFFONSO DE MIRANDA.  
 Dialogo da perfeiçãõ, e partes do  
 bom Medico. Lisboa, por João Alva-  
 res. Anno, 1562.

AGOSTINHO DE MENDONCA.  
 Cerco de Matagão. Lisboa, Anno 1607.  
 FR. AGOSTINHO DE SANTA MARIA.  
 Santuario Mariano, e Historia das imagens milagrosas de Nossa  
 Senhora, e das milagrosamente  
 apparecidas, &c.  
 Lisboa, na officina  
 de Antonio Pedro:  
 Galvão, Anno  
 de 1707. ▽

AFFONSO GVERREIRO.  
 As festas, que se fizeram na Cidade  
 de Lisboa, na entrada de Felipe 1.

ALONSO DE ALCALA Y HEBBERA.  
 Jardin Anagrammatico. Lisboa, na  
 officina Craesbeckiana. Anno 1654.

ALVARO FEBREIRA DE VÊBA.  
 Or-

Orthographia Portugueza, com hu n Tra-  
tado da Memoria Artificial, e ou-  
tro da semelhança das Linguas Por-  
tugueza, e Latina. Lisboa, por Mat-  
theus Rodriguez, Anno, 1631.

Fr. ALVARO LEITÃO,  
Cominico.

Tardes das Comingas da Guaresma;  
Lisboa, por João da Costa. Anno, 1670.

ALVARO LOBO,  
da Companhia.

Martyrologio Romano. Coimbra. An-  
no, 1691.

Historia da Provincia de Portugal  
da Companhia.

Entrada das Religioens do Reino  
de Portugal.

AMADOR ARRAES.

Dialogos moraes. Coimbra. Anno,  
1589.

AMADOR RABELLO.

Alguns capitulos, tirados das cartas  
da India, China. &c. Lisboa. Anno,  
1588.

Vida del Rey C. Sebastião.

ANDRE DE AVELLAR.

Chronographia, ou Repertorio dos te-  
mpos. Lisboa, por Jorge Rodrigues. An-  
no 1602.

ANDRE NVNES DA SILVA.

Hecatombe sacra, ou sacrificio de cem  
victimas, em cem sonetos, em que se  
contem as principaes accoens de S.  
Caietano. Lisboa, por Miguel Pes-  
landes, Anno de 1686.

ANDRE RODRIGVES DE MATOS.

Jerusalem libertada. Poema Heroico.  
Traduccion de Torquato Tasso. Lisboa,  
por Miguel Deslandes. Anno, 1682.

Dialogo Funebre, na morte da In-  
fanta de Portugal. Lisboa, Anno 1690.

D. ANTONIO ALVARES DA CVNHA.

Escola das verdades. Tra<sup>ç</sup>ccão do  
D. Luis Juglaris, da Com<sup>u</sup>nia do  
sus. Lisboa por Antonio <sup>esbe</sup> &  
le Mello. Anno, 1671.

Applausos Academicos, e Relat<sup>o</sup> do  
feliz successo da victoria do Ame<sup>l</sup>  
al. Amsterdaõ, em casa de Jac<sup>o</sup> al-  
svelsem; Anno 1673.

ANTONIO ALVARES SO. RES.  
Rimas. Lisboa. Anno 1628.

ANTONIO BAVLAR.

Defensa Evangelica d. Parentesco  
de Santiago com Christo. Coimbra, An-  
no 1631.

ANTONIO BRANDAÕ.

Terceira parte da Monarchia Lusita-  
na. Lisboa. Anno 1631. in Fol.

Quarta parte da mesma Historia.

ANTONIO CARVALHO.

Discurso sobre, se convem, que os Pre-  
gadores reprehendaõ os Princepes, e  
ministros. Lisboa. Anno 1627.

ANTONIO CARVALHO DA COSTA.

Via Astronomica. 1. parte. Lisboa, por  
Francisco Villela. Anno 1676. in 4.

Via Astronomica. 2. parte. Lisboa,  
por Antonio Crasbeck de Mello. Anno  
1677.

Tratado compendioso da fabrica, e uso  
dos Relogios do Sol. Lisboa, por  
Antonio Crasbeck. Anno 1678.

Corographia, e Topographia Portugueza Tom. 1. e 2. impressa em  
Lisboa, na officina de Valentim da Costa Deslandes, Anno 1706.

ANTONIO CARVALHO DE PERADA. < 1708.

Justificacão dos Portuguezes sobre a  
accão de libertarem o seu Reino da  
obediencia de Castella. Lisboa, por Pa-  
ulo Crasbeck. Anno 1643.

Arte de reinar. Bucellas, por Paulo  
Crasbeck. Anno 1643. in Fol.

ANTONIO CERAIVA.

Historia das conquistas dos Por-  
tuguezes na costa de Africa.

ANTONIO CORREIA.

Fama posthuma do veneravel Pa-  
dre Fr. Antonio da Conceição.

ANTONIO DA CRUZ.

Recopilação de Cirurgia. Lisboa, por  
Henrique e Valente de Oliveira. An-  
no 1667. in 4.

ANTONIO DA NATIVIDADE.

Meritos de Coroas de S. Agostinho.  
Lisboa, por Henrique Valente. Anno  
1663. in Fol.

Ove Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.

Obras Espirituaes. Primeira, e se-  
gunda parte. Lisboa, por Miguel Ces-  
landes. Anno 1690. in 4.

Obras Espirituaes. Primeira, e segu-  
nda parte. Lisboa, por Miguel Ces-  
landes. Anno 1688.

ANTONIO DA PURIFICAÇÃO.

Chronica dos Eremitas de S. Agus-  
tinho, 1. parte. Lisboa, por Miguel da  
Silva. Anno 1642. in Fol.

Segunda parte da ditta Chronica,  
tambem in fol. por Piogo Lopes Rosa.  
Anno 1656.

ANTONIO DE ANDRADA.

Novo Descobrimento do Grao Catayo.  
Lisboa, por Mattheus Pinheiro. Anno  
1626.

ANTONIO DE CASTILHO.

Commentarios do Cerco de Goa, e de  
Chaut. Lisboa. Anno 1573.

ANTONIO DE FREITES.

Primores Politicos. Lisboa, por Mano-  
el da Silva. Anno 1641.

ANTONIO DE GOVEA.

Relação, em que se tratão as guerras,  
e grandes victorias, que alcançou o  
Grande Rey da Persia Xa abbas  
do Grao Turco Mahometo, e seu fi-  
lho Amete. Lisboa, por Peãro Cras-  
beck. Anno 1611.

Jornada do Arcebispo de Goa D. Fr.  
Aleixo de Meneses. Coimbra. An-  
no 1606. in Fol.

ANTONIO DELICADO.

Adagios Portuguezes, reduzidos a  
lugares communs. Lisboa, por Do-

mingos Lopes Rosa. Anno de 1651.

ANTONIO DE MARIS CARNEIRO.

Regimento dos Pilotos, e Roteiro das Na-  
vegações da India Oriental. Lisboa,  
por Jourenço de Anveres. Anno 1642.

ANTONIO DE NAXARA.

Navegação especulativa, e pratica. Lis-  
boa. Anno 1628.

Summa Astrologica. Lisboa. Anno 16

ANTONIO DE PORTALEGRE.

Paixão de Christo, metrificada. Coimbra.  
Anno 1581.

O.P. ANTONIO DE SÂ,  
da Companhia.

Sermão da Cinza. Coimbra. Anno 1673.

Sermão da Quinta Comminga da Gua-  
resma. Coimbra. Anno 1675.

Sermão da primeira sexta feria da  
Guáresma. Lisboa. Anno 1674.

Sermão dos Passos. Coimbra. Anno 1689.

Sermão da Conceição. Lisboa. Anno  
1675.

Sermão de S. Thomè. Coimbra. Anno  
1686.

Sermão nos Annos del Rey C. Affonso  
6.

ANTONIO DE S. AGOSTINHO.

Relação de como os Franciscanos restau-  
raraõ os lugares santos de  
Lisboa. por Miguel Ceslandes. Anno 1691.

ANTONIO DE S. BERNARDINO.

Caminho do Ceo, descuberto aos Viado-  
res da terra. Londres. Anno 1665.

ANTONIO DE SETVVAL.

Coroa de doze estrellas da Virgem, Se-  
nhora Nossa. Lisboa. Anno 1632.

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.

Dominio sobre a fortuna, e tribunal  
da razão. Lisboa, por Miguel Ceslan-  
des. Anno 1682.

Armonia Politica dos documentos di-  
vinos, com as conveniencias de Estado.

Nã Haga do Conde em Hollanda, por  
Samuel Bro. Anno 1651.  
Eva, e Ave, ou o Mundo cahido em Eva,



CATALOGO DOS AVTORES POR TÛVEZES

e levantado em Ave. Lisboa à despeza de Antonio Craesbec. x. Anno 1676. *tuma vir a especu. ia da India. Anno 1563.*

Panegirico sobre o milagroso successo, com que Ceos livrou a el Rey D. Joao 4. Lisboa, por Paulo Craesbec. Anno 1647.

ANTONIO GALVAO DE ADRADA. Arte de Cavallaria de Gineta, e Estardota, bom primor de ferrar, e Alveitaria Lisboa, por Joao da Costa. Anno 1678 in Fol.

ANTONIO DE VASCONCELLOS. Tratado do Anjo da Guarda. 2. volum. in 4. o primeiro vol. em Evora, por Francisco Simoens. Anno 1621. o 2. vol. em Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1622.

ANTONIO GOMES DE OLIVEIRA. Poesias varias. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1617.

ANTONIO DE VILLASBOAS, E SAMPAYO. Nobiliarchia Portugueza. Tratado da nobreza hereditaria, e Politica. Lisboa, por Francisco Villela. Anno 1676.

ANTONIO LEITE. Historia da apparecao, e milagres de Nossa Senhora da Laga. Coimbra. Anno 1639.

ANTONIO FEO. Sermoens de Maria Sant. ma Lisboa. Anno 1615. in fol.

ANTONIO LOPES CABRAL. Pancargia, ou capella florida, tecida em 18. sermoens. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1694.

Tratados das Festas, e vidas dos Santos. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1612. e 1615. in fol.

ANTONIO PEREIRA REGO. Instrucao da Cavallaria de Brida, com hum Tratado de Alveitaria. Coimbra. Na officina de Joao Antunes, Anno 1693.

Tratados Quadragesimae. Lisboa, por Jorge Rodrigues. Anno 1612. in fol.

ANTONIO FERNANDES. Arte de Musica de canto d'orgão, e canto chão, e proporcoens da Musica, divididas armonicamente. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1626.

ANTONIO PINTO PEREIRA. Historia da India do governo de Luis de Ataide. Coimbra, por Nicolao Carvalho. Anno 1613. in fol.

ANTONIO FERREIRA. Poemas Lusitanos. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1598.

ANTONIO ROSADO. Tratados em souvor do Rosario. Lisboa. Anno 1622.

ANTONIO FIALHO FERREIRA. Relacao da sua viagem, que fez a Macão. Lisboa, por Comingos Lopes. Anno 1643.

ANTONIO TEIXEIRA. Epitome das noticias Astrologicas para a Medicina. Lisboa, por Joao da Costa. Anno 1670.

ANTONIO FRANCISCO CARDIM. Relacao da gloriosa morte de quatro Embaxadores de Macão. Lisboa, por Lourenço de Anveres. Anno 1643.

ANTONIO TENREIRO. Itenerario da India a Portugal por terra. Coimbra, Anno 1565.

ANTONIO FREIRE. Primor, e honra da vida soldadesca no Estado da India. Lisboa, Anno 1630.

ANTONIO VELLOSO DE LYRA. Espelho de Lusitanos, no cristal do Psalmo 43; cuja vista em summa representa a tres Estados deste reino; o primeiro desde seus principios até El-

ANTONIO GALVAO. Tratado dos caminhos, por onde cos-

João o 3.º segundo El Rey  
do com o governo Castelhano,  
e acclamação, e restaura-  
ção real. Lisboa, por Pablo  
ec. Anno 1642.

Thesouro da Lingua Portuguesa. Lisboa  
p. r  
Regras geraes da melhor Orthogra-  
phia. Lisboa, por Domingos Carneiro,  
Anno 1666.

ANTONIO VIEIRA,  
da Companhia.  
Sermoens. Tom. 1. Lisboa por João da  
Cota. Anno 1679.  
Tom. 2. Lisboa, por Miguel Ceslandes.  
Anno 1682.  
Tom. 3. Ibidem. Anno 1683.  
Tom. 4. Ibidem. Anno 1685.  
Tom. 5. Ibidem. Anno 1686.  
Tom. 6. Ibidem. Anno 1688.  
Tom. 7. Ibidem. Anno 1689.  
Tom. 8. Ibidem. Anno 1690.  
Tom. 9. Ibidem. Anno 1692.  
Tom. 10. Ibidem. Anno 1694.  
Tom. 11. Ibidem. Anno 1696.  
Tom. 12. Ibidem.  
Palavra de Deus, empenhada, e dese-  
mpenhada. &c. Lisboa, por Miguel  
Ceslandes. Anno 1690.

AYRES VARELLA.  
Successos das fronteiras no anno de  
41. Lisboa, por Comingos Lopes. Anno  
1642.

BALTHAZAR PAES.  
Sermoens da Quaresma. Lisboa. An-  
no 1630. e 1633. 2. volumes.  
Sermoens da Semana santa. 2. vo-  
lumes.

O. P. BALTHAZAR TELLES,  
da Companhia.  
Chronicas da Companhia de Jesus  
da Provincia de Portugal. Anno  
1645. 48. e 60. 3. vol. in Fol.  
Historia Geral da Ethiopia Alta.  
Coimbra, por Manoel Dias. Anno  
1660. in Fol.

BELCHIOR DE S. ANNA.  
Chronica dos Carmelitas descalços  
de Portugal. Lisboa, por Henrique  
Valente de Oliveira. Anno 1657. in  
Fol.

O. P. BENTO PEREIRA,  
da Companhia.

BENTO TEIXEIRA FEO.  
Naufragio da Nao Sacramento, e N. Se-  
nhora da Atalaya. Lisboa, na officina  
Crasbeckiana. Anno 1650.

BERNARDINO DA SILVA.  
Defensa da Monarchia Lusitana. Co-  
imbra. Anno 1620.

BERNARDINO DE S. ANTONIO.  
Vida do Servo de Deus Fr. Simão da Ro-  
cha. Lisboa, por Pedro Craesbec.

Fr. BERNARDO DE BRITO,  
Relig. de S. Bernardo.  
Monarchia Lusitana. 1. parte. Alcob-  
ca. Anno 1597. in Fol.  
Monarch. Lusitana. 2. parte. Lisboa.  
Anno 1609. in Fol.  
Chronica de Cister. Lisboa, por Pedro Cra-  
esbec. Anno 1602.  
Elogios dos Reis de Portugal. Lisboa,  
por Pedro Craesbec. Anno 1603.

O. P. BERTOLAMEU DE QVENTAL.  
Meditações da sacratissima morte,  
e paixão de Christo Senhor Nosso. Lis-  
boa, por Antonio Rodrigues. Anno 1675.  
Meditações da Infancia de Chris-  
to até os trinta annos de sua idade. Lis-  
boa, por Miguel Ceslandes. Anno 1682.  
Sermoens

BERTOLAMEU GVERREIRO.  
Jornada dos Vassallos de Portugal, para  
restaurar a Bahia. Lisboa, por Mat-  
theus de Pinheiro. Anno 1625.  
Recuperação da Bahia. Lisboa por  
Mattheus Pinheiro. Anno 1625.

BERTOLAMEU PACHÃO.  
Fabula dos Planetas, moralizada com  
varia doutrina politica, Ethica, e Eco-  
nomica. Lisboa, por Comingos Lopes  
Rosa. Anno 1643.

CATALOGO DOS AVTORES PORTVGVI

D. CHRISTOVAO DE ALMEIDA  
*Bispo de Martyria.*  
*Sermoens varios. 1. parte. Lisboa por*  
*João Galvão. Anno 1681.*  
*2. parte. Lisboa. Anno 1680.*  
*3. parte. Lisboa, por Miguel Ceslan-*  
*des. Anno 1680.*

CHRISTOVAO DE LISBOA.  
*Santoral de varios sermoens. Lisboa.*  
*Anno 1638.*  
*Jardim da Escritura. Lisboa, por*  
*Pedro Craesbec.*

Fr. CHRISTOVAO OSORIO.  
*Pancargia dos varoens illustres da*  
*Santissima Trindade. Lisboa, na of-*  
*ficina de Pedro Craesbec. Anno 1628.*

CHRISTOVAO RODRIGUES DE OLI-  
 VEIRA.  
*Summario de algumas noticias de*  
*Lisboa.*

DAMIAO DE GOES.  
*Chronica del Rey D. Manoel. Lisboa*  
*Anno 1566. e 1619. in Fol. por Antonio*  
*Alvares.*  
*Chronica do Principe D. João, que foi*  
*destes reinos segundo de nome. Lisboa,*  
*por Francisco Correa. Anno 1567. in*  
*Fol.*

D. DIOGO D'ANNUNCIAÇÃO,  
*Arcebispo de Evrangantor.*  
*Trofeo Evangelico, exposto em sermo-*  
*ens Historicos, Moraes, e Panegyricos.*  
*Lisboa, na officina de Miguel Ceslan-*  
*des, Anno 1685.*  
*2. parte, Lisboa, Anno 1699.*  
*3. parte, Lisboa, Anno 1699.*

DIOGO BERNARDES.  
*Flores do Lima. Lisboa. Anno 1597.*  
*Varias rimas. Lisboa. Anno 1616.*  
*Rimas Portuguezas, e Castelhannas.*  
*Lisboa, por Jorge Rodrigues. Anno 16-*  
*01.*  
*Rimas devotas. Ibid. Anno 1622.*

DIOGO DO COVTO.  
*Decada quarta da Asia. Lisboa, por Pe-*  
*dro Craesbec, no Collegio de S. Agosti-*

*nho. Anno 1602.*  
*Decada quinta da Asia. por*  
*Craesbec. Anno 1612.*  
*Decada sexta da Asia.*  
*por Craesbec. Anno 1614.*  
*Decada settima da Asia. Lisboa.*  
*Pedro Craesbec. Anno 1616.*  
*Decada outava da Asia. Lisboa us-*  
*ta de João da Costa, e Piogo Soave An-*  
*no 1673.*

Fr. DIOGO DE LEMOS.  
*Vida de S. Domingos. Anno 1524.*

DIOGO DE PAIVA DE ADRADA.  
*Sermoens do Advento, e Guaresma. Lis-*  
*boa. Anno 1603. in 4.*  
*Sermoens das Festas de N. S. e dos*  
*Santos. Anno 1604.*

DIOGO FERNANDES FERREIRA.  
*Arte da Caca da Altenaria. Lisboa, por*  
*Jorge Rodrigues. Anno 1611.*

DIOGO MARQUEZ SALGVEIRO.  
*Relação das festas da Companhia de Jesus,*  
*na Beatificação de S. Francisco Xavier.*  
*Lisboa, por João Rodrigues. Anno 1621.*

DIOGO MONTEIRO.  
*Arte de orar. Coimbra, por Piogo Gomes.*  
*Anno*

outro DIOGO MONTEIRO.  
*Poema de S. Gonçalo de Amarante.*

DIOGO GOMES CARNEIRO.  
*Historia do Capuchinho Escocez. Tradução*  
*do Italiano. Lisboa, por Henrique Valente.*  
*Anno 1657. in 12.*  
*Oração Apodoxica aos Scismaticos da Pa-*  
*tria. Lisboa, por Lourenço de Anveres.*  
*Anno 1641.*

DIOGO PERES CINSA.  
*Vida, e martyrio de S. Vicente. Lisboa, por*  
*Pedro Craesbec. Anno 1620.*

Fr. DOMINGOS DE S. THOMAS.  
*Predica Sacramental. Lisboa, por João*  
*da Costa. Anno 1675.*



# CATALOGO DOS AVTORES PORTUGUEZES

FERNÃO D'OLIVEIRA.

Grammatica da Linguagem Portugueza. Lisboa, em casa de Germao Galvães de, Anno 1536.

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA  
Historia da India.

FERNÃO MENDES PINTO.

Historia da sua peregrinação, em que dá conta de muitas e estranhas cousas, que vio, e ouvio no Reino da China, no da Tartaria. &c. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1614. in Fol.

FR. FRANCISCO ESPINOLA  
Escola Delur. & de varias licores, em onze p.  
8 FRANCISCO ALVARES.

Verdadeira informacão do Preste João das Indias. Lisboa. Anno 1640. in Fol.

OP. FRANCISCO AYRES.

Paralheiros Academicos. Lisboa por Antonio Craesbec. Anno 1662.

Metaphoricos Exemplares da esclarecida origem das virtudes &c. Lisboa, por Ant. Craesbec. Anno 1668.

OP. FRANCISCO CARDIM.

Relacão das Provincias do Japão, Malavar, &c.

OP. Fr. FRANCISCO DA NATIVIDADE,  
Carmelitano.

Lenitivos da dor, applicados no sentimento da morte da Serenissima Raynha Dona Maria Sofia. Lisboa, na officina de Miguel Ceslandes. Anno 1700.

FRANCISCO DE ANDRADA.

Chronica del Rey D. João o terceiro. Lisboa, por Jorge Rodrigues. Anno 1613. in Fol.

O primeiro cerco de Cio, em verso. Lisboa. Anno 1589.

FRANCISCO D'ANDRADA LEITÃO.

Discurso Politico sobre haver de largar a Coroa de Portugal Angola, S. Thomé, e Maranhão. Lisboa, por Antonio Alvares. Anno 1642.

FRANCISCO DA SILVA.

Opusculo da infancia, e puericia dos Portuguezes. Lisboa, por Paulo Craesbec. Anno 1644.

FRANCISCO DE BRITO FREIRE.

Historia da guerra Brasilica, Decada 1. Lisboa, por João Galvão. Anno 1675.

in Fol.

Relacão da viagem, que fez o armada da companhia se thor General. Lisboa, lente, Anno 1657.

OP. FRANCISCO DE PORTUGAL.

Divinos, e humanos versos. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno 1652.

OP. FRANCISCO DE SÁ DE MENEZES.

Malaca conquistada, Em outava Lisboa. Por Paulo Craesbec. Anno 1626.

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA.

Satiras e Elogas. Porto, por João Rodrigues. Anno 1626.

OP. FRANCISCO DE SANTA MARIA,

Conego da Congregação do Evangelista.

O ceo, aberto na Terra.

Historia das sagradas Congregações dos Conegos seculares de S. Jorge em Alga Venera, e de S. João Evangelista em Portugal. Lisboa, na officina de Manoel Lopes Ferreira. Anno 1697.

FRANCISCO DE SOUSA COVTEINHO.

Manifesto, e Protestação sobre a injusta retenção do Principe D. Quarte. Lisboa. Anno 1641.

FRANCISCO LOPES LIVREIRO.

Vida de S. Antonio em Quintilhas. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1610.

OP. FRANCISCO MANVELI.

Epanaphoras de varia historia Portugueza. Lisboa, por Antonio Craesbec. Anno 1676.

Carta de guia de casados. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno 1631.

Cartas familiares escritas a varias pessoas sobre assumptos diversos. Roma, por Felipe Maria Mancina. Anno 1664.

FRANCISCO MORATO ROMA.

Luz da Medicina. Practica racional, e Methodica. Lisboa, por Antonio Craesbec de Mello. Anno 1672.

♀ partes. Lisboa, na officina de Manoel Lopes Ferreira, do Anno de 1695, até o Anno de 1707. 8

FRANCISCO PACHECO.  
Trata da cavalleria de Gineta. Lisboa, na officina de João da Costa. Anno 1670.

FRANCISCO ROBRIGVES LOBO.  
Arte na Aldea, e noites de Inverno. Lisboa, na officina de Antonio Pedrosa Arao. Anno 1695.

Manava. Primeira, e segunda parte. Lisboa por Antonio Craesbec de Mello. Anno 1670.

desenganado. Lisboa, por Antonio Craesbec de Mello, Anno 1670.

Ovelha de Portugal. Poema Heroico. Lisboa. Anno 1610.

Eclogas. Lisboa. Anno 1605.

Vida de S. Maria Egipciaca, em outavas. Por Leonel

P. FRANCISCO ROGEMONT,  
da Companhia.

Relação do Estado Politico, e Espiritual do Imperio da China, traduzida do Francez em Portuguez por hum Autor Anonimo. Lisboa, por João da Costa. Anno 1672.

FRANCISCO SOARES TOSCANO.  
Parallos de Principes, e Varoens illustres antigos. Evora, por Manoel Carvalho. Anno 1623.

FRANCISCO VÂS D'ALMADA.  
Tratado do successo da Nao S. João Bautista. Anno 1625.

FRANCISCO VELASCO DE GOVVEA.  
Justa acclamação do Serenissimo Rey de Portugal Q. João o Quarto. Lisboa, por Lourenço de Anveres. Anno 1644. in Fol.

GABRIEL DE MATOS.  
Perseguição do Japão. Anno 1616.

GABRIEL GRISLEY.  
Desenganos para a Medicina, ou Botica, para todo pay de familias. Lisboa, por Henrique Valente. Anno 1656.

Fr. GABRIEL PAES.

Or enacoens da terceira ordem de S. Francisco.

GABRIEL PEREIRA DE CASTRO.  
Lisboa, ou Lisboa edificada. Poema Heroico de Gabriel Pereira de Castro, dedicado ao principe Dom Theodosio.

GASPAR BABREIROS.  
Chorographia de alguns lugares, que estão em hum caminho, que fez o ditto Almirante de Badajos de Castella a Malta, e Italia. Coimbra, por João Alvares, Anno 1561.

Censura sobre quatro Livros, intitulados em M. Porcio Catao de originibus, em Beroso Chaldeo, em Manethan Egypcio, e em G. Fabio Pictor Romano. Coimbra, por João Alvares. Anno 1561.

Fr. GASPAR DA CRUZ.  
Tratado, em que se contaõ muito por extenso as cousas da China com suas particularidades, e assim do Reino de Ormuz. Evora, por André de Bruga. Anno 1659.

GASPAR DE SÂ.  
Itinerario da India. Lisboa, Anno 1611.

Fr. GASPAR DE S. BERNARDINO.  
Itinerario da India por terra, até este Reino. Lisboa, na officina de Vicente Alvares. Anno 1611.

GASPAR ESTACO  
Antiquidades de Portugal. Lisboa, por Pedro Craesbeeck, Anno 1625.

♀ GASPAR NICOLAS.  
Practica da Aritmetica, acrescentada por Manoel de Figueiredo, Cosmographo mór. Lisboa, por João Galvão. Anno 1677.

GASPAR PEREIRA.  
Informação por parte das ordens de Santiago, e Avis. Lisboa, por Jorge Rodrigues. Anno 1630. in Fol.

Fr. GERARDO DAS CHAGAS.  
Tratado do direito da Religião de S. Bernardo. Anno 1554.

GERARDO DE ESCOBAR.  
Cristaes da alma, Phrases do coração, &c. Lisboa, por Manoel Lopes Ferreira. Anno 1690.

Fr. GIL DE S. BENTO.

CATALOGO DOS AVTORES PORTVGV - ZES,

Satisfação Apologetica, e Quin'a essencia das verdades. Lisboa, por Manoel da Silva. Anno 1651.

GOMESIO DE S. ESTEVAO.  
Historia do Infante D. Pedro, que correu as sette partidas do mundo.

GONÇALO GOMES CALDEIRA.  
Thesouro de prudentes, novamente acrecentado, e ampliado. Lisboa, por João da Costa. Anno 1675.

GONÇALO VAZ.  
Breve compendio das ceremonias da Missa. Lisboa, por Antonio Craesbec. Anno 1656.

GONÇALO VÁS COVTEINHO.  
Historia do successo da Ilha de S. Miguel com a armada Inglesa. Lisboa, na officina Craesbeckiana. Anno 1630.

Fr. HEITOR PINTO.  
Jerônimo.

Imagem da vida Christã, ordenada em Dialogos, 1. e 2. parte. Lisboa, por Miguel Manescal. Anno 1681.

Fr. IACINTO DE DEOS.

Capucho.  
Escudo dos Cavalleiros das ordens militares. Lisboa, por Antonio Craesbec de Mello. Anno 1670.

Brachilogia de Principes. Lisboa, por Antonio Craesbec de Mello. Anno 1671.

Vergel de Plantas, e flores da Provincia da Madre de Deos dos Capuchos reformados. Lisboa, por Miguel Deslandes. Anno 1690. in Fol.

IACINTO FREIRE DE ANDRADA.  
Vida de D. João de Castro, quarto Visorrey da India. Lisboa, por João da Costa. Anno 1671. in Fol.

IERONIMO CORTEREAL.  
Successo do segundo cerco de Cio. Lisboa, Anno 1574.

Naufragio de Manoel de Sousa de Sepulveda. Lisboa, por Simão Lopes. Anno 1594.

IERONIMO DE ENL. NÇA.  
Jornada de Africa. Lisboa. Anno 160.

IERONIMO FREIRE DE ARAO.  
Discurso Politico da Excellencia, aborre-cimento, perseguição, e zelo da Cidade de Lisboa, por Lourenço de Anveres. Anno 1647.

O. P. IERONIMO RIBEIRO.  
Sermoens avulsos impressos em Coimbra, em diferentes annos.

IOAO BARREIRA.  
Repertorio dos tempos. Coimbra. Anno 1592.

IOAO BAVTISTA D'ESTE.  
Consolacão Christã. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1616.

IOAO BAVTISTA LAVANHIA.  
Viagem da Catholica Real Magestade d'el Rey Felipe segundo ao Reino de Portugal, e Relacão do Solemne recebimento, que nelle se lhe fez. Madrid, por Thomas Juntis. Anno 1622. in Fol.

Regimento Nautico. Lisboa, por Simão Lopes. Anno 1595.

Naufragio da Nao S. Alberto. Lisboa, Anno 1597.

Fr. IOAO CARDOSO.  
Jornada da alma libertada. Lisboa, por Gerardo da vinha. Anno 1626.

IOAO CURVO SEMEDO.  
Tratado da Peste. Lisboa, por João Galvão. Anno 1680.

Polyanthea Medicinal, Noticias Galenicaz e Chemicas. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, Anno 1697.

Observaçoes Medicas, Doutrinaes de casos gravissimos. Lisboa, na officina de Antonio Pedroso Galvão, Anno 1707.

Fr. IOAO DA MADRE DE DEOS.  
Explicacão dos Psalmos penitenciais. Lisboa, Anno 1613.

Fr. IOAO DAS CHAGAS.  
Triumphos da pobreza Evangelica. Lisboa. Anno 1625.

Fr. IOAO DE CEVTA, Religioso de S. Francisco.  
Quadragesma de Sermoens. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1619. in Fol.

Quadro, na segunda de sermoens. Li-  
v. va, por Lourenço Craesbec. Anno  
162. in Fol.

OP IOAÕ DE LVCENA,  
da Companhia.

Historia do P. Francisco de Xavier, e  
do que fizeram na India os mais Re-  
ligiosos da Companhia de Jesus. Lisboa,  
Anno 1600. in Fol.

IOAÕ DE MADEIROS CORREA.

Panegirico a Andre de Albuquerque  
Ribafria. Lisboa, por Domingos Car-  
neiro. Anno 1662.

Relação da Restauração da Bahia.  
Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1625.  
in 4.

Relação da tornada do Recife, Ita-  
maracá, Paraíba, &c. Lisboa, na offi-  
cina Craesbeckiana. Anno 1654.

Perfeito Soldado, e Politica mili-  
tar. Lisboa, por Henrique Valente de  
Oliveira. Anno 1659.

IOAÕ DE MELLO DE SOUSA.

Silva de varios Romances. Anno 15-  
88.

Fr. IOAÕ DE S. FRANCISCO.  
Primavera sagrada. Lisboa, por  
Domingos Carneiro. Anno 1675.

Fr. IOAÕ DOS PRAZERES,  
Religioso de S. Bento.

Vida do Patriarca S. Bento, discus-  
sada em empresas politicas, e predica-  
tivas. Tomo 1. Lisboa, por João Galvão,  
anno 1690. in Fol. Tom. 2.

Abecedario Real, e Regia instruc-  
ção de Principes Lusitanos. Lisboa,  
por Miguel Deslandes. Anno 1692.  
in 8.

Fr. IOAÕ DOS SANTOS,  
Dominico.

Ethiopia Oriental, repartida em  
cinco livros; E varia Historia de  
 cousas notaveis do Oriente. Impr-  
essa no Convento de S. Domingos  
de Evora, por Manoel de Lira.  
Anno 1609.

IOAÕ FRANCO BARRETO.

Orthographia da Lingoa Portugueza. Lis-  
boa, por João da Costa. Anno 1671.

IOAÕ PEREIRA DA SILVA.

Epinicio Lusitano. Lisboa. Anno 1665.

Lysia saudosa, na morte da Infan-  
ta D. Isabel, Luisa, Josepha. Lisboa, An-  
no 1690.

IOAÕ PINTO RIBEIRO.

Desengano ao parecer enganoso, que se a-  
a El Rey D. Felipe. Lisboa, por Paulo Craes-  
bec. Anno 1645.

Discurso, sobre os Portuguezes não milita-  
rem em conquistas alheas. Lisboa, por Pau-  
lo Craesbec. Anno 1632.

Preferencia das letras ds armas. Lisboa,  
por Paulo Craesbec. Anno 1645.

IOAÕ SALGADO DE ARAUJO.

Successos militares.

IOAÕ SOARES DE BRITO.

Apologia do Principe dos Poetas de Hes-  
panha, Luis de Camoens. Lisboa, por Lou-  
renço de Anveres. Anno 1641.

IORGE CARDOSO.

Agiologio Lusitano, Tom. 1. Lisboa, na offi-  
cina Craesbeckiana. Anno 1652.

Agiologio Lusitano, Tom. 2. Lisboa, por  
Henrique Valente de Oliveira. Anno 1657.

Agiologio Lusitano, Tom. 3. Lisboa, por  
Antonio Craesbeck de Mello. Anno 1666.

Fr. IORGE DE CARVALHO

Vida do Conde Duque. Lisboa, por Ma-  
noel Gomes de Carvalho. Anno 1650.

IORGE DE LEMOS.

Historia dos Cercos de Malaca, pellos  
Achens, e Jaos. Lisboa, em casa de Mano-  
el de Lira. Anno 1585.

IORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS.

Tres Comedias. Anno 1616. 1618. 1619.

IOSEPH CABREIRA.

Naufragio da Naõ N. Sra de Bellem.  
Lisboa, por Lourenço Craesbec. Anno 1636.

# CATALOGO DOS AVTORES PORTUGUEZES,

- IOSEPH HOMEM D'ANDRAD . . . nial dos Bispos, anno. Lis-  
 Primeira, e segunda parte Apologetica i- boa, por Joao da Costa. Anno 1667  
 ca 9<sup>ta</sup> trituração da Dalaga. Lisboa,  
Anno 1692. Illustrações aos Manuaes da Lis-  
 solemne, e officio da soma anta. Lis-  
boa, por Henrique Valente de C. ra.  
Anno 1660.
- Fr. ISIDORO BARREIRA.  
 Tratado das significações das Plantas,  
 Flores, e frutos, que se referem na Sa- P. LVIS ALVARES,  
 grada Escritura. Lisboa, por Pedro Cra-  
esbec. Anno 1622. da Companhia.  
 Amor sagrado. Evora. Anno 1673.  
 Semoens 1. e 2. parte. Lisboa, por M. uel De  
landes. Anno 1693.
- LA. 'RO DE LA ISLA.  
 Breve Tratado da Arte da Artelha- Fr. LVIS DA NATIVIDADE.  
 via, e Geometria, e Artificios de fogo. Divindade do filho de Deus  
Lisboa, por Comingos Carneiro. Anno  
1676. por ordem de Joseph Homem de  
Menezes. boa. in fol.
- LEANDRO DE FIGVEIRA.  
 Arte do computo Ecclesiastica. Lis-  
boa, por Manoel de Araujo. Anno 16-  
04.
- Fr. LEAÃO DE S<sup>TO</sup> THOMAS.  
 Benedictina Lusitana. Tom. 1. Coimbra Fr. LVIS DE CAMOENS.  
 na officina de Ciego Gomes Loureiro. Os Lusíadas, Rimas, Comedias, e mais obras.  
 Anno 1644. Tom. 2. Ibid. na officina Lisboa, por Antonio Craesbec. Anno 1669.  
 de Manoel de Carvalho. Anno 1651.
- LEONEL DA COSTA.  
 Eglogas, e Georgicas de Virgilio, Tradu- Fr. LVIS DE MERTOLA, ou DA APRE-  
 zidas do Latim em verso solto, com a SENTAÇÃO.  
 e explicação de todos os lugares escu- Vida do P. Fr. Antonio da Conceição. Lis-  
 ros, Historias, e fabulas, que o Poeta boa.  
 tocou. Lisboa, por Gerardo da Vinha.  
Anno 1624. in fol. Vida do P. Fr. Manoel Tavares.  
Vida do Ven. P. Fr. Estevão. Lisboa, por Cra-  
esbec. Anno 1621.
- A vida de Virgilio, no principio das di- Da Esmola, e seus fructos. Lisboa, por Ge-  
 tas obras. rardo da Vinha. Anno 1625.  
Contra os Hebreos. Ibidem. in fol.
- LOPO DE SOVSA COVTINHO.  
 O primeiro cerco de Cio, em verso. D. LVIS DE MENEZES,  
Conde da Ericeira.  
Portugal Restaurado. Tom. 1. in fol. Lisboa, na  
de Joao Galvao, ~~1677~~ Anno 1679.  
Tom. 2. Lisboa, na officina De Miguel Des-  
landes, Anno 1690.
- Fr. LOVRENÇO GARRO.  
 Breve doutrina dos Sacramentos. Fr. LVIS DE SOVSA,  
Dominico.  
Primeira, e segunda parte da Historia  
de S. Domingos. Bemfica. Anno 1622.  
ou em Lisboa, por Henrique Valente. An-  
no 1662.
- Fr. LOVRENÇO PORTEL.  
 Explicação dos casos reservados. Lis-  
boa, por Pedro Crasbec. Anno 1610. in 8. Vida do Ven. Com Fr. Bertolameu dos  
Martyres, Arcebispo de Braga, composta  
Luis Cacegas, reformada, e ampliada por Fr. Luis de  
Na villa de Viana, por Niculao Carvalho, anno de 16
- Fr. LOVRENÇO PORTEL.  
 Explicação dos casos reservados. Lis-  
boa, por Jorge Rodrigues. Anno 1611. Fr. LVIS DOS ANJOS.  
Jardim de Portugal de molheres illus-  
tres. Coimbra. Anno 1626.
- LUCAS DE ANDRADA.  
 Accoens Episcopaes, tiradas do Ceremo- Outro Fr. LVIS DOS ANJOS.

CITADOS PELLA MAYOR PARTE NESTA OBRA,

Mesa Espiritual. Lisboa. Anno 1667. Fr. MANOEL CALLADO.

LVIS LOVRENÇO DE SAMPAYO.

Discursos Politicos. Lisboa. Anno 1670.

LVIS MARINHO DE AZEVEDO.

Commentarios da guerra do Alentejo. Lisboa, por Lourenço de Anvers. Anno 1644.

Apologeticos discursos em defesa da fama, e boa memoria de Fernão de Albuquerque, Governador da India. Lisboa, por Manoel da Silva. Anno 1641.

Fundação, Antiquidade, e grandezas de Lisboa Part. 1. in Fol.

LVIS MENDES DE VASCONCELLOS.

Arte militar. Lisboa, por Vicente Alvares. Anno 1612. in Fol.

Sítio de Lisboa. Lisboa, por Luis de Estapinan. Anno 1608.

LVIS PEREIRA.

Elegiada do successo da armada del Rey D. Sebastião. Lisboa, Anno 1588.

LVIS SERRÃO PIMENTEL.

Methodo Lusitanico de desenhar as fortificaçoens das praças regulares, e irregulares, posto de campanha, e outras obras pertencentes á architectura militar. Lisboa, por Antonio Craesbec de Meho. Anno 1680. in Fol.

Roteiro do mar mediterraneo, tirado do Espelho, ou Tocha do mar, no qual se contem as derrotas, Portos, Baixos, e Correntes até avante de Napoles, e pelas Ilhas deste mar, até Sicilia, pelas costas de Berberia, até Tunés. Lisboa, por João da Costa, Anno 1676. in Fol.

MANOEL ALVARES PEGAS.

Allegação de Direito sobre a casa de Aveiro a favor do Conde de Figueiró. Lisboa, por João da Costa. Anno 1667. in Fol.

MANOEL BERNARDES  
Da Congregação do Oratório, Exercícios

MANOEL BOCARRO.

Anacephaleoses da Monarchia Lusitana, com suas Anotaçoens. Lisboa, por Antonio Alvares. Anno 1624.

O valeroso Lucideno, e triumpho da liberdade. Primeira parte. Lisboa, por Paulo Craesbec. Anno 1648. in Fol.

Fr. MANOEL DA ESPERANÇA.

Historia Seraphica. Lisboa, por Craesbec. Anno 1656. in Fol.

MANOEL DA VEIGA.

Laura de Anfriso. Evora, Anno 1628.

Outro MANOEL DA VEIGA.

Relação da Christandade de Ethiopia. Lisboa, por Mattheus Pinheiro. Anno 1628.

Tratado da vida, e virtude do Ven. Simão Gomes. Lisboa, por Mattheus Pinheiro. Anno 1625.

Fr. MANOEL DAS CHAGAS.

Vida de S. Thereza, em outava rima. Anno 1630.

Meditaçoens de Christo. Lisboa, Anno 1577.

Fr. MANOEL DE AZEVEDO,  
Carmelita.

Correção de abusos, introduzidos contra o verdadeiro methodo da Medicina. Lisboa, por Diogo Soares de Bulhões. Anno 1668.

MANOEL DE BRITO.

Antiquidades de N. Sra de Nazareth. Lisboa. Anno 1628. e de segunda impressão, Anno 1631.

MANOEL DE COIMBRA.

Relação do sumptuoso apparato, que se dispoz na grande Igreja de S. Pedro de Roma, e Ceremonias na canonização dos Santos, S. Lourenço Justiniano, S. João Capistrano, &c. Lisboa, por Manoel Lopes Ferreira. Anno 1691.

MANOEL DE FARIA.

Promptuario moral de questoes practicas, e casos repentinos na Theologia moral, para exame de Curas, e confessores, traduzido do Castelhana. Lisboa, por Domingos Carneiro. Anno 1676.

MANOEL DE FARIA, E SOUSA.

Commentarios de Camoens. 2. volum. in Fol.

pinturas e medita-  
da Via Purgativa  
na officina de  
Destlandes,  
Parte Parte,

no 1686.

2 e 3.ª obra

situada para os

1.ª e 2.ª exercicio

11.ª e 12.ª cas

ho.ª perfeição.

na officina

de Destlandes

no 1696.

8

Madrid. Anno 1639.  
Albania. Poema Lyrico.

MANOEL DE FIGVERED

Hydrographia. Exame de Pilotos. Anno  
1625.

Fr. MANOEL DE LA CERDA.

Memorial, ou Antidoto contra os pões ve-  
nenosos. Lisboa. Anno 1631.

Fr. M. JOEL DOS ANJOS.

Historia universal, em que se descri-  
vem os Imperios, Monarchias, Reinos,  
e provincias do mundo, com muitas co-  
usas notaveis, que hã nelle. Coimbra, po-  
r Manoel Elias. Anno 1651.

Triumpho da Sacratissima Virgem Ma-  
ria. Lisboa, por Lourenço Craesbec. An-  
no 1638.

MANOEL DOS REYS, TAVARES.

Controversias Philosophicas, e Medicas  
Lisboa, por João da Costa. Anno 1667.

MANOEL FERNANDES.

Recapitulação da antiguidade da Sé de  
Lamego.

Op. MANOEL FERNANDES,  
da Companhia.

Alma instruida na doutrina, e vida  
Christã. Primeira parte. Lisboa, por  
Miguel Deslandes. Anno 1688.  
Segunda parte. Ibidem. Anno 1690. in Fol.

MANOEL FERNANDES DE VILLA-  
REAL.

Discursos Politicos da vida do Cardeal Ri-  
cheliu.  
Ante caramuel. Paris. Anno 1643.

Fr. MANOEL FRAGVELA.  
Das idades do Homem. Lisboa

Op. MANOEL GODINHO.

Vida, e virtudes, e morte com opinião  
de Santo do Ven. Padre Fr. Antonio das  
Chagas. Lisboa, por Miguel Deslandes.  
Anno 1687.

Horario Evangelico, demonstrador de 4.  
horas dadas pelos Evangelistas, com  
outras tantas meditaçoens sacramen-

taes para ellas; no Jubileu perenne  
que a Santidade de papa Innocencio xi.  
concedeo a esta Cidade de Lisboa à ins-  
tancia do Ilmo. Senhor. D. Sousa, Ar-  
cebispo de Lisboa. Lisboa, por Miguel Des-  
landes. Anno 1683.

Relação do novo caminho, que fez por terra, e  
India. Lisboa, na officina de Henrique Valente.  
— MANOEL GODINHO CARDOSO.

Relação do naufragio da Não Santia-  
Anno 1602.

MANOEL LEITÃO.

Prática de Barbeiro, em 4. Tratados, m  
os quaes se trata como se hã de ser  
Lisboa, por Francisco Villet. Anno 1667.

MANOEL LOPES DE OLIVEIRA.

Allegação de Qireito à favor do Marquez  
de Govea, sobre o Ducado de Aveiro. Lis-  
boa, por Antonio Craesbec. Anno 1666. in  
Fol.

MANOEL MENDES BARBUDA.

Vida de N. Sra em outavas. Lisboa, por Eio-  
go Soares. Anno 1667.

MANOEL MONTEIRO.

MANOEL NVNES DA SILVA.

Arte minima, que com semibreve pro-  
lação trata em tempo breve os modos da  
maxima, e longa sciencia da Musica. Lis-  
boa, por João Galvão. Anno 1685.

MANOEL PIMENTEL.

Arte practica de navegar, e Roteiro das  
viagens, e costas maritimas do Brasil,  
Guiné, Angola, Indias, e Ilhas Orienta-  
es, e Occidentaes, novamente emendado,  
e acrecentado do Roteiro da Costa de Es-  
panha, e mar mediterraneo. Lisboa, na  
officina de Bernardo da Costa de Car-  
valho, Anno 1699. in Fol.

MANOEL SEVERIM DE FARIA.

Noticias de Portugal. Lisboa, na offi-  
na Craesbeckiana. Anno 1655. in Fol.

MANOEL THOMAS.

Insulana. Poema Heroico do descobri-  
mento da Ilha da Madeira. Anvers,

por João Meur. is. Anno 1635.

MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA.  
Miscellanea

MANOEL XAVIER.

Victorias a governador da India,  
N. o. Alvares Botelho. Lisboa, por An-  
tonio Alvares. Anno 1633.

MARCOS DE LISBOA,  
Bispo do Porto.

Primeira parte das Chronicas de S.  
Francisco. Lisboa, por Pedro Craesbec.  
Anno 1615.

MARIA MADALENA,  
Freira da Madre de Deos.

Vida de S. João Evangelista. Lisboa,  
Anno 1628.

D. MARIANA DE LVNA.  
Ramalhete de flores, em verso. Lisbo-  
a, por Comingos Lopes. Anno 1642.

M. P. MARTIM ROA.  
Estado dos Bemaventurados no Ceo.  
Lisboa, por Antonio Alvares. Anno  
1628.

MATHEVS BOSIO.  
Compendio Genealogico da Real casa  
de Saboya, com hum appendice, em  
que se dá succinta noticia dos Esta-  
dos, rendas, forças, e titulos, que tem  
esta augustissima casa. Lisboa,  
por Miguel Ceslandes. Anno 1682.

MAURO DE ROBOREDO.  
Porta de linguas, ou modo muito ac-  
commodado para as entender; pu-  
blicado primeiro com a traducção  
Espanhola, agora acrescentada a  
Portuguezá com numeros inter-  
lineares. Lisboa, por Pedro Craes-  
bec. Anno 1623.

MELCHIOR BRAS FREIRE.  
Jornada do Arcebispo D. Fr. Aleixo  
de Meneses.

MELCHIOR ESTAÇO D'AMARAL.  
Relaçoes de batalhas entre hun-  
galeos Portuguezes, Hollandezes,  
e Inglezes. Lisboa, Anno 1602.

MISSIONARIOS DA COMPANHIA DE  
IESV.

Noticias summarias das Perseguições  
da Missão de Cochinchina. Lisboa, na  
officina de Miguel Manescal. Anno 1700.

NICOLAO AGOSTINHO.

Summario da vida do Ilmo. Senhor E.  
Theotonio de Bragança. Covra, por Fran-  
co Simoens. Anno 1614.

Fr. NICOLAO DE OLIVEIRA.

Livro das grandezas de Lisboa. Lisboa.  
Anno 1620.

D. NICOLAO DE S. MARIA,  
Conego Regrante.  
Chronica das ordens dos Conegos Re-  
grantes. Primeira, e segunda parte. Lis-  
boa, por João da Costa. Anno 1668. in Fol.

Fr. NICOLAO DIAS.

Do Rosario de N. Sra. Lisboa, por Fran-  
cisco Correa. Anno 1537.  
Tratado do juizo final. Anno 1588.  
Vida da Princeza E. Joana. Lisboa, An-  
no 1585.

NVNO BARRETO FVSEIRO.

Vida de S. Theresza de Jesus. Lisboa, por  
Francisco Vellella. Anno 1691. in Fol.  
Vida do Evangelista, em outava ri-  
ma.

Pratica entre Heraclito, e Cemocrito.  
Roma, por João Jaime Komarek Bo-  
hemio, ao Anjo Custodio. Anno 1693.

Fr. PANTALEÃO BAVTISTA.

Ramalhete espiritual. Lisboa, Anno 1655.

Fr. PANTALEÃO D'AVERIO.

Itinerario da terra santa. Lisboa. Anno  
1593.

PAVLO DE PALACIO.

Summa Caietana, trasladada em lin-  
goagem Portug. Com annotaçoes de  
muitas duvidas, e casos de conscien-  
cia. Lisboa, Anno 1566.

CATALOGO DOS AVTORES PORTUGUEZES,

PAULO GONCALVES D'ANDRADA: fensão da Carta de reaar. Lisboa. Anno 1537. in Fol.  
Poesias variadas. Coimbra, Anno 1658.

Fr. PEDRO CALVO.  
Defença das lagrimas dos justos

Homilias da Guaresma. Anno 1629. in Fol.

Fr. PEDRO CORREIA.

Consiiração universal de vicios, e virtudes. Lisboa, por Pedro Craesbec. Anno 1615. in. 7.

Triumphos Ecclesiasticos. Lisboa. Anno 1617.

Triumphos Seraphicos. Evora. Anno 1683.

Fr. PEDRO DA CRUZ,  
Carmelita.

Instrucção geral para o caminho da Perfeição. Lisboa, por Domingos Rosa Lopes. Anno 1650.

PEDRO DE MAGALHAENS DE GANDAVO.

Historia da Provincia de Santa Cruz do Brasil. Lisboa, por Antonio Goncalvez. Anno 1579.

PEDRO DE MARIS.

Dialogos de varia Historia.

Historia de S. Joao de Sahagron, Patrão Salamantino.

Historias da invenção, e maravilhas do Santo Crucifixo de Burgos. Lisboa, por Antonio Alvares. Anno 1609.

09.

Fr. PEDRO DE POYARES.

Diccionario Lusitanico-Latino de nomes proprios de Regioens, Reinos, Provincias, Cidades, &c. Lisboa, por Joao da Costa, Anno 1667.

Fr. PEDRO DE S. ANTONIO.

Jardim Espiritual. Lisboa. Anno 1632.

PEDRO LOPES DE SOUSA.

Historia do primeiro cerco de Dio. Coimbra, Anno 1555.

PEDRO NVNES.

Tratado da Esfera, e Tratado em de-

PEDRO TEIXEIRA.

Relação dos Reys da Persia, Or. 12. & Anvers. Anno 1610.

Fr. RAPHAEL DE IESVS,

Da ordem de S. Bento.

Castrioto Lusitano. Entrepresa, e Restauração de Pernambuco, e das Capitania confinantes, varios, e bellicos successos entre Portuguezes, e Belgas. &c. Lisboa, na Impressão de Antonio Craesbec & de Mello. Anno 1679.

Monarchia Lusitana. Parte settima. Contem a vida de El Rey D. Affonso o 4. por Excellencia o Bravo. Lisboa, na impressão de Antonio Craesbec & de Mello. Anno 1683.

D. RODRIGO DA CUNHA,  
Arcebispo de Lisboa.

Explicação dos Jubileos do Anno de 1619, e 1621. Porto, por Joao Rodrigues. Anno 1622.

Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa. Lisboa, por Manoel da Silva. Anno 1642. in Fol.

Historia Ecclesiastica da Igreja do Porto.

Fr. ROQUE DO SOVRAL,  
Jeronimo.

Historia do apparecimento de N. Sra da Luz. Lisboa, Anno 1610.

ROQUE FRANCISCO.

Verdadeiro resumo do valor do ouro, e prata. Lisboa, por Miguel Ceslandes. Anno 1694.

RVY DE PINA.

RVY FREIRE DE ANDRADA.

Commentarios, em que se relatão suas proezas do anno 1619, em que partio de este Reino, por General do mar de Ormuz, e Costa de Persia, e Arabia até sua morte, tirados de humas relacoens &c. Lisboa, por Paulo Craesbec &c. Anno 1647.

CITADOS PELA MAIOR PARTE NESTA OBRA.

P. Y LOURENÇO DE TAVORA. *beckiana. Anno 1650.*

Historia de l'arceens illustres do ap- Panegyrico funeral, em a morte do Se-  
lido Tavora. Paris, in Fol. por Sebasti- venissimo Senhor Q. Duarte, Infante  
ão, e Go<sup>l</sup> riel Vramoisy. Anno 1648. de Portugal. Lisboa, na officina Craes-  
Foi esta Historia recolhida por Alva- beckiana. Anno 1650.

re Pires de Tavora.

SAMUEL DA SILVA.

Tratado da immortalidade da alma. Amsterdão, em casa de Paulo Raves-  
tein. Anno da criação do mundo 53-  
83.

SEBASTIAO CESAR.

Summa Politica. Em Amsterdão,  
por Simão Dias Soeiro. Anno 1650.

SEBASTIAO PACHECO VARELLA.

Numero Vocal. Exemplar Catholico,  
e politico, proposto no mayor entre os  
Santos o glorioso S. João Bautista, pa-  
ra imitação do mayor entre os prin-  
cipes o Serenissimo Q. João s. R. Lis-  
boa, na officina de Manoel Lopes Fer-  
reira. Anno 1702.

Fr. SIMÃO COELHO.

Compendio das Chronicas dos Car-  
melitas calcados. Lisboa, por Antoni-  
o Gonçalves. Anno 1572. in Fol.  
Antiquidades da ordem de N. S<sup>ra</sup>  
do Carmo. Lisboa, por Antonio Gonca-  
lves. Anno 1572.

OP. SIMÃO DE VASCONCELLOS.

Da Companhia.

Vida do Pe. João de Almeida. Lisboa,  
na officina Craesbeckiana. Anno  
1658. in Fol.

Noticias curiosas do Brasil. Lisboa,  
Por João da Costa. Anno 1668.

SIMÃO ESTAÇO DA SYLVEIRA.

Relação das cousas do Maranhão.  
Anno 1624. in Fol.

SIMÃO MACHADO.

Comedias. Lisboa. Anno 1631.

Fr. TIMOTHEO DE CIABRA,  
Carmelita.

Exhortação militar aos Saldados Pon-  
tuezes. Lisboa, na officina Craes-

Fr. THOMAS DA LVZ.

Amalthea Onomastica. Lisboa, por João  
da Costa. Anno 1672.

Fr. THOMAS DA VEIGA.

Considerações sobre as Comingas do  
Espirito Santo. Lisboa. Anno 1620. e so-  
bre as Comingas da Guaresma. Lisboa,  
na officina Craesbeckiana. Anno 1618.

VALENTIM DE SÂ.

Regimento da navegação. Lisboa.

VASCO MARTINHO DE CASTEL-  
BRANCO.

Rimas varias. Lisboa. Anno 1594.

Discurso sobre a vida da Rainha Santa  
Isabel.

VICENTE DA COSTA DE MATOS.

Breve discurso contra a perfidia Here-  
tica do Judaismo. Lisboa. Anno 1622.

VIOLANTE DO CÉU,

Religiosa Cominica.

# CATALOGO DE OUTROS LIVROS PORTUGUEZES

CUJO AVTOR SE DISSIMVLA, OV SE ANUNCIAM

TAMBEM CITADOS NESTA BIBLIOTECA.

ACADEMIAS dos Singulares do Lisboa. 1. parte. Lisboa, por Henrique Valente de Oliveira. Anno 1665.

Academias dos Singulares de Lisboa. 2. parte. Por Antonio Craesbeck de Mello. Anno 1668.

APPLAUSOS ACADEMICOS da Universidade de Coimbra, na Acclamação del Rey D. João 4. impressa por ordem do Reitor, Manoel de Saldanha. Coimbra, por Piogo Gomes do Loureiro. Anno 1641.

APPLAUSOS ACADEMICOS, e Relação da celebre victoria do Ameixial, offercidos a D. Sancho Manoel, Conde de Vilaflor. Amsterdam, em casa de Jacob Van Velsen, Anno de 1673.

CATASTROPHE DE PORTUGAL, na degrisação del Rey D. Affonso 6. e subrogação do Principe D. Pedro o Unico, Por Leandro Coria Caceres, e Faria, em Lisboa, á custa de Miguel Manescal, Anno 1669.

COMMENTARIO do grande Capitão Ruy Freire de Andrada, em que se relação suas proezas do Anno 1619, em q' partio deste Reino, por General do mar de Ormuz, e Costa da Persia, e Arabia, até sua morte. Lisboa, por Paulo Craesbeck. Anno 1647.

CONSTITVICOENS SYNODAES do Bis-pado da Guarda, impressas por mandado de D. Francisco de Castro, Bispo da Guarda. Em Lisboa por Pedro Craesbeck, Anno 1621.

ESTATVTVOS DA VNIVERSIDADE de Coimbra, impressos por mandado, e ordem de Manoel de Saldanha, Reitor da ditta Universidade, e Bispo eleito da Cidade de Coimbra. Coimbra, por Thomè Carvalho. Anno 1654. in Fol.

O FORASTEIRO ADMIRADO, Relação Panegyrica do triunfo, e festas, q' celebrou o Real Convento do Carmo de Lisboa, pella canonização da Seraphi-

ca Virgem S. Maria Magdalena de Pazzi, Por Siro Vperni, e... Lisboa, na officina de Antonio Rodriguez C. Freu, Anno 1672.

MARTYROLOGIO ROMANO, tradu do de Latim em Portuguez, por alguns Padres da Companhia de Jesus. Lisboa, na officina de Miguel Ceslandes, Anno 16

ORDENACOENS, e Leys do Reino de Portugal. Lisboa, no Real Mosteiro de S. Bento da Ordem dos Conegos. Lisboa, Anno 1636. e Anno 16

PAO PARTIDO em pequeninos para os pequeninos da Casa de Deus. Breve Tratado Espiritual. & Composto por Sum. Padre da Congregação do Oratorio de Lisboa, na officina de Antonio Pedrozo Galvão, Anno 1696.

REGRA DA CAVALLERIA, e ordem militar de Avis. Lisboa, por Jorge Royzano. Anno 1631.

RELAÇÃO dos artificios do fogo, que se fazem no Terreiro do Paço em obsequio dos felicissimos Desposorios dos Serenissimos Senhores D. João V. e de D. Mariana de Austria, Reis de Portugal. Lisboa, na officina de Manoel, e Joseph Lopes Ferrreira, 1708.

VIDA DO PRINCIPE ELEITOR, & Pay da Raynha N. Senhora, C. Maria Sofia, Isabella, a quem a dedica por seus Religiosos a Provincia de Portugal da Companhia de Jesus. Lisboa, na officina de Miguel Ceslandes, Anno de 1692.

# CATALOGO DOS AVTORES PORTVGVEZES,

## SEGUNDO AS MATERIAS, QUE TRATARAO.

Para fallar propria mente numa materia, bom he consultar o Autor, que fallou nella. Por isso no principio deste Vocabulario, em que procuro facilitar os meynos para a propriedade da Lingoa Portugueza, ao Catalogo dos Autores Portuguezes, segundo a ordem dos seus nomes, acrecento outro Catalogo, segundo a distribuiçao das materias, que tratarao. Debaixo de cada materia achara o leitor os nomes dos Autores, que fallarao nella, e querendo saber mais particularmente o que escreverao, em que lugar, e em que tempo, bastara, que busque no primeiro Catalogo o nome que se aponta neste.

### ACADEMIAS.

Vid. Academias dos singulares de Lisboa, 1. e 2. parte.

Applausos Academicos, na acclamação del Rey Q. João o 4.

Applausos Academicos ao Conde de Villaflor pella victoria do Ameixial.

### ADAGIOS.

Vid. Antonio Pelicado.

### APOLOGIAS.

Vid. Antonio Carvalho de Parada.

Bernardino da Silva.

João Soares de Britto.

Luis Marinho de Azevedo.

### ARCHITECTVRA MILITAR.

Vid. Luis Serrão Pimentel.

### ARITMETICA.

Vid. Gaspar Nicolas.

Leandro de Figueira.

Manoel de Figueiredo.

### ARTE MILITAR.

Vid. João de Madeiros Correa.

Luis Mendes de Vasconcellos.

### ARTE NAUTICA.

Vid. Antonio de Maris Carneiro.

Antonio de Naxara.

Antonio Tenreiro.

Gaspar de Sá.

João Bautista Lavanha.

Luis Serrão Pimentel.

Manoel Pimentel

Manoel de Figueiredo.

Pedro Nunes.

Valentim de Sá.

### ARTELHARIA.

Lazarro de la Isla.

### ASTRONOMIA.

Vid. André de Avellar.

Antonio Teixeira.

Antonio de Carvalho da Costa.

Antonio de Naxara.

Gonçalo Gomes Caldeira.

João Barreira.

Pedro Nunes.

### CAÇA DE ALTA VOLATERIA.

Vid. Diogo Fernandes Ferreira.

### CARTAS FAMILIARES.

Vid. Q. Francisco Manoel.

### Cartas Pastoraes.

Vid. Q. Fernando Correa de la Cerda.

### CAVALLARIA, E ALVEITARIA.

Vid. Antonio Galvão de Andrada.

Antonio Pereira Rego.

Francisco Pinto Pacheco.

### CEREMONIAS ECCLESIASTICAS.

Vid. Gonçalo Vaz.

Lucas de Andrada.

### CIRVURGIA.

Vid. Antonio da Cruz.

Joseph Ferreira.

Manoel Leitão.

### COMEDIAS.

Vid. Jorge Ferreira de Vasconcellos.

Simão Machado.

### DICIONARIOS.

Vid. Agostinho Barbosa.

Bento Pereira.

Mauro de Roboredo.

Pedro de Poyares.

Thomas da Luz.

# CATALOGO DOS AUTORES PORTUGUEZES

SEGUNDO AS MATERIAS, QUE TRATARAÕ.

## GENEALOGIAS.

Vid. O Conde Com Pedro.  
Quarte Nunes do Leão.  
Quarte Ribeiro de Macedo.  
Mattheus Bosio.  
Ruy Lourenço de Tavora.

## GEOGRAPHIA.

Vid. Gaspar Barreiros.  
Pedro de Poyares.

## GRAMMATICA.

Bento Pereira.  
Fernão de Oliveira.

## HISTORIA em geral.

Vid. André dos Anjos.  
Manoel dos Anjos.

## Historia de Portugal.

Vid. ~~Alvaro~~ Estaco.  
Alvaro Lobo.  
Antonio Brandão.  
Antonio Ceraiua.  
Antonio Varella.  
Bernardo de Britto.  
Christovão Rodrigues de Oliveira.  
Damiao de Goes.  
Quarte Nunes do Leão.  
Francisco da Alva.  
D. Luis de Meneses.  
Luis Marinho de Azevedo.  
Manoel Fernandes.  
Manoel Severim de Faria.  
Nicolao de Oliveira.  
Raphael de Jesus.  
Rodrigo da Cunha.

## Historia dos Portuguezes na Asia.

Vid. Affonso de Albuquerque.  
Amador Rabello.  
Antonio de Andrada.  
Antonio de Castilho.  
Antonio de Gouvea.  
Antonio Freire.  
Antonio Galvaõ.  
Antonio Pinto Pereira.  
Diogo de Couto. +  
8 Fernão Mendes Pinto.

Francisco Alvaros.

Francisco Cardim.

Francisco Rogemon.

Gaspar da Cruz.

Jeronimo Cortereal.

Jorge de Lemos.

Lopo de Sousa Coutinho. 7 7 Manoel Godinho. 8

8 Manoel Xavier.

Missionarios da Companhia, na Cochinchina

Pedro Lopes de Sousa.

Pedro Teixeira.

## Historia dos Portuguezes na Africa.

Vid. Agostinho de Gavi.

Agostinho de Mendonça.

Balthazar Telles.

Jeronimo de Mendonça.

João dos Santos.

Manoel da Veiga.

## Historia dos Portuguezes, na America.

Vid. Bertolameo Guerreiro.

Francisco de Britto Freire.

João de Madeiros Correa.

Manoel Callado.

Pedro de Magalhães de Gandavo.

Raphael de Jesus.

Simão de Vasconcellos.

Simão Estaco da Silveira.

## Historia das Religioens no Reino de Portugal.

Vid. Alvaro Lobo.

Antonio da Purificação.

Balthazar Telles.

Belchior de S. Anna.

Christovão Osorio.

Francisco de Santa Maria.

Jacinto de Oros.

Leão de S<sup>to</sup> Thomas.

Luis de Sousa.

Manoel da Esperança.

Marcos de Lisboa.

Nicolao de S. Maria.

Simão Coelho.

## ITINERARIOS.

Vid. Antonio Tenreiro.

Quarte de Sande.

+ Fernão Lopes de  
Castanheda. 8

Gaspar de Sá.  
Fr. Gaspar de S. Bernardino.

## IVRISPRVDENCIA.

Vid. Manoel Alvares Pegas.  
Manoel Lopes de Oliveira.

## MEDICINA.

Vid. Affonso de Miranda.  
Antonio Teixeira.  
Francisco Morato Roma.  
Gabriel Grisley.  
João Curvo de Semedo.  
Joseph Homem d'Andrada.  
Manoel de Azevedo.  
Manoel de Sa Cerda.  
Manoel dos Reys, Tavares.

## MEDITACOENS.

Vid. Bertholameu do Guental.  
o p. Manoel Bernardes.  
o p. Brundão.  
Fr. Manoel das Chagas.

## MISCELLANEAS.

Vid. Miguel Leitão de Andrada.  
Fr. Fradique Espinola.

## MUSICA.

Vid. Antonio Fernandes.  
Manoel Nunes da Silva.

## NOVELLAS.

Vid. Gerardo de Escobar.

## ORTHOGRAPHIA.

Vid. Alvaro Ferreira de Vera.  
Be. to Pereira.  
Quarte Nunes do Leão.  
João Franco Barreto.

## PINTVRA.

Vid. Felipe Nunes.

## POESIA.

Vid. André Nunes da Silva.  
André Rodrigues de Mattos.  
Antonio Alvares Soares.  
Antonio de Portalegre.  
Antonio Ferreira.  
Antonio Gomes de Oliveira.  
Cicgo Monteiro.

Q. Francisco de Portugal.  
Francisco de Sá de Meneses.  
Francisco de Sá de Miranda.

Francisco Lopes Livreiro.  
Francisco Rodrigues Lobo.  
Gabriel Pereira de Castro.  
João de Melho de Sousa.  
João Pereira da Silva.  
Leonel da Costa.  
Luis de Camoens.  
Luis Pereira.  
Manoel Bocarro.  
Manoel de Faria, e Sousa.  
Manoel Mendes Barbuda.  
Manoel Thomas.  
Mariana de Luna.  
Nuno Barretto Furzeiro.  
Paulo Goncalves d'Andrada.  
Vasco Martinho de Castelbranco.  
Violante do Ceo.

## POLITICA.

Vid. Q. Antonio Alvares da Cunha.  
Antonio Carvalho da Parada.  
Antonio de Freitas.  
Antonio de Sousa, e Macedo.  
Antonio de Villas Boas.  
Antonio Veloso de Lyra.  
Bernardino da Sylva.  
Diogo Bernardes.  
Quarte Ribeiro de Macedo.  
Fernandes Alvia de Castro.  
Francisco d'Andrada Leitão.  
Francisco de Sousa Coutinho.  
Francisco Velasco de Gouvea.  
Jacinto de Ceos.  
Jeronimo Freire Serrão.  
João de Madeiros Correa.  
João dos Prazeres.  
João Pinto Ribeiro.  
Luis Lourenço de Sampayo.  
Manoel Fernandes de Villareal.  
Sebastião Cesar.  
Sebastião Pacheco Varela.

## PREDICA.

Vid Fr. Agostinho de Santa Maria.  
Manoel Alvaro Leitão.  
Antonio de Sá.  
Antonio Lopes Cabral.  
Antonio Vieira.  
Balthazar Paes.

# CATALOGO DOS AVTORES PORTVGAL

## SEGUNDO AS MATERIAS, QVF TRATARAO

Christouão de Almeida.  
 Christouão de Lisboa.  
 Diogo d'Annunciacão.  
 Diogo de Paiva d'Andrada.  
 Domingos de S. Thomas.  
 João de Ceuta.  
 João de S. Francisco  
 Jeronimo Ribeiro.  
 Luis Alvares.  
 Pedro Calvo.  
 Thomas da Veiga.

### RELACOENS VARIAS.

Vid. Diogo Marquez Salgueiro.  
 Duarte Correa.  
 Duarte de Sande.  
 Duarte Lopes.  
 Gabriel de Mattos.  
 Francisco Vas d'Almada.  
 João Bautista Lavanha.  
 Joseph Cabreira.  
 Manoel da Veiga.  
 Manoel de Coimbra.  
 Manoel Godinho Cardoso.  
 Melchior Bras Freire.  
 Melchior Estaco d'Amaral.  
 Pantaleão d'Aveiro.

### THEOLOGIA ASCETICA.

Vid. Antonio de S. Bernardino.  
 Diogo Monteiro.  
 Heitor Pinto.  
 Felipe da Luz.  
 João Bautista O'Este.  
 João da Madre de Deus.  
 João das Chagas.  
 Isidoro Barreira.  
 Luis Alvares.  
 Luis da Natividade.  
 Luis dos Anjos.  
 Manoel Fernandes.  
 Manoel Godinho.  
 Martim Roa.  
 Nicolao Elias.  
 Pantaleão Bautista.  
 Pedro Correa.  
 Pedro da Cruz.  
 Pedro de S. Antonio.

Theologia Moral.  
 Vid. Lourenço Garro.

Lourenço Cortel.  
 Manoel de Faria.  
 Paolo de Palacio.

### VID. S DEI SANTOS, e pesscoas illustres.

Vid. Antonio da Natividade.  
 Diogo de Lemos.  
 Diogo Peres Cinsa.  
 Duarte Pacheco.  
 Duarte Ribeiro de Macedo.  
 D. Fernando de Meneses.  
 D. Fernão Correa de la Cerda.  
 O J. Fernão de Queiros.  
 Francisco Rodrigues Sobro.  
 Jacinto Freire de Andrada.  
 João de Lucena.  
 João dos Prazeres.  
 Jorge Cardoso.  
 Jorge de Carvalho.  
 Leonel da Costa.  
 Luis de Mertola.  
 Luis dos Anjos.  
 Manoel das Chagas.  
 Manoel Godinho.  
 Nicolao Agostinho.  
 Nicolao Elias.  
 Nuno Barretto Fuzeiro.  
 Simão de Vasconcellos.

# G. LETRA ELEMENTAR, PORTUGUEZA, E SCIE- NTIFICA.

14

G em quanta Letra elementar. He Letra muiada; a settima do nome ~~Alphabete~~; e a quinta das consoantes. Pronuncia-se chegando a Lingua á extremidade do paladar. Tem o G muita affinidade com C; nar iuo (como adverte Terencio Scuro na sua orthographia) em Latim se tem ditto indifferentem? Gamelus, por Camelus e Caunace, por Caunau. Em Lugar de N. ~~numha~~ os antigos hum G, quando se seguia o uuo G; e assim segundo Varro no Liv. 1. da Ansq. se dizia Agguilus, Aggens, Agguilla, por Angulus, Angens, Anguilla; tambem dizia Stagneus, em Lugar de Stanneus; e assim de Plauti, Muraticam autem urdeo in vasis Stagneis. Quintiliano Sta exprime a pronunciação desta Letra com este verso.

G lamus, extremum cum tangit Lingua Palatum.

G em quante Letra Portuguesa. Segundo adverte Duarte Nunes do Liao na sua orthographia pag. 7. do G usamos em sua propria significação, quando se ajunta a estas vogaes, a, e, u, cuja pronunciação ãe viemos dar imprpria, e adulterina, quando se ajunta de e. i, que fica soando como j. consoante, e dizemos Gato, Gente, Ginete, Gosto, Gula. A qual pronunciação com e. i. he affeã dos Gregos, e Latinos, e propria dos Micuros, de quem a recebemos. De maneira que para pronunciamos o G com e. i. da maneira propria, e natural, como o pronunciamos com a. o. u. ãe de recentarmos hum u. liquido, e dizemos Ga, Gua, Gui, Go, Gu. Segundo a orthographia do ditto Autor, debẽo G as dicções começadas nesta mesma Letra com a preposiçã Ad, por se mudar o P em G, como Aggravar, Aggravar, Aggressor, Exaggerar &c. Em muitas dicções mudão os Portuguezes o C dos Latinos em G, como de Cacus, cego; de Secretum, Segredo; de Periculum, Perigo; de Ficus, Figo; de Amicus, Amigo; de Mica, Miça. ou Miçã. Nenhuma dicção da Lingua Portuguesa se acaba em G. nesta Letra sã se terminão galarras peregrinas, trazidas do novo uso, como Agã, Rey dos Amalecitas; Og, Rey de Basan; Gog, Magog, &c.

G em quante Letra Scientifica. Nas abbreviaturas dos Romanos hum G significava Gaudium. Gens. Genius. Gallius. Dous GG. significava Gesserunt. Na Arithmetica antiga o G significava quatrocentos. Segundo este verso

G quãrìgentos demonstrativa tenebit.

Com Tã significava Quarenta mil. Suma das tres chaves da Musica se chama G sol, re, ut. Nos pesos da Botica, o grão se escreve com hum g.

Parece que entre os Latinos o G. naõ foi usado senã depois da primeira guerra da Cartago, porque <sup>no Letreiro da columna, que</sup> ~~na columna~~ ~~de~~ ~~Quillio~~ ~~mandou~~ ~~erigir,~~ sempre se achã C em lugar de G. Macostrados, Lecionas, Chartacimuras, puenando &c. ~~Dã~~ A esta Letra dã varios chinnos varios significados, uns queram que o G significa o Membro philosophico, outros heã esta intempã ~~na~~ ~~materia~~ ~~de~~ ~~pedra~~ ~~philologica~~; outros o foy da da multiplicã ~~na~~ ~~de~~ ~~Quia~~. No seu Vestimmo heã Gorgias ~~na~~ ~~de~~ ~~Lingua~~, ~~que~~ ~~de~~ ~~Quia~~ ~~de~~ ~~Adã~~, e ~~que~~ ~~de~~ ~~seus~~ ~~filhos~~, e ~~netos~~, ~~filhos~~







officio lugorum, cuius praesidio pecu-  
ria credimus. Auctor ad Herenn.

De quem he este gado? Cujum pecus? Vir-  
gil.

Rebanho de gado miudo. Grex, gis. Masc.  
Cic. O gado grosso não deixa os Antigos  
de dizer, Grex armentorum. Cic. et Var-  
ro. Cicero diz Grex equarum. Os boys  
diz Cor. nella, pecus, oris. O mesmo cha-  
ma aos Cavallos, Equinum pecus. Chama  
Varro ao gado grosso. Pecudes.

Adagios Portuguezes do Gado. Quem tem  
Gado, não deseja mau armo. Tardes de  
Marco, recolhe teu Gado. Sol, e boal terra  
fazem bom Gado, que não Pastor afamado.  
A poeira do Gado tira o lobo de cuidado. A  
Gado pouco a sabio redondo. Guarda Prado,  
criarás Gado. De noite deita teu Gado na  
erva de teu Prado. Em Gado tratarás, e me-  
ditarás. Em roim Gado, não há que escolher.  
Perdido he o Gado, onde não há cão que ladre.  
Es mais para o Gado, que para o Pao.

GAF.

GAËTA. Cidade Episcopal de Ita-  
lia, na terra de Labor, assentada numa  
península, na Ladeira de hum outeiro,  
qua tem o mar Toscano ao pé, e  
da outra parte hum boa Cidadella.  
Segundo Virgilio, tomou o nome, ama de  
Eneas, que falleceu na dita Cidade.  
Ha humas das chaves do Reino de  
Napoles, na fronteira do Estado Eclesi-  
astico, entre Capua, e Terracina. Tem  
humas bella Igreja Cathedral, e humas  
curiosa Capella na abertura de hum  
penedo penado, o qual pellogna dizem  
os moradores se abriu na hora da  
morte do Redemptor do mundo. Galetta, a,  
Fam.

GAF. Δ

variação na cor, porque há gafanhotos com  
azas vermelhas, ou purpureas; e outros tem  
azas declinantes a azul, ou verde. Des-  
creve hum Author moderno dezaseis cas-  
tas destes insectos. São os machos mais pe-  
quenos, que as femeas, e não tem cauda, como  
ellas; mas tambem são os machos se fazem  
ouvir, com o sonoro ruido das azas. Dize-  
m, que em algumas partes da India Orien-  
tal, há gafanhotos, que tem tres pés de com-  
primento, e que das suas pernas, depois de  
seccas, se fazem serras. Com a cauda, que  
a natureza lhes deu, abrem as femeas na  
terra humas covinha, em que escondem os

os... or a melhor. zer. bichinhos, cu-  
ber te huma tea delgada, e qual sahem vo-  
an... que succede no fim da primavera;  
e no mesmo tempo as mai, afogadas por  
outr... hinhos, que she naceem em torno do  
pesosso, orrem. Em algumas terras são  
bons de comer; os Persianos os comem fritos  
em man... ga, e há no Oriente nacoens mui-  
to golosas deste manjar. Houve annos, em que  
sahirão gafanhotos em tão grande quantidade,  
que comerao as novidades de Provincias inte-  
ras. Diz João de Barros no livro terceiro da  
segunda Decada, cap. 4. que com as trovoadas  
de Guiné se criao tantos gafanhotos, que cobrem  
o Ceo, e abrazao toda a terra por onde passaõ,  
que dous ou tres dias antes deste estrago, vem  
os habitadores o Sol amarello, pella interpo-  
sicaõ destes volantes insectos; que no interi-  
or da Africa algumas vezes se vem nuvens  
de gafanhotos, que cobrem o espaço de qua-  
si outo legoas de caminho; que passando  
huus capitaens por humas povoacoens, alem  
da Cidade de Cabul, pello rio acima, acha-  
rao muitas jarras, cheas de gafanhotos em  
conserva, como vianda, muito estimada dos  
Mouros, que se leva por mercadoria do Es-  
treito da Meca para fora; que outras naco-  
ens da Africa, em gousando os gafanhotos na  
terra os matao, e secos ao Sol, em grandes me-  
daõs os guardaõ para mantimento, e que na-  
quelles desertos não chovendo outro manã a-  
quella triste gente, tem por grande praga a  
falta desta praga. Gafanhoto. ~~Bençãõ~~  
+ Fem. Plin. ~~Bençãõ~~

GAFAR. [Termo do jogo da pela.] Gafar a pe-  
la. Não lancar a pela com a mão solta, reten-  
doa primeiro algum tempo no concavo da mão.  
Non explicita manu pilam mittere, ou repel-  
lere.

Gafarse de sarna. Vid. Sarna. <sup>Derivase</sup> ~~de~~ Gafar,  
palavra antiga, que como adverte Quarte-  
Nunes do Liao na origem da Lingoa Portu-  
guezas) significa Leproso.

A nevoa faz gafar a azeitona; id est, fallã ca-  
hir molle, e como em papas. Oлива nebulã flui-  
da decidunt.

Gafar. Arrebatat com as unhas, ou com instru-  
mento a modo de gafa. Vid. Gafa. Vnquibus ar-  
rigere, [gio, arrigui, arreptum.] [Embora vã o  
gato, que tem taes unhas, e GAFA tão limpo. Car-  
tas de Q. Franc. Man. pag. 602.]

# Na relacão da Sua  
viagem da India por  
ter infirmo o  
o o P. Manoel  
Godinho, pag. 92.  
[ Na sua praga (fallã  
na Cidade de Bacora  
foi a primeira vez que  
vi vender gafanhotos,  
e tambem vi que se  
lavavão os rebatinhas  
cozem-nos em goa e  
sal, e nos the botão  
fora mais qua os pás  
e as azas. Eu os comi  
e achai serem muito  
bons para quem nos  
tem outra cousa, como  
S. João Baptista não  
finha no deserto.  
Locusta, a, +  
Despedir a pela  
com a mão  
mais apertada  
do que se deve.



officio lugorum, cuius praesidio pecunia redamur. Auctor ad Herenn.

De quem he este gado. Cujum pecus? Virgil.

Rebanho de gado miudo. Grex, gis. Masc. Cic. Co gado grosso naõ deizaõ os Antigos se dizer, Grex armentorum. Cic. et Varro. Cicero diz Grex equarum. Dos boys diz Comella. pecus oris

os a mulhor. zer. bichinhos, cuber le huma tea delgada, qual sahem vo- que succede no fim de primavera; e no mesmo tempo as mai, afogadas por outr i hinhos, que she nadem em torno do pesasso, orrem. Em algumas terras saõ bons de cu er; os Persianos os comem fritos em manija, e ha no Oriente nacoens muito golosas deste manjar. Houve annos, em que sahirão gafanhotos em taõ grande quantidade, que comeraõ as novidades de Provincias inteiras. Diz Joaõ de Barros no livro terceiro da segunda Decada, cap. 4. que com as trovoadas de Guinè se criaõ tantos gafanhotos, que cobrem o Ceo, e abrazaõ toda a terra por onde passaõ, que dous ou tres dias antes deste estrago, vem os habitadores o Sol amarello, pella interposiçaõ destes volantes insectos; que no interior da Africa algumas vezes se vem nuvens de gafanhotos, que cobrem o espaço de quasi outo legoas de caminho; que passando hums capitaens por humas povoacoens, alem da Cidade de Cabul, pello rio acima, achavaõ muitas jarras, cheas de gafanhotos em conserva, como vianda, muito estimada dos Mouros, que se leva por mercadoria do Estreito da Meca para fora; que outras nacoens da Africa, em gousando os gafanhotos na terra os mataõ, e secos ao Sol, em grandes medidas os guardaõ para mantimento, e que naquelles desertos naõ chovendo outro manã a quella triste gente, tem por grande praga a falta desta praga. Gafanhoto. Plin. GAFAR. [Termo do jogo da pela.] Gafar a pela. Naõ lancar a pela com a maõ solta, retendo primeiro algum tempo no concavo da maõ. Non explicita manu pilam mittere, ou repelere. Gafarse de sarna. Vid. Sarna. Derivase de Gafar, palavra antiga, que como adverte Quarte Nunes do Viao na origem da Lingoa Portuguesa) significa Leproso. A nevoa faz gafar a azeitona; id est, fallã cahir molle, e como em papas. Oliva nebulã fluita decidunt. Gafar. Arrebatat com as unhas, ou com instrumento a modo de gafa. Vid. Gafa. Vnquibus arripere, [pio, arripui, arreptum.] [Embora vã o gato, que tem taes unhas, e Gafa taõ limpo. Cartas de Q. Franc. Man. pag. 602.]

Na relacão da Sua viagem da India por D. P. Manoel Godinho, pag. 92. Na sua graça (falla na Cidade de Bacora) foi a primeira vez que vi vender gafanhotos; e tambem vi, que se levavão as relatinhas. Cozem-nos em agua e sal, e nos the botão fora mais qua os pães, e as azas. Eu os comi e achei serem muito bons para quem naõ tem outra cousa, como S. Joaõ Bautista naõ tinha no deserto. Locustas, az, + com a maõ mais apertada do que se deve.

tem na e ra ido. a ne- ver. re.

Gafa. He o instrumento, com que se curva a verga da besta, até encaixal na noz. Parece, que Gafa vem de Gafõ, que propriamente quer dizer o enfermo de certo genero de lepra, que alem da corrupçaõ, que causa no corpo, encolhe os nervos das pês, e das maõs, e faz nestas partes hum effeito semelhante ao que a gafa faz na besta. Verticula, e. Fem. Chama Vitruvio Verticulle, hums ferrinhos, que em huma maquina fazem voltar outras mayores.

GAFANHOTO. Insecto volatil, e saltante destruidor dos campos, e assolador das searas. Tem seis pernas compridas, e azas, q variaõ na cor, porque ha gafanhotos com azas vermelhas, ou purpureas; e outros tem azas declinantes a azul, ou verde. Descreve hum Author moderno dezaseis castas destes insectos. Saõ os machos mais pequenos, que as femeas, e naõ tem cauda, como ellas; mas tambem sãõ os machos se fazem ouvir, com o sonoro ruido das azas. Dizem, que em algumas partes da India Oriental, ha gafanhotos, que tem tres pês de comprimento, e que das suas pernas, despois de seccas, se fazem serras. Com a cauda, que a natureza lhes deu, abrem as femeas na terra huma covinha, em que escondem os

**GAFARIA**. Hospital de Leprosos. Publicum valetudinae um lepris laborantium. Vid. Hospital. [Ulbergarias, Instituições, GA-  
**FARIAS** desr. Reino. Chron. da Bahia de Goes, fol. 74. col. 2.] Vid. Livro 1.º do Orden. Tit. 62. §. 66. aonde falla em Gafarias. [O Hospital da GAFARIA da S. Vice Re. Congraph. Portug. tom. 1.º 197.]  
**GAFEIRA**. Sarna do Caõ. Scabies canina.

- Gafeira. Especie de lepra. Vid. Gaf. #

**GAFEO**. Leproso, ou Enfermo de certo genero de lepra, que não sã corrompe, e roe as carnes, mas deixa os dedos das mãos revoltos, como os das aves de rapina. Quarte Nunes do Liao, na Origem da lingua Portug. pag. 113. poem esta palavra no numero das antiquadas.

Estou gafeo de ~~GAFEO~~ Sarna. Scabie plenus ou infectus sum.

**GAGATA**. Pedra betuminosa, que tomou o nome da Cidade, ou Rio Gaga, ou Gagates, na Lycia, donde antigamente se tirava; que hoje se acha em Sicilia, Bretanha, Provença, Irlanda, e perto de Aquisgrano. Esta pedra he dura, negra, fragil, combustivel, e quando a queimão, exhala hum cheiro sulphureo. Attrahe palhas como o Alambre. Abate os vapores, e expelle os flatos. A materia, de que se compoem he vil. parece carvão, mas faz se em lascas, fazem della contas, e olavão em varias figuras, q' he daõ preco. Chamavãohe os Antigos Exploradora da Virgindade, porque tomada em pã, veda a ourina de quem está virgem, e a quem o não está, a provoca. Gagates, a. masc. Plin.

- Pedra será GAGATA, que se acenda

- Em fogo per si sã da santidade.

- Insula de Man. Thomas, Livro 8. dit. 20.

**GAGEIRO**. O marinheiro, que vigia o mar na Gavea. Nauta, in carchesio excubans. [Pello GAGEIRO da sua gavea. Barros, 2. Dec. 43. col. 4.]

Vinho gageiro. Que sobe à cabeça. Que offende a cabeça. Fumosum vinum. Neut. Tibul. Vinum, quod caput tentat. Ex Plin.

**GAGES**, ou Gajas. He palavra Franceza. Entre nos Gages sã os dos salarios. Eu he chama Accessiones um. Fem. Plur. ou para mayor clareza, Accessiones mercedis, assim como Cicero diz, Accessiones fortuna, et dignitatis. Tambem se poderão chamar, Accessiones muneris emolumenta, ou propria muneris, ou conjuncta cum munere utilitates.

Por muito boas gages que terhais. Quancunque tuo muneri accessiones fiant, à itacão de Cicero, que diz, Quancunque tibi accessiones fient, et fortuna, et dignitatis. Cic. Epist. lib. 2. Epist. 1. [Por este trabalho manda El Rey the dem os fidalgos suas GAJAS. Faria, Noticias de Portugal, pag. 119.] [Rico homem, de que tinha GAGES, ou terras. Mon. Lusit. Tom. 2. 62. col. 1.] [Levavão assentamentos, e GAGES. Ibid. fol. 24. col. 2.]

**GÂGO**. Aquelle, que mais difficultosamente pronuncia humas palavras, que outras, e as retarda, forcejando para as proferir. Balbus, a, um. Cic. Lingua hesitant. Omn. gen. Blasus, a, um. Ovid. Contra a opiniaõ de Julio Scaligero, mostra Vossio, que Blasus, se diz sã daquelles, que não podem pronunciar bem os R. R. Sabino juriscansulto, em Aulo Gellio, e Ulpiano chamaõ a hum homem gago. Atypus, i. Masc.

Porque, ou porquanto era gago. Propter lingua obligationem. Justin.

**GAGO**. Cidade, e Reino de Africa, na terra dos Negros, entre o Rio Niger, e Guinè.

**GAGUEJAR**. Pronunciar mal, repetindo varias vezes as mesmas sillabas, ou palavras. Balbutire, [tio, sem preterito.] A segunda syllaba he longa.

Gagueja is de velho. Balba feris annoso verba palato. Horat.

Gaguejando. Babbe. Lucret.

Gaguejar em alguma materia. Fallar nella como menino, sem juizo, sem noticias. Balbutire de re aliqua. Cic.

Pronunciar o nome de alguem gaguejando. Balbutire aliquem. Horat. He frase Poetica.

**GAGVEIRA**. Embaraco da lingua com repetição das mesmas sillabas. Lingua hesitantia, a. Fem. Cic.

GAI

**GAJEIRO**. Vid. Gageiro. [GAJEIRO de sua Gavea. Barros, Dec. 2. fol. 43. col. 4.]

**GAIETA**. Cidade Episcopal, e porto do mar, no Reino de Napoles, na fronteira do Estado Ecclesiastico entre Capua, e Terracina, em hum Península, e na falda de hum outeiro, sobre o mar de Toscana. Caieta, a. Fem. Cic. Virgil.

**GAIFONAS**. Na Beira val o mesmo que carinhãs, ou caretas. Vid. no seu lugar.

**GÂIO**. Ave. Vid. Gajo.

**GAIOLA** de passaros. Cavea, a. Fem. Cic.

Gaiola grande, em que se criaõ varias especies

III Gafeira. He mal, que dá nas cabras, gela as e as mata. He muy pegadico, donde vem dizense - por linha vem a tinha - E a GAFEIRA a cabra.

IV Azeitona gafa. He a que com as nevas se engela na oliveira, e apodrecendo nella, caha, sem ser varejada, e o azeite que dá, e com saibo de poere. Oliva putrefacta, ou gubrodine vitiata, a. Fem.

**GAG**.  
**GAGÃO**. Jogo da dedos de parar. jogar o gagão. jogar os dedos. Vid. Dardos. Vid. Parar. +

GA  
 G  
 G  
 G

Se aves, como a que se vê em Lisboa, no jardim dos Condes da Eiriceira. Vid. Viveiro.

GAIPEIRO. No Minho vai tanto como Amigo de uvas, porque Gaipo naquella Provincia quer dizer Escadea de uvas, e dahi se toma para o que se inclina a vicios.

GÂIPO. Escadea de uvas. Vid. Escadea.

GAITA. Fruta. Vid. no seu lugar.

Gaita. Jolle. Vter symphoniacus, utris symphoniaci. Masc.

Gaitas se chamão huns buracos a modo de Fagote, que a Lamprea tem pello pescoco; e por serem aquellas partes saborosas, deoraõ occasião ao adagio, sabe como gaitas.

Tocar a gaita. Emborra charse. Vid. no seu lugar.

GAITEIRO. O que toca gaita de folle. Vtricularius, ii. Masc. Sueton.

Gaiteiro. Derivase do Francez Gay, que quer dizer Alegre. Panno, ou vestido gaiteiro, id est, de cores alegres. Amoenè versicolor, oris.

Omn. gen. Incundè multicolor, oris. Omn.

gen. [Sirvase de me mandar o mais GAITEIRO vestido de cor, que tiver. Cartas de C. Franc. Man. pag. 327.]

Tambem chamão Gaiteiro ao que anda muy galan. [Já sou velho para GAITEIRO. Cartas de C. Franc. Man. pag. 44.]

GAIVAÔ. Ave. He huma especie de andorinha, alguma cousa mayor, que as commuas. Tem a garganta, e a barriga branca, e as costas negras. Cypselus, i. Masc. ou Fem. (Penult. brev.) Plin. Hist. Este Passaro nunca pousa; sô no seu ninho descança, e por usar tão pouco de seus pés, Plinio lhe chama tambem Apus, genit. Apodis. (penult. brev.) Palavra derivada do Grego, que val o mesmo, que sem Pés.

GAIVÔTA. Ave branca aquatica, conhecida. Ha muitas na barra de Lisboa. Querem alguns, que seja a ave, a que Plinio chama, Gavia, e. Fem. mas não lhe acho outra razão alguma mais que a semelhança do nome. Admirome de que Leonel da Costa, no Livro 3. das Georgicas de Virgilio, pag. 105. vers. confunda a Halcyone com Gaivota. #

3 GAL.

GALA. Derivase do Grego, Agallo, que quer dizer Orno, Gala. Vestido novo. Nova vestis. Recens ab sartore vestis. Sahio com gala nova. Novis amictus vestibus prodiit.

Bo o, ou i. n. u. boa gua. Vestitus prodiit, apparuit.

Ga Vestido de festa. Festus cultus; no genit. Esti cultus. Senec. Trag

Gala. Ricas, e preciosas vestiduras. Cultus mundi. Que traz muitas galas. Bene cultus, ou o natus, a, um. Cic. Ornatio, se diz, e ornatissimus, a, um. Fazlhe muitas galas. Ei vestitu nimio indulget. Terent.

Gala. Graca; Garbo, Bizarria, &c. Vid. nos seus lugares. [Para mayor GALA do Mysterio. Vieira, Tom. 7. 163.]

GALÂCIA. Antiga Provincia da Asia menor, assim chamada dos Gallos, que despois de queimarem Roma, e assolarem Italia, a forão habitar. Fica entre o Ponto Euxino, a Cappadocia, a Pamphilia, e a Phrygia. Hoje a parte Oriental desta Provincia chamãse Chiangara, ou Quiangara, e a Occidental Chintaiia, ou Quintaia. Chamathe Cesar, Gallogracia, e. Fem. porque teve por habitadores Gallos, e Gregos. Plinio Histor. diz, Galatia, e. Fem.

Os de Galacia. Vid. Galatas.

GALADO. Vid. Gallado.

GALADURA. Vid. Galladura.

GALAN. Sigo a opiniao dos que derivão esta palavra do Italiano Gala, que he huma tira de panno de linho fino, ou renda, com que as Senhoras ornaõ modestamente os peitos, porque Galan he aquelle, que com primorosos obsequios cultivava os affectos de sua Cama. Concinnus, ou venustus suae dominae amator, is. Masc. Vid. Galante.

GALANGA. Raiz cheirosa medicinal, que vem da China, ou da Ilha de Java. Ha de duas especies, mayor, e menor. A Galanga mayor he grossa, solida, pesada, alvadia por dentro, e cuberta de huma casca, que tira a vermelho; tem o gosto picante e algum tanto amargoso. Brota desta raiz huma especie de cana, cujas folhas arremedaõ as do Iris, a flor he branca, e sem cheiro. A Galanga menor he huma raiz da grossura do dedo, cortaõ na em pedacos, do tamanho de avelaãs, para despois de seca a mandarem para fora, por dentro, e por fora declina a vermelho, e he muito mais aromatica, que a primeira. Lança hum arbusto, que dá folhas, semelhantes às da Murta. Fortifica o estomago, o cerebro, expelle os ventos, resiste ao veneno; e he muito mais estimada na Medicina, do que a Galanga mayor. Os Vinagrei-

GALAGALA. Dizem-me, que he betume delgado para navios

g. g.

GAIVO. Ave. Passa grande, com os cotos das azas porcosas, e o corpo branco o Al umas cas. 1908 a Ostra do Caõ da Boa verar la come cas. 1. ver. Mar Pimentel, Ro.airo da India 30.

Força. Galang. a. Fem. [A GALANG. quente, e seco no segundo grau. Recopilurg. 279.] <sup>Tomarão poi de Almace LANGA, c. Luz da</sup>  
 GALANICE. Não he Synonimo de Galo he o exercicio da galanice; e Galancir se do Galan. Amasii venustas, ou conititas, a-tis. Fem. [A lascivia, vestida de deleite, se chamou GALANICE. Chagas, obras Espirit. part. 1. 448.]

GALANTE. Cortezaõ. Polido. Que sabe os estilos da Corte. Urbanus homo, ou vir, ou no superlativo Urbanissimus, ou perurbanus. Homo affluens omni lepore ac venustate. Vir omni urbanitate limatus. Vir in omni genere sermonis atque humanitatis perfectus. Homo ad omnia, ou in omni re concinnus, perfectus, politus. & ou com Terencio Scitus homo.

Galante. Gracioso. Que sabe fallar, e obrar com galanteria, com graça. & Festivus, legidus, facetus, ou in quo est legos quidam, faceti- e que ingenuo homine non indigna. Vaise fazendo galante homem. Exornat se legidis moribus. Plaut. Fullano he galantissimo. Multa in homine jucunditas, et magnus in jocando legos. Cic.

Galante discurso. Oratio festiva. Cic. Poema galante. Poema festivum. Cic. Tenho muitos livros galantes. Librorum habeo festivam copiam. Cic. Galante cantiga. Cantio lepida. Plaut. Cartas galantes. Littere sale humanitatis sparsa. Littere plena humanitatis, salis, suavitatis, legoris. Littera concinna, elegantes, ornata, festiva.

Ditto galante. Pictum salsum. Quintil. Pictum legidum. Horat. Humana historia, hum conto galante. Festivum acroama, atis. Neut. Cic. Aldo Manucio, e alguns outros entendem que com estas palavras quer Cicero dizer Hum homem que conta historias galantes.

Galante. O que galantea huma Cama. Vide. Galan. Amator, is. Masc. Cic. Amasius, ii. Masc. Plaut. Vid. Galantear. [O GALANTE, como estava tresnoutado. Lobo, Corte na Aldea Dial. ii. pag. 224.] [Musiao Pintacilgo, que fino GALANTE da Alva, a estais chamando a que- bros. Cristaes de Escobar, pag. 238.]

GALANTEAR. Cizer galanterias; ou dittos galantes. Festivè jocari, [or, atus sum.] Martialis.

Galantear huma Cama. Procurar de merecer a sua graça com a cortezania, decencia, e n-tidade, que nesi arte se guardaõ nos palacios dos principes. Virginis aulicæ gratiam polita morum elegantia captare, ou aucugari.

Galantear huma molher com mao fim. Mulieris pudicitiam amatoris blandimentis oppugnare, ou attentare, [o, avi, atum.]

GALANTEMENTE. Com graça. Coi. ingenho. Legidè. Festivè. Cic.

Galantemente. Com cortezania. Urbanè. Cic. Urbanius se diz, e Urbanissimè.

Galantemente. Com bella disposiçãõ. Com a cejo. &. Decorè. Venustè. Concinnè. Cic.

GALANTÊO. O exercicio do Galan. Amatorium obsequium, ou officium ii. Neut. Vid. Galantear, e Galanteria. [cada Romance seu he huma arte de GALAN de que todos se podem aprender. Vida da D. Franc. e Portugal, pag. 3]

GALANTERIA. Arte de finezas modestas, e cortezaõs, que se ura nos palacios para merecer a benevolencia das Camas, com hum amor, que (como adverte O. Francisco de Portugal na Arte da galanteria) nunca he desejo, e com huma amizade, que nunca he igualdade. Daqui se vê, que Galan, e Galanteria se pode derivar de gala, porque o galan tem obrigaçãõ de a trazer não só no que veste, mas tambem no que tras no pensamento, no que diz, e no que obra. Ars aucupandi gratiam, ou captandi benevolentiam alicujus obsequiosa morum elegantia.

Galanteria, no acejo, no ornato. Concinnitas, atis. Fem. Cic.

Galanteria, no discurso, nas palavras. &. Orat-ionis, ou verborum concinnitas. Cic. Legor dicendi. Cic. Aulo-Gellio diz Concinnitas colorum. A galanteria das cores.

Galanterias, que se dizem na conversaçãõ familiar. Urbani sales. Cic. Facietiarum legos, oris. Masc. Cic.

Com galanteria. Vid. Galantemente. Succedeo isto com a mayor galanteria, que pode ser. Illud videtur cecidisse perquam venustè. Cel. ad Cicer. [A bizzarria dos trajos, a GALANTARIA das Cortes. Lobo, Corte na Aldea 156.]

GALAO. Especie de fitta, estreita, e basta, com que de ordinario se guarnece a extremidade de hum vestido. Limbus, i. Masc. Virgil. Horat. Galao de seda. Limbus sericus.

Galao do Cavallo. Movimento, com que o cavallo levanta as maõs, e dá hum gullo de repente. Vid. Franco.

**GALAPÁGO.** [Termo de Alveitar.] Enfermi-  
daae no casco dos pés, e mãos do cavallo. Chamão-  
lhe assim por se parecer com a concha da tar-  
taruga, que os Castelhanos chamão Galapago.  
Procede esta enfermidade de alguma pan-  
cada, ou topada, que se deu entre pelo, e casco,  
e assim vindo outro novo, vem mais grosso, do  
que a natureza formou. Vejase Pedro  
de Crescentiis, que escreveo das enfermida-  
des dos Cavallos no livro 9. cap. 50. et 54. &c.

[Costumão vir em todo o casco escarças, for-  
miguinho, GALAPAGO. Francisco Pinto no  
Tratado de Jineta, pag. 100.]

**GALAR.** Lançar galas. Trazer galas. Vid.  
Gala.

Galar o Gallo. Vid. Gallar.

**GALARDAO.** Remuneração. Premio. Vid.  
nos seus lugares. [Corte na Aldea, 124.]

**GALARDOAR.** Vid. Remunerar. Premiar. [El

Rey o GALARDOOR. Barros, l. Dec. 39. col. 1.]

[Valerse da queixa dos mal GALARDOADOS.  
Lobo, Corte na Aldea, 301.]

**GALARIM.** Assim se chama vulgarmente  
aquelle modo de conta, procedendo por progres-  
são dupla, dobrando sempre o numero antece-  
dente; ou por progressão tripla, ou quadrupla,  
& triplicando, ou quadruplicando & o ditto  
numero antecedente. Na sua Arithmetica

cap. 25. De Progressionibus diz o P. Clavio,  
que procedendo por proporção dupla se na pri-  
meira das 64. casas do jogo do Xadrez se

puzer 1. na segunda 2. na terceira 4. e as-  
sim por diante, dobrando sempre o numero

da casa antecedente, quando se chegar à  
casa sexagesima quarta, sommandose os

numeros de todas as casas, farão huma som-  
ma tão grande, que excede os grãos de tri-  
go, que há em todo o mundo. E juntamente

acrezenta o ditto Author, que se proceder-  
mos com progressão tripla, a saber, pondo

na 1. casa 1. na segunda 2. na terceira  
6. na quarta 18. na quinta 54. e assim por

diante, de modo que o numero de qualquer  
casa seja sempre o dobro de todas as casas

antecedentes, o que succede triplicando se-  
mpre o numero de qualquer casa; que quan-  
do se chegar à sexagesima quarta; se ge-

rarã hum numero tão grande, que para  
levar os grãos de trigo, contendos nesse nu-  
mero, seriaõ necessarias tantas naos, que

se tri-... superficie a... to, e dous milho-  
e settecentos, e quatorze. mil, trezentos e  
o nta globos terraqueos, co no este em que  
es mos. E se esta conta do falarim, que ordi-  
na u nente procede por progressão dupla, pro-  
ce aesse não sô por proporção tripla, (como  
esta que acabamos de demonstrar) mas por  
proporção quadrupla, quintupla & que  
genna poderia multiplicar, e sommar o nu-  
mero, que resultasse destas progressões.

**Galarim.** Aquelle modo de conta, em que por  
proporção dupla tudo o que se possui, e pre-  
cede em hum numero, se dobra no sequin-  
te. Numeri antecedentis per subsequentem  
duplicatio, onis. Fem. No Tomo 7. pag. 390;  
e 391. regetindo sô as sommas de dez em  
dez quartos de hora traz o P. Ant. Vieira  
a prodigiosa quantidade, com que pellos ac-  
tos do Amor, e da caridade creciaõ os grãos  
de graça da Senhora. [Orçar a despeza du-  
plicada, e ao GALARIM. Lemos, Cercos de Ma-  
laca, pag. 58.]

**GÁLATA.** Cidade de frente de Constantino-  
pla da outra banda do Porto. F. antigamen-  
te dos Genovezes, depois de estarem Senho-  
res de Constantinopla. Tem bellos edificios,  
e entre elles há cinco conventos de Religiosos, hum  
de Padres da Companhia, outro de Capuchos, ou-  
tros dous de Religiosos de S. Francisco da obser-  
vancia, e outro de Padres de S. Domingos.

**GÁLATAS.** Povos da Galacia. Galata, arum.  
Masc. plur. Lucan. lib. 7. A estes povos escreveo  
o Apostolo S. Paulo. Tito Livio lhes chama Gallo  
græci, orum. Masc. plur. Porque chamando el-  
Rey de Bithynia em seu socorro aos Gallos,  
e juntamente aos Gregos, deulhes parte de  
seu Reino em que habitassem, e misturados  
huus com outros, forão chamados Gallo gre-  
gos.

**GALAXIA.** [Termo Astronomico.] Vid. na pa-  
gina Via. Via lactea. Por esta razão lhe cha-  
mão lacteo, que quer dizer leite, ou GALAXIA,  
que quer dizer branca. André de Auellar  
us que Galaxia... us...

12

f. 12.

Derivase do Francês  
Guardon. Antigamen-  
te dizid os Francezes  
Guaradon, voz  
composta de Gu-  
tas duas Guerre,  
Don; como quam  
differa Dom da  
guerra; e era o dom  
ou premio, que se  
da dava à gente de  
guerra, que  
alguns (Antonio  
e outros Autores) os  
Romanos chamavão  
Donativu  
Hoje o Guan don  
Guardon os France-  
zes, e o nosso Galor-  
dad e tomad por qual-  
quer premio, pago, ou  
... Vos há  
as da dar o...  
ão, a premio...  
... ho...

Derivase do Grego Galactos, que  
Significa, Cosa  
que arremeda  
a branca do  
leite. Vid. na  
galaxia Via, Via  
Lactea. [ Assim  
como os Gregos

ue pella cor lha cha-  
mo marã GALAXIA  
assim todos pella  
sou figura lha cha-  
is, a marã Cirulo  
Vieira, tom. 6.

De galbano Galbanus, a um Virgil.

ros a deitao para i. en ayor  
 Força. Galano a. Fem. [A GALANG-  
 quente, e secc no segundo grau. Recopil  
 rurg. 279.] <sup>Tomarão poi de Almeca</sup>  
 GALANICE. <sup>Luz da</sup> And he Synonimo de Galo <sup>Este</sup>  
 he o exercicio da galanice; e Galancir se bo  
 do Galan. Amasii venustas, ou concinnitas, a-  
 tis. Fem. [A lascivia, vestida de deite, se cha-  
 mou GALANICE. Chagas, obras Espirit. part. 1.  
 448.]

GALANTE. Cortezão. Polido. Que sabe os es-  
 tilos da Corte. Urbanus homo, ou vir, ou no su-  
 perlativo Urbanissimus, ou perurbanus. Ho-  
 mo affluens omni lepore ac venustate. Vir  
 omni urbanitate limatus. Vir in omni gene-  
 re sermonis atque humanitatis perfectus.  
 Homo ad omnia, ou in omni re concinnus, per-  
 fectus, politus. & ou com Terencio Scitus ho-  
 mo.

Galante. Gracioso. Que sabe fallar, e obrar  
 com galanteria, com graça. & Festivus, legi-  
 dus, facetus, ou in quo est lepos quidam, faceti-  
 aequae ingenuo homine non indigna. Vaise fa-  
 zendo galante homem. Exornat se lepidis mo-  
 ribus. Plaut. Fullano he galantissimo. Mul-  
 ta in homine iucunditas, et magnus in jo-  
 cando lepos. Cic.

Galante discurso. Oratio festiva. Cic. Poema  
 galante. Poema festivum. Cic. Tenho muitos  
 livros galantes. Librorum habeo festivam co-  
 piam. Cic. Galante cantiga. Cantio lepida. Pl-  
 aut. Cartas galantes. Litterae saepe humanita-  
 tis sparsa. Litterae plenae humanitatis, salis,  
 suavitatis, legoris. Litterae concinnae, elegan-  
 tes, ornatae, festiva.

Ditto galante. Dictum salsum. Quintil. Dic-  
 tum lepidum. Horat. Humana historia, hum-  
 conto galante. Festivum acroama, atis. Neut-  
 t. Cic. Aldo Manucio, e alguns outros enten-  
 dem que com estas palavras quer Cicero dizer  
 Hum homem que conta historias galantes.

Galante. O que galantea huma Cama. Vi-  
 de. Galan. Amator, is. Masc. Cic. Amasius, ii.  
 Masc. Plaut. Vid. Galantear. [O GALANTE, co-  
 mo estava tresnoutado. Lobo, Corte na Aldea,  
 Dial. ii. pag. 224.] [Musiao Pintacilgo, que fino  
 GALANTE da Alva, a estais chamando a que-  
 bras. Cristaes de Escobar, pag. 238.]

GALANTEAR. Cizer galanterias; ou dittos  
 galantes. Festivè joculari, or, atus sum. Mar-  
 tial.

Galantear huma Cama. Procurar de merecer  
 a sua graça com a cortezania, decencia, e n-  
 tidade, que nes. arte se guardaõ nos galaci-  
 os dos principes. Virginis aulicae gratiam poli-  
 tâ morum elegantia captare, ou aucugari.

Galantear huma mulher com mao fim. Mu-  
 lieris pudicitiam amatoris blandimentis op-  
 pugnavit, ou attentare, [o, avi, atum.]

GALANTEMENTE. Com graça. Coi. genho.  
 Lepidè. Festivè. Cic.

Galantemente. Com cortezania. Urbanè. Cic. Ur-  
 banus se diz, e Urbanissimè.

Galantemente. Com bella disposiçao. Com aceyo.  
 & Decorè. Venustè. Concinnè. Cic.

GALANTEO. O exercicio do Galan. Amatorium  
 obsequium, ou officium, ii. Neut. Vid. Galante-  
 ar, e Galanteria. <sup>[Cada Romance seu ha huma arte de GALAN-  
 de que todos se podem aprender. Vido da D. Franc.  
 e Portugal, pag. 3]</sup>

GALANTERIA. Arte de finezas modestas, e cor-  
 tezaas, que se ura nos palacios para merecer a be-  
 nevolencia das Camas, com hum amor, que

(como advertte O. Francisco de Portugal na Ar-  
 te da galanteria) nunca he desejo, e com huma  
 amizade, que nunca he igualdade. Daqui se  
 vê, que Galan, e Galanteria se pode derivar de  
 gala, porque o galan tem obrigacao de a trazer  
 não só no que veste, mas tambem no que tras no  
 pensamento, no que diz, e no que obra. Ars aucu-  
 pandi gratiam, ou captandi benevolentiam ali-  
 cuius obsequiosa morum elegantia.

Galanteria, no aceyo, no ornato. Concinnitas,  
 atis. Fem. Cic.

Galanteria, no discurso, nas palavras. & Ora-  
 tionis, ou verborum concinnitas. Cic. Lepor-  
 dicendi. Cic. Aulo-gestio diz Concinnitas colo-  
 rum. A galanteria das cores.

Galantias, que se dizem na conversacao  
 familiar. Urbani sales. Cic. Facietiarum lepos,  
 oris. Masc. Cic.

Com galanteria. Vid. Galantemente.  
 Succedeo isto com a mayor galanteria, que po-  
 de ser. Illud videtur cecidisse perquam venus-

tè. Cel. ad Cicer. [A bizzarria dos trajos, a GA-  
 LANTARIA das Cortes. Lobo, Corte na Aldea  
 156.]

GALAO. Especie de fitta, estreita, e basta, com  
 que de ordinario se guarnece a extremidade  
 de hum vestido. Limbus, i. Masc. Virgil. Ho-  
 rat. Galaõ de seda. Limbus sericus.

Galaõ do Cavallo. Movimento, com que o caval-  
 lo levanta as maos, e da hum gullo de repen-  
 te. Vid. Franco.

**GALAPÁGO.** [Termo de Alveitar.] Enfermi-  
daae no casco dos pés, e mãos do cavallo. Chamão-  
lhe assim por se parecer com a concha da tar-  
turuga, que os Castelhanos chamão Galapago.  
Procede esta enfermidade de alguma pan-  
cada, ou topada, que se deu entre pelo, e casco,  
e assim vindo outro novo, vem mais grosso, do  
que a natureza formou. Vejase Pedro  
de Crescentiis, que escreveo das enfermeda-  
des dos Cavallos no livro 9. cap. 50. et 54. &c.

[Costumão vir em todo o casco escarças, for-  
miguilho, GALAPAGO. Francisco Pinto no  
Tratado de Gineta, pag. 100.]

**GALAR.** Lançar galas. Trazer galas. Vid.  
Gala.

**Galar o Gallo.** Vid. Gallar.

**GALARDAO.** Remuneração. Premio. Vid.  
nos seus lugares. [Corte na Aldea, 124.]

**GALARDOAR.** Vid. Remunerar. Premiar. [El  
Rey o GALARDOOV. Barros, 1. Pec. 39. col. 6.]  
[Valerse da queixa dos mal GALARDOADOS.  
Lobo, Corte na Aldea, 301.]

**GALARIM.** Assim se chama vulgarmente  
aquelle modo de conta, procedendo por progres-  
são dupla, dobrando sempre o numero antece-  
dente; ou por progressão tripla, ou quadrupla,  
ou triplicando, ou quadruplicando &c. o ditto  
numero antecedente. Na sua Arithmetica

cap. 25. De Progressionibus diz o P. Clavio,  
que procedendo por proporção dupla se na pri-  
meira das 64. casas do jogo do Xadrez se  
puzer 1. na segunda 2. na terceira 4. e as-  
sim por diante, dobrando sempre o numero  
da casa antecedente, quando se chegar à

casa sexagesima quarta, sommandose os  
numeros de todas as casas, farão huma som-  
ma tão grande, que excede os grãos de tri-  
go, que há em todo o mundo. E juntamente  
acregenta o ditto Author, que se proceder-

mos com progressão tripla, a saber, pondo  
na 1. casa 1. na segunda 2. na terceira  
6. na quarta 18. na quinta 54. e assim por  
diante, de modo que o numero de qualquer  
casa seja sempre o dobro de todas as casas  
anteriores, o que succede triplicando se-  
mpre o numero de qualquer casa; que qua-  
ndo se chegar à sexagesima quarta; se ge-  
rará hum numero tão grande, que para  
levar os grãos de trigo, conteudos nesse nu-  
mero, seriaõ necessarias tantas naos, que

castrini superjicie a . . . to, e dous milho-  
settecentos, e quatorze. mil, trezentos e  
o nta globos terraqueos, co no este em que  
es mos. E se esta conta do salarim, que ordi-  
na: u mente procede por progressão dupla, pro-  
ceesse não só por proporção tripla, (como  
esta que acabamos de demonstrar) mas por  
proporção quadrupla, quintupla &c. que  
penna poderia multiplicar, e sommar o nu-  
mero, que resultasse destas progressões.

**Galarim.** Aquelle modo de conta, em que por  
proporção dupla tudo o que se possui, e pre-  
cede em hum numero, se dobra no sequin-  
te. Numeri antecedentis per subsequentem  
duplicatio, oris. Fem. No Tomo 7. pag. 390;  
e 391. regetindo só as sommas de dez em  
dez quartos de hora traz o P. Ant. Vieira  
a prodigiosa quantidade, com que pellos ac-  
tos do Amor, e da caridade creciaõ os grãos  
de graça da Senhora. [Orçar a despeza du-  
plicada, e ao GALARIM. Lemos, Cercos de Ma-  
laca, pag. 58.]

**GÁLATA.** Cidade de frente de Constantino-  
pla da outra banda do Porto. Foi antigamen-  
te dos Genovezes, depois de estarem Senho-  
res de Constantinopla. Tem bellas edificios,  
e entre elles há cinco conventos de Religiosas, hum  
de Padres da Companhia, outro de Capuchos, ou-  
tros dous de Religiosos de S. Francisco da obser-  
vancia, e outro de Padres de S. Domingos.

**GÁLATAS.** Povos da Galacia. Galate, arum.  
Masc. plur. Lucan. lib. 7. A estes povos escreveo  
o Apostolo S. Paulo. Tito Livio lhes chama Gallo  
graci, orum. Masc. plur. Porque chamando el  
Rey de Bithynia em seu socorro aos Gallos,  
e juntamente aos Gregos, deulhes parte de  
seu Reino em que habitassem, e misturados  
huns com outros, forão chamados Gallo gre-  
gos.

**GALAXIA.** [Termo Astronomico.] Vid. Via  
lactea. [Por esta razão lhe cha-  
mão lacteo, que quer dizer leite, ou GALAXIA,  
que quer dizer brancura. André de Auellar  
na sua Chronographia, pag. 225.]

**GÁLBANO.** He huma especie de gomma, que  
por incisão sahe de huma planta do mesmo  
nome, que nace na Syria. As lagrimas, ou  
pingas do galbano são brancas, unctuosas, a-  
margosas ao gosto, e insuaves ao olfacto.

De cap. 30. do Exodo se acha, que o Gal-  
bano era dos aromas, com que mandou Deus  
a Moyses, que perfumasse o Tabernaculo.  
Dizem, que o fumo do Galbano  
faz fugir os mosquitos. Galba-  
na, Neut. de perfumatione  
D. Galbano. S. bonus, a, um. Virgil.

18  
F.  
D.

Derivado do Francês  
Guardon. Antigamen-  
te dizião os Franceses  
Guardon, voz  
composta de des.  
das duas Guerre,  
Don; como quem  
dizem Dom da  
guerra; e era o dom  
ou premio, que se  
dava à gente de  
guerra, que  
segundo Antonio  
e outros Autores os  
Romanos chamavão  
Donativu.  
Hoje o Guardon  
Guardon os France-  
zes, e o nosso Galar-  
do e tomado por qual-  
quer premio, ou  
voz há  
as da dar o  
do, a premio.  
de Ital. Cho.

Derivado do Grego Galactos, que  
Significa, Causa  
que arremeda  
a Brancura do  
Leite. Vid. na  
galatum Via, Via  
Lactea. [ Assim  
como os Gregos  
gella cor lha cha-  
mavão GALAXIA  
assim todos gella  
figura lha cha-  
mavão Circulo  
Vieira, tom. 5.  
453.

Vntado com no. y abana . a. ur  
 rt. Alguns p. ypretes lem Galbinat  
 quere, que mifique o nesmo que c  
 de hum roupa verde. [Do GALBANO  
 do fogem as Serpentes. Leon. Ca Costa  
 Virgilio, pag. 107. Vº]

GALDRÔPE. [Termino de marinhaq. n.] He hu  
 cabo na cana do leme, que com meya volta nel  
 le prende nos costados da nao, para que no tem  
 po sojogue melhor a ditto cana do leme. Funis  
 subigendo guberaculi brachio.

GALÊ. Os Italianos, que hoje dizem Galera,  
 antigamente diziaõ Galea (como se vê nas o  
 bras de Boccacio, e outros) e os Francezes que  
 dizem, Galere, diziaõ Galêe, como consta de se  
 us Poetas, e Authores antigos. Caqui se infe  
 re, que Galê, Galêa, e Galê se derivaõ do Grego  
 Galaia, ou Galêa, que se achão em Authores  
 Gregos modernos, e foraõ formados de Gali, que  
 em Grego (segundo os interpretes de Hesychio)  
 significa Lugar, ou Banco de muitos assentos,  
 cousa propria de Galês; e na Baixa Latinida  
 de tambem se acha Galêa, com a segunda lon  
 ga, p. r, lê, e como consta deste distico de cer  
 to Poeta, com que allega Mattheus Parisien  
 se.

In terris Gáleas, in aquis formido Galêas,  
 Inter eas, et eas, consulo tutus eas.

Os que pretendem que os Francezes foraõ os  
 primeiros, que sulcaraõ o mar com este ge  
 nero de embarcaçãõ, derivaõ Galê de Gal  
 lus; derivaõ outros este nome de Gaulus,  
 que segunda Aulo-Gellio Livro 10. cap. 25.  
 era huma casta de Barca, e o Grammatico  
 Festo diz, Gaulus, nomen navigii. No Peixe  
 Espada, a que os Gregos chamaõ Galeotis, a  
 chou Felippe Pigafeta as principaes partes  
 da Galê, no bico do ditto peixe, que he muito  
 comprido, e com o qual acomete, o Beque da  
 Galê, com o qual tambem ella investe, nas  
 barbatanas de huma e outra parte, os re  
 mos, e na Popa, o rabo, porque costumãõ os  
 Gregos chamar a Popa do navio Cauda. Fi  
 nalmente segue Vossio a opiniaõ dos que di  
 zem que as primeiras Galês foraõ chama  
 das Galea, de Galea, que em Latim he Elmo,  
 ou Capacete, por que nas primeiras Galês, se  
 via de huma parte Minerva pintada, e  
 da outra hum Elmo. Non desunt, qui voce  
 m Galea, vel Galeida esse putent ex Lat  
 no Galea; quasi navim dicas galeatam:

quomodo Beatus Hieronymus dixit, Proso  
 gum Galeatum; qui vulgari Bibliori  
 sioni premiti t. Et fortasse crebro na  
 vis in prora trapâonov habuit, uti illa, que  
 Corintho Ovidium vexit; sic enim scribit Li  
 b. 1. Tristium, Eleg. 21.

Est mihi, sitque precor, flavæ tutela Minervæ,  
 Navis, et à pictâ casside nomen habet.

In puppi erat Minerva, in proa a... n cassis,  
 unde ei galea, vel cassidis nomen. Galê, he  
 baixel comprido de remo, e vela, que tem vinte  
 cinco, ou trinta bancos por cada banda, cada  
 hum com quatro, cinco, ou seis remos. Na sua  
 Hydrographia diz o P. Fournier, que as galês  
 deste tempo tem muita semelhança com o  
 que os Antigos chamavaõ. Penteres, ou quin  
 que ordinum navigium. Mas Penteres he  
 palavra Grega, de que nenhum Author Clas  
 sico Latino tem usado. Sem circumlocusaõ po  
 dia o sobre ditto Padre dizer com Tito Livio, Na  
 vis quinquere mis, ou com Cicero Quinquere  
 mis sô. Os Criticos não approvaõ a palavra Pen  
 tiremis, de que usa Hirtio, ou Oppio no seu li  
 vro da guerra de Alexandria, porque Pentire  
 mis he meyo Grego, e meyo Latino. Em quanto à  
 Biremis, triremis, quadriremis, quinquere  
 mis, deciremis, & ainda que fora verdade o  
 que Scaligero, Vossio, e outros escrevem, a saber,  
 que com estas palavras entendiaõ os Anti  
 gos humas galês de muitas cubertas, em que  
 os remos estavaõ como por degraus hums so  
 bre os outros, claro está que estes nomes não  
 convem às galês de hoje; porque os remos es  
 taõ todos em hum andar. Nem he provavel,  
 nem possivel que as galês antigas tivessem  
 muitos andares de remos, como as de que faz  
 Plinio mençaõ com 15. 20. 30. 40. e até 50. car  
 reiras de remos humas sobre as outras, (o  
 que todos os Mathematicos, e fabricadores  
 de navios tem por cousa ridicula) por que ain  
 da que não houvera mais que seis palmos de dis  
 tancia de huma carreira de remos à outra  
 superior da carreira mais baixa até à mais  
 alta houvera havido mais de 240 palmos de  
 distancia, quando he certo que os mais altos  
 navios, tem pouco mais de 100 palmos de al  
 tura. A este enganno deraõ occasiaõ algumas  
 medalhas antigas, em que se representaõ ga  
 lês com muitas carreiras de remos, superio  
 res humas às outras. Supostas estas, e ou  
 tras razoes, para usar de palavras izentas

5.  
 13

toda a controversia, com o exemplo e a au-  
 thoridade de Cesar chamara eu a huma  
 galê Navis longa. Em me conformo  
 com o P. Gaudino, e com o Abade C. net  
 nos seus Diccionarios. Galê de dous rem-  
 os por banco. Biremis, is. Fem. Cic. Galê  
 de tres remos por banco. Triremis. Cic. De  
 quatro remos por banco. Quadriremis. Cic.  
 De cinco remos por banco. Quinqueremis. Tit.  
 Liv. De seis remos por banco. Hexeres, is. Fe-  
 m. Tit. Liv. Valer. Max. De sette remos  
 por banco. Hepteres, is. Fem. Tit. Liv.

General das galês. Longarum navium pr-  
 aetor, is. Masc.

Capitão de huma galê. Trietarchus, i. Ma-  
 sc. Cic. (propriamente he o capitão de huma  
 galê de tres remos por banco.)

Condenar alguém às galês. Aliquem ad re-  
 mum dare. Sueton. ou damnare ad rem-  
 um. Tit. Liv. 3. Belli Macedon.

Galê. [Terço de Impressor.] He huma taboa sin-  
 ha, que tem alguma semelhança com a figura  
 de huma galê, em que o compositor mete as letras,  
 distribuidas em regras, com sua regretta, primei-  
 ro que divide as paginas na rama de ferro, Dr.  
 Navicula typographica, a. Fem. q

GALEAÇA. Galê grande. Longa navis maior,  
 já que (como temos ditto na palavra Galê) cha-  
 ma Cesar qualquer galê. Longa navis. [Viha  
 Antonio de Miranda em huma GALEAÇA.

Bar. Decad. 3. pag. 236. col. 2.]

As Galeaças dos Venezianos tem 32 bancos  
 debaixo de cuberta, cada hum de sette remos.

Tem na proa tres baterias, huma sobre outra,  
 com duas peças em cada huma, e outras du-  
 as baterias na popa, cada huma com tres pe-  
 ças. Na sua hydrographia, diz o P. Fournier,  
 que esta casta de galê tem alguma semelha-  
 nça com a que os Antigos chamavao, Pece-  
 res, ou Ceciremis. Mas estas duas palavr-  
 as significao galê de dez remos por banco, e  
 as galeaças dos Venezianos não tem mais q  
 sette. Pello que me parece mais seguro cha-  
 malla, Longa navis Veneta, ou Venetorum.

GALEÃO. Navio de alto bordo, de tres  
 ou quatro cubertas, e alguma cousa redondo.  
 De ordinario se usa desta palavra, quando  
 se falla na frota das Indias de Castella; Ga-  
 ulus maior, ou amplior. Em Aulo Gellio Ga-  
 ulus quer dizer ~~uma~~ navio mercantil, e  
 ou quatro cubertas, e alguma cousa redondo.

De ordinario se usa desta palavra, quando  
 se falla na frota das Indias de Castella; Ga-  
 ulus maior, ou amplior. Em Aulo Gellio Ga-  
 ulus quer dizer ~~uma~~ navio mercantil, e  
 ou quatro cubertas, e alguma cousa redondo.

De ordinario se usa desta palavra, quando  
 se falla na frota das Indias de Castella; Ga-  
 ulus maior, ou amplior. Em Aulo Gellio Ga-  
 ulus quer dizer ~~uma~~ navio mercantil, e  
 ou quatro cubertas, e alguma cousa redondo.

ota. Galê pequena, co. hum só masto, e  
 ou 20. banco. por cada bordo, de hum só  
 banco. Navis longa r nor já que temos  
 a huma galeaca Navis longa maior.  
 [C. de 15 GALEOTAS mal armadas. Jacinto  
 Freire, 15.] [Correio nova certa, que appareciaõ  
 as GALEOTAS. Queiros, vida do Irmaõ Basto,  
 pag. 556.]

GALEOTE. Forçado de Galê. Remex, igis. Masc.  
 Cic. Vid. Forçado. [A differença das cores dos  
 GALEOTES, e Estandartes. Vida de Q. Fr. Ber-  
 tholameu, 260. col. 2.] [Porque Solino tinha hum  
 GALEOTE vestido, que trouxera por razão do  
 frio. Sob Corte na Aldea, 365.]

GALEOTO. Galê pequena. Vid. Galeota. [No GA-  
 LEOTO hiao pouco mais de settenta homens.  
 Queiros, vida do Irmaõ Basto, 316. col. 2.] #

GALERIA. Quasi todos os Etymologistas  
 convem, em que esta palavra se deriva do  
 Francez antiquado, Galer, que significa folgar,  
 ou do Francez usado, Aller, que quer dizer An-  
 dar, porque Galeria he a parte da casa mais  
 espacosa, e folgada, em que se and  
 He pois Galeria hum lanço de edificio, ao compri-  
 do, cuberto, e de ordinario sustido sobre colum-  
 nas, ou pilares, e por isso os Antigos lhe chama-  
 vaõ, Porticus, us. Fem. Cic. (Tambem há gale-  
 rias sustidas sobre paredes com muitas janel-  
 las.)

Galeria, com duas carreiras de pilares. Porti-  
 cus duplex. Vitruv. lib. 5. cap. 9.

Galeria com tres carreiras de pilares. Porti-  
 cus triplex. Sueton. in Neron.

Galeria pequena. Porticula, a. Fem. Cic.

Galeria, em que antigamente em Roma  
 os lutadores faziao no Inverno os seus exer-  
 cicios. Xistus, i. Masc. Vitruv.

GALENO. Vento fresco, que corre entre o  
 Norte, e o nascente. Cacias, a. Masc. Plin. Es-  
 te mesmo nome se dá a ventos diversos, e se-  
 gundo a differença das terras, produz effei-  
 tos differentes. Em Franca o vento a que cha-  
 maõ Galerne he muito frio, e seca as vinhas, e  
 daqui proce des este verso macarronico, Va tibi  
 Galerna, per quam fit clausa taberna. [O bom fun-  
 do, que achavaõ, e tempo GALENO. Camião de  
 Goes, 22. col. 2.] [As tempestades lhes convertia  
 em vento GALENO. Vicira, Xavier dormindo,  
 236.] [Huma viraçao branda, e GALENA. Viei-  
 ra, Tom. 6. 323.] [Passavaõ o cabo de Boa Espe-

GALEÃO. que me julha. To  
 or p<sup>o</sup> vermelhos,  
 ordens de pedras, e  
 essas negras. He  
 muitos na Lagoa  
 de Obidos.

da  
 14

SALL. Ha pala  
 vra Latina que  
 entre nos responde  
 a capaceta, ou  
 a, armas  
 da da  
 or isso todas  
 mas. No discurso  
 stugal, B. 1  
 4. dis  
 deves  
 que  
 aita de couro;  
 qual para mayor  
 wosidade, e forta-  
 por ornar por  
 di  
 do as  
 fora, e  
 usar a mel.  
 ma  
 não  
 forma  
 se  
 u ob  
 vece  
 Gregos.  
 ue

# GALERA. Castri-  
 agem usada em Cas-  
 tella.  
 qu.  
 as. Tem  
 todo de encardor  
 Leva fardos tras-  
 tos, a guerra, passã  
 algumas de Cas-  
 tello a este Reino  
 e nelle conservãõ  
 o proprio nome.  
 chamãse assim.  
 por ser humas  
 como Galas da  
 terra, pella muita  
 gente, e fatto, que  
 leva. Esseda, ou  
 Essedum, quod vulgo  
 Galera nuncupa-  
 tur.  
 25.

rança em huma. Ingra sura, p. m. que o vento era GALERNO, o mar bonança. Vieira n. 2. pag. 86.]

GALERO. Cub. vtura da cabeça, feita de lle de animal, com feição de Elmo. Segur. o. 5. Poetas he o chapeo de Mercurio, Bet one, &c.

Galerus, i. Masc. Varro. Manda Mercurio logo, esse os talaes Divinos, e GALERO. alado toma.

Vlyss. de Gabr. Per. Cant. (1. oit. 3). [GALERO de Bellona, Anacephal. de Bocarro, oit. 13.]

+ GALFARRO. Termo chulo. Gigantaõ, soberbo, valente.

GALGA. A femca do galgo. Vertagus femina. Vid. Galgo.

Em lagar de azeite he huma mõ de Galga. A pedra de cima da mõ, com qua se faz a azeitona no lagar. Tragetum, i. Neut. Virg.

Galga de pedra. Pedra grande que se atira pello monte, tomada a metaphora das galgas dos lagares, e dos caens deste nome, que em lugares escabrosos correm a saltos. [Era tanta a pedrada, e GALGAS de pedra, que vinhaõ saltando por cima das cabeças desta gente &c. Barros, 2. Decad. fol. 184. col. 2.] Na

1. Decada, pag. 163. col. 2. diz corriaõ pedras, e estas, que corriaõ eraõ mais perigosas por serem grandes, e redondas, ordenadas para aquelle mister, as quaes como tomavaõ GAL-

GA vinhaõ tao furiosas pella riuã abaxo, que pareciaõ vir espedidas de algum trabuco. Gu-

into Curcio que descrevendo outro successo se methante, diz, Ingentis magnitudinis saxa

per montem prona devolvunt, qua incussa segius subjacentibus petris, maiore vi incide-

bant.

GALGALIA. Lugar da Palestina, no Tribu de Benjamim, tres legoas da Cidade de Jerico. Hoje he habitado dos Arabes. Neste lugar por ordem de Josue foraõ circumcidados com cutellos de

Pedra, os filhos dos Hebreos, que naceraõ no deserto, e foi chamado Galgala, como quem dissera

ficao os filhos de Israel livres dos opprobrios do Egypto. Quatorze dias depois desta cerimonia celebravaõ a Pascoa, e este mesmo lugar, que fora illustrado com muitas accoens admiraveis, foi depois profanado com infinitas idolatrias, como advertio S. Jeronimo, cap. 4.

super Qseam. Galaala, a.

GALGAR. Termo de pedreiros, carpinteiros, &c. Galgar a parede ate o primeiro, ou segundo vigamento, he acabar a parede ate certa altura.

Galgar huma taboa, he fazella tao larga de huma parte, como da outra. & Parietis, vei cabul partes adaequar, ou coequare, [quo, avi, atum.]

GALGO. Cao, alto de pernas, e delgado de corpo, que caca lebres. Vertagus, gi. Masc. Martial. Este mesmo Poeta the chama Canis Gallicus, Leporemque lesum Gallici canis dente, Lib. 3. Epigram. 47.

Adagios Portuguezes do Galgo. A gaijo velho deitalle a lebre, e não coelho. Nem em tua casa Galgo, nem a tua porta fidalgo. Em Dezembro a huma lebre, Galgos cento. Galgo, que muitas lebres levanta, nenhuma mata. O Fidalgo, e o Galgo, e o taleigo do sal, junto do fogo os haõ de achar. Galgo

, ou muito velhaco, ou muito mosino. Galgo, comprallo, e não eriallo. O Galgo a larga, a lebre mata. Em Janeiro, nem Galgo lebreiro, nem Acor Perdigueiro. Pe casta the vem ao Galgo, ter o rabo longo. De quem corre muito, principalmente se vai fugindo, dizemos, que o não alcancaõ hum Galgo.

GALGVEIRA. Em algumas partes he huma covã comprida, para se encher de agoa.

GALHA. Excrescencia do Roble, ou certo curvatho de Levante, que se origina das picadas de hums insectos nos ramos mais tenros da planta, as quaes fazem huma materia humida, que no principio se condensa em bexiga, e toma a figura de ordinariamente redonda, alvadia, ou tirante a verde ou a negro, e escabrosa, ou espinhosa, com ella se faz tinta para escrever, e serve aos Tintureiros para tingir de negro. Nas observacoens, que fez com o microscopio, pag. 210. discretamente repara Antonio Leeuwenhoek, que não merece a Galha o nome de fruto, porque deve o seu ser a hums bichinhos, que sahẽ das moscas, e que em moscas se tornaõ, as quaes furãõ as folhas do Roble, e destes furos toma a Galha o seu nacimiento. Galha, a. Fem. Virgil. Columel. [GALHA, que se deita na tinta. Costa, Georgic. de Virgil. 125.]

GALHARDAMENTE. Com animo. Com valor. Fortiter. Cic. Galhardamente se houve naquelle combate. Strenue se in hoc prelio gessit.

Galhardamente. Bem. Bizarramente. Com perfeicao. Benè. Egregiè. Praclarè. Cic.

Galhardamente. Com vigor. Com força. Acriter. Valide. Cic.

GALHARDÊTE. Bandeirinha, comprida, que se poem no alto dos mastos dos navios, ou em outra parte em occasiao de festas. Deriva-se do Francez Gaillard, que quer dizer Alegre, porque Galhardetes saõ indicios de dias

GALEZA. Joã de Barros na Decada 1. fol. 19. col. 1. fallar do no mantimento dos Mouros Azegues, diz, [Carne, se alguma comam ha de Galezas, Deve ser erro da impressã, quer dizer Gazelas. +

moinho, empinada sobre a mõ de baixo, moe a azeitona em pã, encostada a hum pã, que está no meyo do moinho, o qual pã tem hũr orno no meyo, mettido na gaija com a qual anda juntamente com o pã, dando este tantas voltas, como ella, pello impulso da varanda, e Entrosada de outras rodas mais pequenas, que estão em cima destas, a que chamaõ carretes.

Trajes, etis. Masc. Vnm. Trajetum, i. Neut. Virgil. Num e outro se deriva do Grego Trepein, que val o mesmo que virar ou voltar. Mola olearia, a. Fem. Moem as galgas a azeitona. Tertur Sicyonia bacca tragetis. Virgil. Lib. 1. Georgic. Galga de paredes ou taboas. Vid. Galgar.

8. 10.

festivos, e alegres. Vid. Flammula. [Bor- las, e Bandeiras, a que tambem chamão GALHARDETES. Galvão, Trai. a Jinet. 204.] GALHARDIA. Bizarria. &c. Vid. n. 3 seus lugares.

GALHARDO. Perivase do Francez Gaillard, e este segundo Isaac Pontano, no seu Glossario Lei. 10. A Gallicã audacia Galliardus appellatur is, qui fortiter adit pericula, posto que Gaillard em Francez tambem quer dizer Alegre, são, bem disposto, &c. Entre nos Galhardo se toma em muitos sentidos. Galhardo, bem parecido, bizarro, bem feito. Galhardo moco. Adolescens, magnã præditus dignitate, ou Adolescens, pulcherrimã specie. Cic.

Com galharda resolução. Fortiter, ou magno animo. Hã mister huma galharda resolução para se expor a perigos tão evidentes. Fortis est animi, et intrepidus tam aperta adire pericula.

GALHETA. Pequeno vaso de vidro, ou metal, com que se dá o vinho, e a agoa para o sacrificio da missa, ou em que se poem o azeite, e vinagre nas mesas. Urceolus, i. Masc. Simpulum, ou como outros lem, Simpulium, i. Neut. Varro. Cic. Qiz Festo Grammatico, que he hum vaso pequeno, de que usavaõ os Antigos para os licores, que derivavaõ nos seus sacrificios. Tambem com Horacio, Petronio, e Aulo Gellio lhe poderã chamar Guttus, i. Masc. que he outro vaso pequeno, donde nos sacrificios dos Antigos sahia o licor gota a gota. Em Plauto

se acha o diminutivo Guttulus, i. Masc. Segundo os Autores da Casiastica, tem os galhetas da missa muitos nomes. Anastasio in Leone, lhas chavaõ Gemationes. Na Ordem Romana, chamaõse Amula, ou com aspiração Hamula, e no Livro 19. de Avertar, cap. 23. diminutivo de Hamul, e que segundo Turnabo. Avertar. Lib. 19. cap. 23. são vasa aquaria globos ventris, ac forma rotunda. No Livro 2. de Offic. Offic. cap. 10. Amula propria menta ha a galheta do vinho, e Scyphus a da agoa. Chamaõthe outros Angulus, quasi parum amula. O Concilio Cartaginense 4. cap. 5. lhas chamaõ Urceoli. orum. Masc. Plur. o o

re. Ovid. Passar a vida em galhofas. Oblectare vitam. Plaut. Victitare pulchrè. Plaut. Bene libenter victitare. Terent. #

GALHOFEAR. Fazer galhofas. Geniale festum, ou genialia festa agere. Galhofear de alguém. Vid. Lombard.

GALHÚDO. Peixe dos mares de Sezimb. he quasi do tamanho de Cação, todo cheio de ferro pello serro. He bom de comer. Tambem chamo Galhudos huma casca de seitoens secos. Galhudo, especie de Lacaõ, chamara eu Teo joalla minor, ou parva ichtyocolla, d. Femen.

Galhudo. He o nome que dá o vulgo aos que andão com a tumba da Misericordia. Feretri gestator, oris. Masc. ou Qui mortuorum cadavera feretro effert. Vespillo, onis. Masc. de que usa Marcial, propriamente significa aquelle, que de noite enterrava os corpos, dos que não tinhaõ com que fazer os gastos de huma pompa funebre. Sandapilarius, não se acha senão em Sidonio Apollinario; e Sandajila só se toma pello esquite dos pobres. Tambem lhas chamaõ

GALILEU. [Termo dos antigos mosteiros da Ordem de S. Bento, em Portugal.] Nos mosteiros, mais graves da ditta Ordem, havia de frente da porta principal da Igreja hum sitio com suas paredes, e arcos levantados, em que os defuntos nobres se enterravaõ. A este sitio, (a que hoje respondem os alpendr das igrejas ordinarias) chamavaõ Galileu, ou Galileia. E a razão da imposição deste nome dá o Abba de Ruperto, dizendo, que todos os Cominjos se fazia procissão pella claustra, descancando em cada lanço della por hum breve espaço em memoria da Resurreição de Christo, e das vezes, que appareceo resuscitado a seus discipulos, consolandoos com huma breve visita sua. E assim como a ultima vez, que lhe appareceo antes do dia da sua gloriosa Ascensão, foi no monte de Galilea, aonde lhes mandou, que fossem pregar o Evangelho pello mundo todo, e bautizar os que cressem, comprindo nisto o que lhe tinha prometido, Postquam resurrexero præcedam vos in Galileam; assim a ultima parte, em que a ditta procissão descancava, e fazia pausa, era aquelle lugar, que estava de frente da porta da Igreja, e por este respeito se chamava Galileu.

GALILEU de S. Thirso acham os enterrados da grande parte da nobreza antiga de Portugal. Benedictina Lusit. Tom. 2. fol. 44. col. 1.] [De frente desta porta estava huma GALILEU

GALILEIA. Terra da Palestina, e a parte Septentrional da Judea, entre o Mar Mediterraneo, e o de Tiberiadis, e entre Phenicia, e Samaria. Nesta Provincia foi Jesus Christo concebido, e

Gatos pingados. Na Cidade do Porto chamaõ lhas Femicocos, +

Na quinta parte do Mon. Lusit. fol. 156. col. 4. diz seu Author, que esta palavra Galileu foi introduzida dos de a primitiva Igreja, para se pro- testar o mysterio da Resurreição, por quanto Galileia quer dizer Transmigração, que val tanto como dizer passagem de hum lugar a outro, ou Transmutação de hum a outro estado, do estado passivel, e mortal ao estado glorioso, e impassivel, e que assim com o proprio nome da Sepultura, em que os christos se depositavaõ mortos, testem a esperança que tinham de se malhoarem gloriosos. [ Na B de tres naues, fora de abobeda do Coro graph. Pernu Tom. 1. 125.7 Ouco dizer, que em outras partes do Minho lhas chamaõ Cabido.

1. a  
1. 7.

Con gal oyo  
Sani. liter. O. d.  
De galhofa. Hi-  
are, ou hilari-  
ter. E Bar sã  
vela e de #  
GALTIFA. Godinho  
Viagem da India.

93. 7

festivos, e alegres. Vid. Stammula. [Bor-  
las, e Bandeiras, a que tambem chamão GA-  
LHARDETELS. Galvão, Trai. Ca Ginet. 204.]  
GALHARDIA. Bizarria. & Vid. n. 1. seus  
lugares.

GALHARDO. Cerivase do Francez Gaillard,  
e este segundo Isaac Pontano, no seu Glossario  
Lei. 10. A Gallicã audacia Galliardus appel-  
latur is, qui fortiter adit pericula, postoque  
Gaillard em Francez tambem quer dizer A-  
legre, são, bem disposto, &c. Entre nos Galhar-  
do se toma em muitos sentidos. Galhardo, bem  
parecido, bizarro, bem feito. Galhardo moco.  
Adolescens, magnã præditus dignitate, ou A-  
dolescens, pulcherrimã specie. Cic.  
Com galharda resoluçã. Fortiter, ou magno  
animo. Há mister huma galharda resolu-  
çã para se expor a perigos tão evidentes. Fo-  
rtis est animi, et intrepidus tam aperta ad-  
ire pericula.

GALHÊTA. Pequeno vaso de vidro, ou me-  
tal, com que se dá o vinho, e a agoa para o sa-  
crificio da missa, ou em que se poem o a-  
zeite, e vinagre nas mesas. Vrecolus, i. Ma-

GALHO de arvore. Surculus, i. Mascul.  
Plin. Ramulus, i. Masc. Cic. [Garfo, GAL-  
HO, como da vide. Amalth. Onomastica, part.  
1. pag. 18.] Vid. Esgalho.

GALHÔFA. Boa meza, com estrondo, e ale-  
gria. Lautus, et elegans victus, ou opipara  
mensa cum festivo fremitu.

Dia de galhofa. Genialis dies. Juvenal. Fes-  
tum geniale. Ovid.

Fazer huma galhofa. Festum genialiter age-  
re. Ovid.

Passar a vida em galhofas. Oblectare vitam.  
Plaut. Victitare pulchrè. Plaut. Bene libe-  
nter victitare. Terent. #

GALHOFEAR. Fazer galhofas. Geniale  
festum, ou genialia festa agere.  
Galhofear de alguém. Vid. Zombar.

GALHÛDO. Peixe dos mares de Serimb. he  
quasi do tamanho de Cação; todo cheo de fer-  
ro pello serro. He bom de comer. Tambem  
chamaõ Galhudos huma casca de seitoens se-  
cos. Galhudo, especie de Cação, chamava eu  
João joacha minor, ou parva ichtyocolla, &c. Fe-  
men.

Galhudo. He o nome que dá o vulgo aos que an-  
daõ com a tumba da Misericordia. Feretri ges-  
tator, oris. Masc. ou Qui mortuorum cada-  
vera feretro effert. Vespillo, onis. Masc. de que  
usa Marcial, propriamente significa aquel-  
le, que de noite enterrava os corpos, dos que não  
tinhaõ com que fazer os gastos de huma pompa  
funebre. Sandapilarius, não se acha senão  
em Sidonio Apollinario; e Sandagila sô se to-  
ma pello esquite dos pobres. Tambem lhes chamaõ

GALILÉ. [Termo dos antigos mosteiros da Or-  
dem de S. Bento, em Portugal.] Nos mosteiros,  
mais graves da ditto Ordem, havia de frente  
da porta principal da Igreja hum sitio com  
suas paredes, e arcos levantados, em que os  
defuntos nobres se enterravaõ. A este sitio,  
(a que hoje respondem os alpendr - Igreja -  
jas ordinarias) chamavaõ Galilé, ou Gali-  
lea. E a razã da imposiçã deste nome dá o  
Abba de Ruperto, dizendo, que todos os Comin-  
gos se fazia procissã pella claustra, descancan-  
do em cada lanço desta por hum breve espaço,  
em memoria da Resurreiçã de Christo, e  
das vezes, que appareceo resuscitado a seus  
discipulos, consolandoos com huma breve vis-  
ta sua. E assim como a ultima vez, que lhe  
appareceo antes do dia da sua gloriosa Ascen-  
sã, foi no monte de Galilea, aonde lhes man-  
dou, que fossem pregar o Evangelho pello mun-  
do todo, e bautizar os que cressem, comprin-  
do nisto o que lhe tinha prometido, Postquam  
resurrexero precedam vos in Galileam;  
assim a ultima parte, em que a ditto procis-  
sã descancava, e fazia pausa, era aquelle  
lugar, que estava de frente da porta da Igre-  
ja, e por este respeito se chamava Galilé.

GALILÉ de S. Thirso acham os enterra-  
da grande parte da nobreza antiga de Por-  
tugal. Benedictina Lusit. Tom. 2. fol. 44.  
col. 1.] [De frente desta porta estava huma GALILÉ

GALILÉA. Terra da Palestina, e a parte Sep-  
tentrional da Judea, entre o Mar Mediterraneo,  
e o de Tiberiades, e entre Phenicia, e Samaria.  
Nesta Provincia foi Jesus Christo concebido, e

Gatos pingados. Na  
Cidade do Porto cha-  
maõ-lhe Farnicocos,

Na quinta parte  
da Mon. Lusit.  
fol. 156. col. 4. dis-

Su Author, que  
esta palavra Galile  
foi introduzida das

de a primitiva da  
Igreja, para se pro-  
testar o mysterio da  
Resurreiçã, por

quanto Galilea  
quer dizer a Trans-  
migraçã, que val

tanto como dizer  
passagem de hum  
lugar a outro, ou

Transmutaçã  
de hum a outro  
estado, do estado

passivel, e mortal  
ao estado glorioso  
e impassivel, e

que assim como  
proprio nome da  
Sepultura, e  
em que os Chris-  
taõs se depositaõ

mortos, testemun-  
haõ a esperanca que  
tinhaõ de se melho-  
ragem gloriosos.

Na 8  
de tres naues, fora  
de abobada do Coro-  
graph. Portug. Tom. 1.

129.7 Ouco dizer  
que em outras par-  
tes do Minho lhe  
chamaõ Cabido.

20

20  
5

20

12  
17

Con gal ojo  
Genialiter. Ovid.  
De galhofa. Hi-  
are, ou hilari-  
ter. Bar sa  
vel. e de 58  
GALIFA. Godinho  
naçã da India.

93-7



Forçosamente havemos de usar desta palavra, para distinguirmos Gallia de Franca. Porque inda os Authores Latinos destes últimos se chamem à Franca Gallia, a Fem. Propriamente fallando, Gallia não he Synónimo de Franca. E assim como seria cousa ridicula que se dizesse, que Cesar entrava em Franca, e sojugára os Francezes; tambem se vira a gente de quem dissera, que hoje a Gallia faz guerra a Castella, e que os Galos tem conquistado a mayor parte de Flandes. Supposto isto, a Gallia, ou as Gallias, são as terras, que os Romanos antigamente dividirão em Gallia Cisalpina, e Transalpina. Gallia Cisalpina, ou à quem dos Alpes (respectivamente aos que estão em Roma) he toda a Lombardia, a saber, o Estado de Milão, o Piemonte, a ribeira de Genova, as Republicas de Veneza, e de Luca, e tudo o que os Galos possuíam ao longo do Rio Pô em Italia. A Gallia Transalpina, ou alem das Alpes (tambem respectivamente aos que vivem em Roma) se dividia em duas partes, das quaes huma era chamada Gallia Narbonense, ou Braccata, e outra Gallia Comata. Esta ultima tinha tres partes, 1. a Gallia Celtica, que depois foi chamada Lugdunense, em que se comprehendia as terras, que estão entre os Alpes, e os dous Rios Garonna, e Loira. 2. a Gallia Aquitanica, que no tempo de Cesar tinha por limites o Rio Garonna, o Oceano, e os Pyreneos; e à qual o Emperador Augusto acrescentou depois outras terras. 3. a Gallia Belgica, que hoje está dividida nas provincias de Picardia, Lorena, Alsacia, Flandes, ou payzes baixos.

Da Gallia, ou concernente à Gallia. Gallicus, a, um. ou Gallicanus, a, um. Cic. [Esteve Annibal, quasi determinado de se retirar a GALLIA. Vasconc. Arte militar, 1. part. Fol. 176.] [Muitas Provincias em as GALLIAS. Ciabra, Exhortação militar, 101. Vº]

GALLICADO. Inficionado de humor Gallico. Venereã lue infectus, a, um. [Considerando, se o sojeito GALLICADO. Correccão de abusos, s. 6.]

GALLICANO, como quando se diz, A Igreja Gallicana, os Privilegios da Igreja Gallicana. Dr. Ecclesia Gallicana, a. Fem. A Igreja Gallicana, de ordinario quer dizer

a junta dos Arcebispos, e Bispos de Franca. ♀  
 GALLINHA. A femca do Gallo. Ave caseira, poem ovos, e chocca. Há de muitas es-  
 differençaõ no tamanho, na cor, e formosura de ás. A Gallinha de Guine he do tamanho das nossas, mas he muito mais alta das nossas. Na Ilha de S. Lourenço há Gallinhas, cujos ovos são tao pequenos como os das nossas pombas. Dizem que na China há huma casta de Gallinhas, que lança da boca algodão em fios, e se lho não tomaõ logo, o tornaõ a engolir. Come a Gallinha aranhas, escorpioens, e outros insectos venenosos, sem a sua carne fazer mal a quem come della, senão com a continuacão. O alimento da Gallinha he peitoral, nutritivo, e corroborativo. Huma Gallinha aberta viva, e logo applicada a cabeça, abre os poros, e he remedio para phrenesis, delirios, febres malignas, apoplexia, e Setargo. Gallina, a. Fem. Cic.

Gallinha, que tem pintos. Gallina matris, icis. Fem. Columel.  
 Gallinha, que já não poem. Effeta gallina. Plin. Rom.

Gallinha mourisca. He huma especie de gallinha, que vem da Africa. <sup>Tem as penas escuras, salpicadas de branco, e poem ovos</sup> que tem hums pontos, ou manchas pequenas como os ovos do Faisão. Meleagris, idis. Fem. Columel.

De Gallinha, ou concernente a gallinha. Gallinacens, a, um. Cic. ou Gallinarius, a, um. Varro. Chama Celso Scala gallinaria, a escada por onde as gallinhas sobem ao poleiro.

Ovo de gallinha. Ovum gallinaceum, i. Neut. Varro. #

Adagios Portuguezes da Gallinha. Grão, e grão enche a Gallinha o papo. Ao bom marido cevallo com Gallinhas da par do Gallo. Triste da casa, onde a Gallinha canta, e o Gallo catla. A Gallinha de minha vizinha he mais gorda, que a minha. Furtar Gallinha, e apregoar rodilha.

Se o Villaõ soubesse o valor da Gallinha em Janeiro, nenhuma deixaria no Poleiro. A velha Gallinha faz gorda a cozinha. Boa he a Gallinha que outrem cria. Aldeãã he a Gallinha, e comea o de Coimbra. A Gallinha apartathe o ninho, e portehã o ovo. Da Gallinha, a preta, da Patta, a parda; da mother, a sarda. Mais val pedaco de pão com amor, que Gallinha com dor. De Gallinhas, e mãs fadas, cedo se enchem as casas. Em casa de Gonçalo, mais pode a Gallinha,

GALLICAR. Do mal Gallico. Venereã lue infectare, [ficio faci, festum.] com accusativo. 8

Tem as penas escuras, salpicadas de branco, e poem ovos

Gallinha decris # ta rã dõta, ta fal...  
 deira... Vid. Criãã...  
 Gallinha Criãã...  
 Vid. Criãã...  
 Gallinhas...  
 puenil, em que se fingem ser gallinhas. 8

que o Gallo. Disso vos podeis despedir, como a Gallinha dos dentes. Coze Gallinhas e um Gallo comem tanto como hum caval o. Onde está o Gallo, não canta a Gallinha. Folgar Gallinhas, que o Gallo ne em vi u in as. Gallinha não poem do Gallo, se não do pupo. Gallinha não nace, que não esgaravate. Gallinha, que em casa fica, sempre pica. Não há Gallinha gorda de pouco dinheiro. Onde a Gallinha tem os ovos, lá se lhe vão os olhos. Raynha he a Gallinha, que poem ovos na vindima. Vem o Qemo de fora, enxota Gallinhas de casa. Viva a Gallinha, viva com sua pevide. Fullano he huma Galli-

inha. *Pe de Gallinha. Em. Vid. Pi.*

GALLINHEIRO. Poleiro. Vid. no seu lugar.

Gallinheiro. Aquelle, que tem cuidado das Gallinhas. Gallinarius curator. Varro.

Gallinheiro. Aquelle, que trata em gallinhas, que vende gallinhas. Gallinarius, ii. Masc. Cic. Plin.

GALLINHOLA. Especie de gallinha brava, salpicada de pardo, que tem o bico muito comprido. *usticula, a. Fem.* Pode selhe acrescentar Maior, ou minor, conforme a grossura. Nemesiano Olympio no seu livro da caca she chama com nome Grejo Scolopax, Jaca trazendo este nome no Latim, she chama Gallinago.

GALLÍPOLI. Cidade da Romania, no Estreito do mesmo nome. Galligolis, is. Fem. Com este proprio nome chama Cicero a huma Cidade do Reino de Napoles, na Provincia de Otranto.

Estreito de Galligoli, ou os Cardanellos, ou o braco de S. Jorge, antigamente o Hellesponto. Hellespontus, i. Masc. Cic. *Em o ESTREITO de Galligoli, dia dos santos martyres, Cinno primo, Thoganes. & Martyrolog.*

*em Portuguez, pag. 3.]*

GALLIZA, ou Galiza. Antigamente Reino, hoje Provincia de Hespanha, montuosa, cheia de mata, abundante em vinho, e pouco fertil em pão. Tem algumas cem legoas de Costa para o mar Atlantico, e quarenta de largo. Sua Principal Cidade he Compostella, celebre pelas romarias, que de todas as partes da Christandade se fazem ao Apostolo Santiago. As mais Cidades Episcopaes são, a Corunha, Oronsa, Mondoneo, Lugo, e Thuy. Alem do Porto da Corunha, que pode agazalhar huma grande armada tem Galliza ou

tros quarenta portos, entre os quaes são V. go, Finis terra, e outros, a que em Portugal chamamos Rios de Galliza. Nesta Provincia to os nossos rios Lima, e Minho seu nacimiento; os mais rios que a banhaõ, são o Cilinia, Miranda, Avia, Cib, Vlla, Tambre, &c. Gallacia, &c. Fem. Plin.

GALLO. ~~Espece~~ O macho da Gallinha. He orgulhoso, petulante, atrevido, e brigão. Passa com arrogancia, arqueando a cauda, e sempre grave, e socegado, posto que nunca sem espora. Com nobre sympathya, muitas vezes poem os olhos no Ceo. Tem barbas pendentes, mas de cor de sangue, e prompto para guerrear, sempre traz elmo na cabeça. Os seus jogos são batalhas; com seus emulos joga as cristas, e ainda que perca, não perde o brio; vencido, se cala; vencedor, canta, sonoro pregoeiro da sua victoria, e vivo clarim da sua fama. Sempre activo, não reconhece superior, e na sua volatil <sup>familia</sup> ~~depreziva~~, sempre impera. Deitase com o Sol, e com saudades delle, não dorme quieto; na mayor tranquillidade interrompe o silencio da noite; en fastiado do interreino das sombras, desperta a Aurora, chama a luz, e sem fallencia prophetiza o dia. He o ~~gomo~~ <sup>familia</sup> bolo da vigilancia, o apontador das faltas do Principe da Igreja, e generoso terror do Rey das feras. Gallus, i. Masc. Gallus Gallinaceus, i. Masc. Cic. Columella she chama Gallinaceus mas, e Plinio Gallinarum maritus.

*omustica annunciador do Sol.*

*He mo Ave do Ceo tem deste p... muita vivaza, e galhardia; cam a mayo noite, que <sup>neste</sup> tempo comeca a tornar o Sol pa o nosso emisferio e canta mais a romper da Aze porque ja tem mais parte do Sol, fomenta dor luminoso da Synge thia. f. natme te he o Gallo o Sym = +*

Adagios Portuguezes do Gallo. Muito pode o Gallo em seu poleiro. O moço eo Gallo hum só anno. Onde está o Gallo não canta a Gallinha. Em casa de Goncallo mais pode a Gallinha, que o Gallo. Gallo bom, nunca foi gordo. Para doze Gallinhas, basta hum Gallo.

Gallo. Tumor, procedido de alguma pancada sem sangue. Tuber, eris. Terent. Das gunhadas, que me deu, tenho a cabeça cheia de gallos. Colaphis: tuber est totum caput. Terent.

Galho. Peixe, assim chamado, porque no meyo das costas se she levantaõ humas espinhas, a modo de crista de Gallo. Faber, bri. Masc. ou Zeus, já que no livro 9. cap. 18. diz Plinio Zeus, idem faber, &c. Também poderamos chamar she Gallus marinus.

Coelho, Enxova, Atum, GALLO, e Cobrada. Insul. de Man. Thomas, livro 10. Gallo das trevas. He a vela do meyo no candieyro triangular, que se poem no tempo dos

officios das tres tardes da semana santa. Cereus eminentior in triangulari candela...

Gallo. Natural da antiga Gallia. Gallus, j. Masc. Cic. Tito Livio diz Gallia, e. Fem. para significar a molher da terra sobreditta. Vid. Gallia. [Na segunda guerra, que os Romanos tiveram com os Gallos. Vascon. Arte militar. 1. parte, Fol. 176.]

GALLOVAY. Provincia de Escocia na parte Austral do mar d'Irlanda. Tem titulo de Condado. Sua Cidade principal he Vishorn. Gallovidia, ou Galdia. Os Antigos lhe chamaraõ Novantum Chersonesus.

GALÔPE. Curso do Cavallo, como a saltos, levantando as maõs, e os pês quasi no mesmo tempo. Por falta de palavra propria, os que hoje escrevem em Latim, dizem Equi subsultantis cursus, us. Masc. Vid. Galoppear. [No instante, que entrar a GALOPE. Galvão, Trat. da Gineta, 43.]

GALOPEAR. Perivase do Italiano Galoppare, ou do Francez, Galoper. Este se deriva de Calpi, e Calpis, que em alguns Authores Gregos significão certo modo de andar, ou correr; dahi formaraõ os Gregos o seu Calpazein, e Calgan, que propriamente significão fazer andar o cavallo a saltos pequenos. Budeo, Ruellio, e outros são de opinião, que dos dittos verbas se derivaõ o Galop, e Galoper dos Francezes. Eis aqui as palavras de Budeo nos seus Commentarios sobre a lingua Grega, pag. 212. Kalpan, e Kalpazein Græci dicunt, Equum ad ingressum exultantem urgere, nostri hoc Callopare vocant, et Callopum, quod illi Kalpin dicunt. Porrem Salmasio nas suas annotaçoes sobre Julio Capitolino, acha entre o Kalpan dos Gregos eo Galoper dos Francezes alguma differença. Differēbat tamen dix esse currēdi modus ille in equis, quem Græci Kalpan vocant, et quem nos Galopum vocamus. Græcorum enim Kalpa, cursus est, quem Trotum vulgò nuncupamus, qui medius est inter Galopum, et passum, ut vulgò loquimur. Mas logo acrecenta o ditto Salmasio Haud dubie tamen inde effecta est vox ista nostra Gallica Galoper. Galoppear o cavallo. Subsultim currere. Galoppear o Cavalleiro. Equi cursu ferri, [feror, latus

sum.] ou Equo subsultante, ou subsultim currere ferri. [Na arte, onde elle tiver trabalhado, naõ a LOPE. Galvão, Trat. da Gineta, pag. 43.] #

GAM

GAMA. A fem. do Gamo. Cama, e. Fem. Virgil. d. Trat. e. vid.

Gama na Musica. Vid. Gamma.

GAMAÕ. Era. 4. Gamaõ.

GAMARRA. Termo

He hum cubo, que se ata do sítio do

Sítio ao vocal, ou ao cabeça, com que se vemem aos cavallos os vestros

O cavallo he o que guza e abra

a GAMARRA. Galvão. Trat. da Gineta

56. 18

os Porcos. Aqualiculus, i. Masc. Sobre esta palavra Calegino diz Vas, in quo porci sorbent. Em Persio Aqualiculus he ventre. Gamela, tambem he outro vaso de pao cavado em redondo, largo, e pouco fundo, em que as molheres costumãõ trazer maõs de carneiro. Parece, que lhe poderaõmos chamar, Gabata, que era hum vaso, tambem cavado, em que se punhaõ as carnes mesa. Achase em Marcial, lib. 7. Epigr. 42. e segundo os Etymologicos, Gabata, he quasi o mesmo, que cavata, e diz Turnebo, Gabata, genus hancis concava. Outros pella semelhança do nome, que rem que Camella, e. Fem. seja o mesmo que Gamela.

Quum licet appositâ, veluti craterē, camellâ,

Lac niveum potes, purpureamque sapat.

Ovid. 14. Fast. [Deitaõ estes peixes em huma

GAMELLA de agoa salgada. Fr. Joã dos Sant. Ethi-

op. Oriental, part. 1. 9 s. col. 3.]

GAMMA. He a letra G dos Gregos. Guido Are-

tino, Monje de S. Bento, para memoria de que a Arte da Musica passara dos Gregos aos Latinos, acrecentou às seis primeiras letras do Al-

phabeto, (de que se valera para differenciar as vo-

zes, ou intervallos) hum G. grego, ou Gamma, e dahi tomou o seu Systema o nome de Gamma, o qual tambem se chama maõ, ou Mão harmoni-

ca, Taboada, ou Gamma de Guido; e hoje hã outro Systema, chamado o novo Gamma. [Nos primeiros sette signos nomeavaõ GAMMA ut. Nunes

Explanaç. pag. 34.]

GAMO. Hum especie de Veado com os cornos espalmados. Cama, e. Masc. Virgilio o faz de genero masculino. [Ainda que o GAMO, e a lebre temhaõ quasi igual ligeireza. Pinto, Trat. da Cavallaria, pag. 25.]

7. 23.

# GALVÊAS. Villa o. Portugal, no Alentejo entre Evora, e Aviz, na ladaina de hum monte. Antigamente

for foi Aldea, chamada

Villa Nova do Laranjal, por ser muito abundante de frutos de

espinho. Mandou a povoar o Mestre de

Aviz, Dom Jorge de Lancastro, filho do

Ray D. Joã o Segun-

do e lhe deu foral e l

Ray D. Manoel. He

cabeça de Condado cujo titulo deu o

Ray, D. Pedro o Segun-

do a D. N. de Mell de Castro em premio de seus

serviços.

GALVETA Embar-

caçãõ leve, usada na India. [Obada cando a GALVETA aos mares Jacinto Freira, Liv. 2. num. 124.]

officios das tres tardes da semana santa. su  
Cereus eminentior in triangulari candere  
labro, quod vespertinis su. minorum die-  
rum maioris hebdomadae officiiis an o ma-  
ximae apponitur.

Gallo. Natural da antiga Gallia. Gallus, i. Ma-  
sc. Cic. Tito Livio diz Gallia, e. Fem. para signi-  
ficar a molher da terra sobre ditta. Vid. Gal-  
lia. [Na segunda guerra, que os Romanos  
tiverão com os Gallos. Vascon. Arte mili-  
tar. 1. parte, Fol. 176.]

GALLOVAY. Provincia de Escocia, na par-  
te Austral do mar d'Irlanda. Tem titulo  
de Condado. Sua Cidade principal he Vis-  
horn. Gallovidia, ou Galdia. Os Antigos  
lhe chamaraõ Novantum Chersonesus.

GALÔPE. Curso do Cavallo, como à sal-  
tos, levantando as mãos, e os pés quasi no mes-  
mo tempo. Por falta de palavra propria, os  
que hoje escrevem em Latim, dizem Equi  
subsultantis cursus, us. Masc. Vid. Galo-  
pear. [No instante, que entrar a GALOPE.  
Salvã, Trat. da Gineta, 43.]

GALOPEAR. Derivase do Italiano Galoppa-  
re, ou do Francez, Galoper. Este se deriva  
de Calpi, e Calpis, que em alguns Authores  
Gregos significão certo modo de andar, ou  
correr; dahi formaraõ os Gregos o seu Ca-  
lapazein, e Calpan, que propriamente signi-  
ficaõ fazer andar o cavallo a saltos peque-  
nos. Budeo, Ruellio, e outros são de opini-  
ão, que dos dittos verbos se derivaõ o Galop,  
e Galoper dos Francezes. Eis aqui as palav-  
ras de Budeo nos seus Commentarios sobre  
a lingua Grega, pag. 212. Kalpan, e Kalpa-  
zein Græci dicunt, Equum ad ingressum  
exultantem urgere, nostri hoc Callopore vo-  
cant, et Callopum, quod illi Kalpin dicunt. Po-  
rem Salmasio nas suas annotaçoes sobre  
Julio Capitolino, acha entre o Kalpan dos  
Gregos eo Galoper dos Francezes alguma dif-  
ferença. Differēbat tamen dix esse cur-  
rendi modus ille in equis, quem Græci Kal-  
pan vocant, et quem nos Galopum vocamus.  
Græcorum enim Kalpa, cursus est, quem  
Trotum vulgò nuncupamus, qui medius  
est inter Galopum, et passum, ut vulgò loqui-  
mur. Mas logo acrescenta o ditto Salmasio  
Haud dubie tamen inde effecta est vox  
illa nostra Gallica Galoper. Galopear o ca-  
vallo. Subsultim currere. Galopear o Ca-  
valleiro. Equi cursu ferri, [feror, latus

GAMBÔA. Marmello molar, mais doce, e melhor  
de comer, que os outros. Chrysomelum dulce, ou  
malum cotoneum dulcius.

GAMBÔTA. Arco de madeira, que assenta na im-  
posta, e sustenta os simples, para a construcção  
de huma a bobada. Arcus ligneus, quo struenda  
Fornicis materiatura fulcitur, ou sustinetur.

GAMÊLLIA. Vaso de pao concavo, em que comem  
os Porcos. Aqualiculus, i. Masc. Sobre esta pala-  
vra Calegino diz Vas, in quo porci sorbent. Em  
Persio Aqualiculus he ventre. Gamela, tambem  
he outro vaso de pao cavado em redondo, largo, e  
pouco fundo, em que as molheres costumão tra-  
zer mãos de carneiro. Parece, que lhe podera-  
mos chamar, Gabata, que era hum vaso, tam-  
bem cavado, em que se punhaõ as carnes  
mesa. Achase em Marcial, lib. 7. Epigr. 42. e se-  
gundo os Etymologicos, Gabata, he quasi o mesmo,  
que cavata, e diz Turnebo, Gabata, genus lancis  
concava. Outros pela semelhança do nome, que-  
rem que Camella, e. Fem. seja o mesmo que Ga-  
mela.

— Dum licet appositâ, veluti craterē, camellâ,  
— Lac niveum potes, purpureamque sapam.

Ovid. 14. Fast. [Reitaõ estes peixes em huma  
GAMELLA de agoa salgada. Fr. João dos Sant. Ethi-  
op. Oriental, part. 1. 9 s. col. 3.]

GAMMA. He a letra G dos Gregos. Guido Are-  
tino, Monje de S. Bento, para memoria de que  
a Arte da Musica passara dos Gregos aos La-  
tinos, acrescentou às seis primeiras letras do Al-  
phabeto, (de que se valera para differenciar as vo-  
zes, ou intervallos) hum G. grego, ou Gamma, e  
dahi tomou o seu Systema o nome de Gamma,  
o qual tambem se chama mão, ou Mão harmoni-  
ca, Taboada, ou Gamma de Guido; e hoje hã outro  
Systema, chamado o novo Gamma. [Nos primei-  
ros sette signos nomeavaõ GAMMA ut. Nunes  
Explanac. pag. 34.]

GAMO. Huma especie de Veado com os cornos es-  
palmados. Cama, e. Masc. Virgilio o faz de ge-  
nero masculino. [Ainda que o GAMO, e a lebre te-  
nhaõ quasi igoal ligeireza. Pinto, Trat. da Ca-  
vallaria, pag. 25.]

# GALVÊAS. Villa o.  
Portugal, no Alentejo  
entre Evora, e Aviz,  
na ladainha de hum  
monte. Antigamente  
foi Aldea, chama-  
villa Nova do Laran-  
jal, por ser muito abun-  
dante de frutos de  
espinho. Mandou  
gouvar o Mestre de  
Aviz, Dom Jorge de  
Lancastro, filho do  
Rey D. João o Segun-  
do e lhe deu fidalgo  
Rey D. Manoel. H.  
cabeca de Condado  
cujo titulo deu el  
Rey, D. Pedro o Segun-  
do a D. Diniz de  
Mell, de Castro  
em premio de seus  
serviços.

GALVÊTA Embar-  
cacão leve, usado  
na India. [Obede-  
cendo a GALVETA  
aos mores Jacinto  
Freira, Liv. 2.  
num. 124.]

22  
a.  
7.  
# 23.

— A tal ferir, a tal correr jathardo  
 — He o tigre medroso, o e mo ta  
 — Galleg. Templo da Mem. Livro 1. Est. c. 6s.  
 — GAMOENS, ou Gamão. Erva medicinal com talo, que sobreguja as folhas, as qua se comem com o ferro de huma lança. He al. nenta e porcos, e veneno de ratos. Tem esta erva macho, e femea. O macho chamase Asphodelus, i. Masc. penult. corrig. A femea chamase, Nastula Regia, a. Fem. Plin.

GAMÔTE. Vaso concavo, da pao, que se usa nos navios para tirar a agua que entra nelles, e outras Serventias.

[As bombas, os baldes, e GAMOTES. Vienna, Tom. 5. pag. 318.]

GAN.

GANÂNCIA. O que se acrecenta ao cabedal. Lucrum, i. Neut. Quastus, us. Masc. Impendium, ii. Neut. Cic.

Pagar com ganancia hum presente grandioso. Impendii augere largitatem muneris. Cic.

Huma grande ganancia. Fertilis quastus. Plinio.

de ganancia. Vid. Illegitimo. [Se por esta receita obravao as outras mulheres, bem se lhe poderia confiar os filhos, que chamao de GANANCIA. Carta de guia, pag. 124. Vo. Vid. Ganca.

GANANCIOSO. Cousa que da muita ganancia, em que ha muito que ganhar. Quastuosus, a, um. Cic. Sucrosus, a, um. Ovid. Plin. Em Ulpiano, e em Quintiliano se acha o adjectivo Lucrativus, a, um.

Ganancioso, (fallando so em dinheiro.) Ferax ad pecuniam. Plin. Jun. #

GANCHINHO. Gancho pequeno. Vincinus, i. Masc. Vitruv. Hamulus, i. Masc. Cels.

GANCHO. Ferro curvo, em que se pendura. Vincus, i. Masc. Cic.

Cousa, que tem gancho, ou feito a modo de gancho. Vincinatus, a, um. Vincus, aduncus, reduncus, a, um. Ovid. Plin.

Gancho, com que se tira do pocco o que cahio nelle. Lupus, i. Masc. Tit. Liv.

Gancho, tambem se chama olucro das maos moheres.

presente de gancho. O que se faz para ter outro. Hamatum minus. Plin.

GANDA. He o nome, que dao na India ao animal, a que chamamos vulgarmente Rhinocero-nte. Vid. no seu lugar. [Agudo na ponta a maneira de corno das alimarias, a que os Gregos chamao Rhinocero, e nos GANDA, como lhe os Indios chamao. Barros 3. Cec. fol. 53. col. 3.]

GÂNDARA. Gandaras chamao os vizinhos do

Mondego as prayas de aquelle rio. Vid. Praya.

GANDAYA, (como quando se diz) Andar a gandaya. He ando, escando no lixo, e nas enxurradas, enrrinhos, e outras cousas, que a agoa leva. Servitari scruta.

GANDIA. Cidade, e Ducado de Hespanha no Reino de Valenca. Tem Universidade; fundador della foi o Duque S. Francisco de Borja, Geral dos Padres da Companhia. Fica sobre o mar Mediterraneo. sette legoas da Cidade de Valenca. Gandia, a. Fem. #

GANGA. Ave, algum tanto mayor, que perdiz; entre huma, e outra ha pouca differença, na grandeza do corpo, talhe, e voz. Por ser ave, que frequenta as lagoas, podese chamar Perdix palustris.

[As Gangas, e Corticòs saõ aves, que differem humas das outras, em terem as Corticòs humilis tra negra como colar pelo pescosso. Arte da caca,

Gangas se chamao vulgarmente aos ater- centos, até hum certo numero, no des- de pontos. Δ

GANGE. Famoso Rio da India, que tem seu nacimiento no monte Calanguer, que he parte do monte Imao, nos confins da Tartaria. Atravessa o Ganges o Imperio do Mogol, e despois de receber em si os Rios Kanda, Perseli, Semena, &c. se mette por muitas bocas no Golfo de Bengala, e nelle forma muitas Ilhas. Foi opiniao de alguns que o Gange he o Phison, hum dos quatro Rios, que banhavao o Paraiso Terreal, mas se estes Rios sahiao do mesmo lugar, não he crivel, que o Gange seja o Phison do Genesis, porque consta, que nasce o Gange mais de mil, e duzentas legoas longe do Euphrates, que era hum dos Rios do Paraiso Terreal. Não deixa este rio de ter muita veneração; principes disfarçadas se vaõ banhar nelle, de muito longe se mandao buscar suas agoas, e dizem que nellas leva areas de ouro, e pedras finas. Ganges, is. Masc. Cic. Virgil. [A quem, e alem do GANGE. Barros, no Paneg. da Infanta D. Mar. pag. 147.] Não perdoao a enseada de Benga-

do do do do go ta com ajudo do nariz. [Fil- vado com a f-]

ANGOS

ANFEY. Lug  
de al, que  
na cara  
Val. ca.  
o Rio. nho  
11. ligado de  
90. to da C  
da sa Thuy, illu  
tra or ser patria  
S. theotonio, 8  
ro prior do Mos  
ro de Santa Co  
da Coimbra, ro  
taurador, e pro  
gagador da O  
Ordem dos Con  
gos Regrante  
da Santa Ag.  
tinho em Por  
tugal. 8

Δ GANGOSO. Vi  
Fanhoso. No Sa  
Tesouro quer  
vuias, q  
Ganso. gabo  
vra, tambe  
em Castella S  
a letra H  
Gair  
do do do p  
go ta com ajudo  
do nariz. [Fil-  
vado com a f-  
ANGOS  
L.] p

# GANAPERDE. Jogo de  
nova castas, so de quatro  
passos, e de mais sciencia,  
que os outros jogos. Os tor-  
mos desta jogo saõ Bolo,  
Furadores, cargas, e cargas  
Reaes amila Farol,  
Carregar, e descarregar  
Das camarco, Dar Lancas,  
Ser Ray do dinheiro,  
Rey de duas, e duas  
L. Vid. nos seus  
lugares alfabeticos.  
Ganaparda. Tambem  
he jogo de Damas, em  
que quem ganha per-  
de. 8  
29.

Gangrena, e. Fem. Cornel. *Heb.*

Que tem gangrena. Gangranâ vitiatus, a. um. Cels. [Na GANGREN. de causa fria, não convem surjadunas. Recopil. de ... 83.]

GANGBENARSE, (fallando em alguma parte do corpo.) Gangranâ vitiari. Ex Cels. [Logosa GAN- GRENOV da *Heb.* Curvo, *Obs.* 351.] GANHADIA. Vid. Ganancia, e Gaanca. H

GANHAR. Perivase do *Italiano* Guadagnare,

ou do *Francez* Gagner, que significao o mesmo;

ou do *Castelhano* Ganado, porque antigamen-

te as Ganancias procediao do Ganado, ou Ga-

do. Ganhar dinheiro, fazenda, ou outra cou-

sa semelhante. Aliquid lucrari, [or, atus su-

m.] Aliquid lucrifacere, em huma só pala-

vra, ou em duas Lucrifacere. Quæstum,

ou Lucrum facere.

Officio, em que se ganha muito. Ars quæs-

tuosissima, e. Fem. Cic.

Não muito que ganhar nisto. Per magna ex-

cã re pecunia confici potest. Cic.

Se eu mostrar que sô nesta compra se ga-

nhaõ cem alqueires de trigo. Si ostendõ

in hac unâ emptione lucrifieri tritici mo-

dios centum, &c. Cic.

Nestes dez ultimos annos pode ganhar

honradamente seis mil sestercios, e não o

quize. Decem his annis proximis sester-

tium sexagies honestissimè consequi po-

tuit: noluit. Cicero no Orador pro Q. Roscio.

Pouco mais atraz havia ditto *Merere* no

mesmo sentido, si sestertium tricies me-

rere et potuit, et debuit. Depois de Sexagi-

es, e Tricies se deve de entender o accusati-

vo centena millia, o qual rege o genitivo ses-

tertium, ou sestertiorum.

Ambicao de ganhar. Lucri studium, ii.

Neut. Horat. Lucri cupido, inis. Fem. Ovid.

Depois de haver ganhado muito neste

officio. Postquam in hoc genere quæstus to-

cuples factus est.

Ganhar muito com o seu saber. Scientiam

habere quæstuosam. Cic.

Casa, em que se ganha muito em fazer es-

crituras falsas. Domus quæstuosissima

falsorum commentariorum. Cic.

Aquelle que trabalha, pelho interece de ga-

nhar. Quæstuarus, i. Masc. Seneca.

Este he o dinheiro, que me fez ganhar qu-

anto tenho. Hoc fuit peculii mei ferment-

tum. Petron.

Que não he a. ro de ganhar. Lucrifuga, e. Masc. *Heb.*

Plaut. ro aver, us, a, um. Horat.

Ar. ro de ganhar. cripeta, e. Masc. Plaut. o desejo de

ganhar a vida em algum officio. Aliquã arte se sus-

tar. Cic. ganhar a vida em obras de sãã, e de

ino a linho. sanã, ac telã victum queritare.

Terent. Como a natureza lhe não havia dado ou-

tra cousa melhor, que a voz, e como não recebera

do pay mais que a liberdade, de huma se valeo, pa-

ra ganhar a vida, e de outra, para motejar com

mais confiança. Cum ei natura nihil melius,

quam vocem dedisset; pater nihil præter liber-

tatem reliquisset; vocem in quæstum contulit;

libertate usus est, quò impunius dicax esset.

Cic. Ganhar a vida em dizer mal da gente de

bem. Quæstui habere malè loqui de melioribus.

Plaut.

Ganhar dinheiro à custa das vidas alheas. Ne-

gotiari animas. Plin. (falla dos Medicos.)

Não ganhou nada nisto. Nihil suave meri-

tum est. Terent. Falla num moço, que casou con-

tra a vontade de seu amo.

Ganhar appetite, ou vontade de comer passeando.

Famem obsonare, ou opsonare amb. 1.

Ganhar credito. Lucrifacere nomen. Var-

ro. Ganhar credito no Povo. Studia vulgi acqui-

rere. Tacit. Ganhou fama de homem de bem.

Obtinuit existimari vir bonus. Cic. [GANHAVA infinito credito esta

doutrina, em não ser sua. Vieira, Tom. 5.

149. col. 2.]

Ganhar no jogo. Vincere. Neste sentido este ver-

bo se poem algumas vezes sem caso algum, ou-

tras com o accusativo da pessoa, que perde, e outras

com o accusativo do que se ganha, como se acha

em hum fragmento de huma carta de Augus-

to, referido por Suetonio no cap. 71. da sua vida,

Nam si quas manus remisi cuique, exigissem,

aut retinuissem, quod cuique donavi, vicissem

vel quinquaginta millia. (Alqui diz Sabellicio

que se há de entender o genitivo Nummum.)

Em tres lancos de dados ganhouhe dez pata-

cas. Terno tesserarum factu decem ab eo num-

mos abstulit.

Ganhar a demanda. Causam obtinere, ou tene-

re. Cic. Causam suam vincere. Ovid. Obtinere

litem. Cic.

Ganhar a batalha. Hostem vincere, superare.

Ab hoste victoriam reportare. Victoriam con-

sequi. Cic. Victoriam adipisci. Caesar. Superiorum

discedere. Cic. Victoriam referre. Tit. Liv. Hos-

tium exercitum devincere. Cic. Ganhada a

*Heb.* 26  
Lucr  
Studium. Horat.  
Lucr cupido. Ovid.  
Imitigo de ganhar.  
Lucrifuga, e. Masc  
Plaut.

HAO. Den  
do Cast  
ano. e ste se  
deriva, da Ga  
o. porq  
nan ca  
ro he p  
do Hebr  
nan, que  
Angar, & o  
ter cuida  
que sãã ob  
ons do offi  
Pastor. e  
alguns, que  
Portuguez  
hãã signifi  
Euzo, hom  
limpo. Hum  
outro sent  
poda dar a  
palavã de  
D. i. nãã  
Portugal, [I  
moca de can  
a gabadiã  
GANH-ENS  
ar. Qns.  
e Solturas, 18.]

— A tal ferir, a tal correr jathardo  
 — He o tigre medroso, o G. mo ta  
 — Galleg. Templo da Mem. Livro 1. Est. c. 68.  
 — GAMOENS, ou Gamão. Erva med. inal  
 com talo, que sobrepua as folhas, as qua  
 cem com o ferro de huma sanca. He al. nent  
 porcos, e veneno de ratos. Tem esta erva macho,  
 e femea. O macho chamase *Asphodelus*, i. Masc.  
 penult. corrig. A femea chamase, *Hastula Re-*  
*gia*, e. Fem. Plin.

GAMÔTE. Vaso concavo, da pao, que  
 se usa nos navios para tirar a agoa que  
 entra nelles, e outras *Serventias*.

[As bombas, os baldes, e GAMOTES. Vieira, Tom.  
 s. pag. 318.]

GAN.

GANÂNCIA. O que se acrescenta ao cabedal. *Sucr-*  
*um*, i. Neut. *Quastus*, *us*. Masc. *Impendium*, ii.  
 Neut. Cic.

Pagar com ganancia hum presente grandioso. *Im-*  
*pendiis augere largitatem muneris*. Cic.

Huma grande ganancia. *Fertilis quastus*. *Li-*  
*nio*.

de ganancia. Vid. *Illegitimo*. [Se por esta re-  
 ceita obravao as outras mulheres, bem se lhe pode-  
 raõ confiar os filhos, que chamaõ de GANANCIA.  
 Carta de guia, pag. 124. 10.] Vid. *Ganancia*.

GANANCIOSO. Causa que da muita ganancia,  
 em que ha muito que ganhar. *Questuosus*, a,  
 um. Cic. *Sucrosus*, a, um. Ovid. Plin. Em *Ugi-*  
*ano*, e em *Quintiliano* se acha o adjectivo *Su-*  
*crativus*, a, um.

Ganancioso, (fallando so em dinheiro.) *Ferax*  
*ad pecuniam*. Plin. Jun. #

GANCHINHO. Gancho pequeno. *Vincinus*, i. Masc.  
*Vitruv. Hamulus*, i. Masc. Cels.

GANCHO. Ferro curvo, em que se pendura. *Vincus*,  
 i. Masc. Cic.

Causa, que tem gancho, ou feito a modo de ganch-  
 ho. *Vincinatus*, a, um. *Vincus*, *aduncus*, *reduncus*,  
 a, um. Ovid. Plin.

Gancho, com que se tira do pocco o que cahio nelle.  
*Lupus*, i. Masc. Tit. *liv*.

Gancho, tambem se chama olucro das mãs mo-  
 lheres.

presente de gancho. O que se faz para ter outro.  
 GANDA. He o nome, que dao na India ao ani-  
 mal, a que chamamos vulgarmente *Rhinocero-*  
*nte*. Vid. no seu lugar. [Agudo na ponta a ma-  
 neira de corno das alimarias, a que os Gregos cha-  
 maõ *Rhinocero*, e nos GANDA, como lhe os Indi-  
 os chamaõ. Barros 3. *Pec. fol. 53. col. 3.*]

GÂNDARA. Gandaras chamaõ os vezinhos do

Mondego às prayas de aquelle rio. Vid. *Praya*.  
 GANDAYA, (como quando se diz) *Andar à gan-*  
*daya*. He ando pescando no lixo, e nas enxurma-  
 das, arrinhos, e outras cousas, que a agoa leva. *Ser-*  
*tari scruta*.

GANDIA. Cidade, e Ducado de Hespanha no Rei-  
 no de Valenca. Tem Universidade; fundador del-  
 la foi o Duque S. Francisco de Borja, Geral oos  
 Padres da Companhia. Fica sobre o mar Medi-  
 terraneo sette legoas da Cidade de Valenca. *Gan-*  
*dia*, e. Fem. #

GANGA. Ave, algum tanto mayor, que perdiz; en-  
 tre huma, e outra ha pouca differença, na gran-  
 deza do corpo, talhe, e voz. Por ser ave, que frequen-  
 ta as lagoas, podese chamar *Perdix palustris*.

[As Gangas, e Corticõs são aves, que differem hu-  
 mas das outras, em terem as Corticõs huma lis-  
 tra negra como colar pelo pescosso. Arte da caca,

pag. 110. 10.]  
 Gangas se chamaõ vulgarmente aos a ter-  
 centos centos, até hum cento numero, no des-  
 de pontos. Δ

GANGE. Famoso Rio da India, que tem seu na-  
 cimento no monte *Palanguer*, que he parte do  
 monte *Imao*, nos confins da *Tartaria*. Atraves-  
 sa o *Ganges* o Imperio do *Mogol*, e depois de re-  
 ceber em si os Rios *Kanda*, *Perseli*, *Semena*, &  
 se mette por muitas bocas no Golfo de *Benga-*  
*la*, e nelle forma muitas *Ilhas*. Foi opiniao de  
 alguns que o Gange he o *Phison*, hum dos quatro  
 Rios, que banhavaõ o *Paraiso Terreal*, mas se  
 estes Rios sahiao do mesmo lugar, não he crível,  
 que o Gange seja o *Phison* do *Genesis*, porqu  
 consta, que nace o Gange mais de mil, e duzen-  
 tas legoas longe do *Euphrates*, que era hum dos  
 Rios do *Paraiso Terreal*. Não deixa este rio  
 de ter muita veneraçãõ; principes disfarça-  
 das se vão banhar nelle, de muito longe se man-  
 daõ buscar suas agoas, e dizem que nellas le-  
 va areas de ouro, e pedras finas. *Ganges*, is.  
 Masc. Cic. *Virgil*. [A quem, e alem do GAN-  
 GE. Barros, no *Paneg. da Infanta D. Mar.*

pag. 147.] [Não perdoãõ a enseada de *Benga-*  
*la*, ou seo do GANGE. Vida de *C. Joãõ de Castro*.  
 17.]

GANGES. Peixe, do qual se faz man-  
 ca na *Hist. da India Oriental*, par. 4. 11.  
 GANGETICO. Causa do Rio *Ganges*. *Gangeticus*,  
 a, um. *Clumel*. [Do GANGETICO mar ao *Gadi-*  
*tano*. *Camoens*, *Cant. 2. Oct. 55.*] Δ

GANGRENA. He principio de mortificaçãõ  
 da carne de alguma parte, a qual não está  
 ainda de todo morta, mas por falta de *espi-*  
*tus vitæ*, e calor natural, vai morrendo. *Gan-*

As causas de Gangrena são 4. 1. quando os  
 espiritos vem à parte e ella os não recebe, por  
 estar muito fria, e desconcertada a sua  
 harmonia. 2. quando os espiritos vem à  
 parte, e ella os recebe, mas afogada com a  
 carga do sangue, e grande quantidade da parte.  
 3. quando os espiritos não chegam à parte, porqu  
 lho tolham no caminho, e não tem por onde passar.

# GANAPERDE. Jogo de  
 nove cartas, só de quatro  
 pastas, e de mais suavia,  
 que os outros jogos. Os bar-  
 mos desta jogo são Bolo,  
 Furdoras, cargas e cargas  
 Reaes amila, Farol,  
 Carregar, e Descarregar,  
 Das camarco, Das Lancas,  
 Ser Ray do dinheiro,  
 Rey de duas, e duas  
 &c. Vid. nos seus  
 lugares alfabeticos.  
 Gãnaperde. Tambem  
 he jogo de Damas, em  
 que quem ganha, per-  
 de. 8  
 27.

ANFEY. Luq  
 de o al, que  
 na rava  
 Vale ca,  
 o Rio. nho  
 17. ligado de  
 to da C  
 da sa Thuy, ill  
 tra or ser gabria  
 S. Theotonio,  
 ro Prior do Mos  
 ro de Santa Cr  
 da Coimbra, n  
 taurador, e pr  
 gador da  
 Ordem dos Co  
 gos Regante  
 da Santo Ag  
 tinho em Po  
 tugal. 8  
 Δ  
 GANGOSO. V  
 Famoso. No S  
 Tesouro quan  
 vivias,  
 Gãnaperde. gal  
 vira, tambem  
 em Castella S  
 a letra H  
 Gãnaperde  
 do do do  
 ga ta com ajid  
 do ganiz. [Fi  
 vado com a f  
 ANGOS  
 262.] p

victoria haõse de conservar. *quelles, que não forão crueis no tempo da guerra. P. rã victoriã, conservandi sunt ii, qui non crud les in bello, nec immanes fuerunt. Cic.*

Ganhar a vontade de alguẽm. *Alicujus animum conciliare, aliquem sibi benevõ um, j ce re. Cic. Em primeiro lugar vou ganhando pou co a pouco a vontade do povo. Paulatim plebem primulum facio meam. Terent. Com benefi ci os se ganhaõ os homens. Homines beneficiis alliciuntur. Cic. Meritis captantur. Phad.*

Ganhar a vontade de alguẽm com benefi cios. *Bene ficiis aliquem sibi emere. Plaut. Nunca vi homem, que fallando ganhase tanto as vanta des. Neminem ego unquam novi, qui sermoni bus blandius ac suavius irreperet in animos, sic se insinuaret, tam facile influeret in ani mos hominum, sic demulceret homines, atque sibi devinceret. (Todos estes modos de fallar são de Cicero.)*

*[GANHANDO as vontades Principa es da Corte. Mon. Lusit. Tom. 2. 205. col. 3.]*

Ganhar. Interessar. Tirar proveito. Ter utilida de. *Que ganho eu em enganarte? Quid mihi ni est te fallere? Terent.*

Ganhar honra. *Adipisci gloriam. Cic. Gloriam consequi. Idem. Amigo de ganhar honra. Ho*

Ganhar applauso. *Plausum obtinere, à imita ção de Plinio, que diz, Admirationem obtine re. [Applauso, bem, ou mal GANHADO. Guia de casados, 54. vers.]*

Ganhar huma enfermidade, huma febre. Dr. *Morbum, adversam valetudinem, febrem. Dr.*

Ganhar huma enfermidade, huma febre. Dr. *Contrahere, [ho, xci, ctum.] Plin. Jun. [Pella conti nuacão dos trabalhos GANHOU humas quarta as. Lucena, vida de Xavier. fol. 20. col. 2.]*

Ganhar. Apoderarse. *Ganhar hum lugar. Locum, ou loco, ou loci potiri, [ior, potitus sum.] Cic. Plaut.*

Ganhar hum lugar por força. *Locum expugna re, capere occupare. Logo que as legioens ganha raõ a planicie, voltãraõ cara ao inimigo. Legi ones ubi primum planitiem attigerunt, in festis contra hostes signis constiterunt. Ces.*

Ganhar terreno. *Progredi, ou progressum fa cere. Fez marchar a cavallaria para lan çar o inimigo do posto, que havia ganhado.*

*Eveli equites, campumque, quem hostes inse derant, eripi iubet. Tacit. Ganhãõ o alto dos mo ntes. Superunt montes. Tit. Liv. [He fizesse perder hum palmo de terra que tinhaõ GAN HADO. Mon. Lusit. Tom. 1. 296. col. 4.] [Não*

*foi possível GANHARSE a Cidade. Ibidem.*

*Tom. 3. 136. col. 1.] [GANHAR os passos asperos, e difficultosos. Vascon. Arte Militar, 125.] [Por onde se podesse GANHAR terra com Viriato. Mo n. Lusit. Tom. 1. 222.] [Guerer GANHAR hum posto para se entrincheirar nelle. Sobõ, Corte na*

*Aldea, 265.] [GANHADO assim este passo. Mon. Lusit. Tom. 13*

Ganhar a espada. *He encostar a espada do contrario, e metter a sua, para o feir. Advectis gladium avertere, ipsumque petere. [GANHA a espada, e cruzandõa sem perigo. Bar retto, vida do Evangel. 249. 19.]*

Ganhar. Tirar das mãõs. *Eripere aliquid alicui, ou ex alicujus manibus. [O Escudo, que Eneas GANHOV de Mysses na guerra de Troja. Sobõ, Corte na Aldea, 42.]*

Ganhar. Hir crescendo. *O fogo vai ganhando. Flam ma exsuperant. Virgil. Tinha o fogo ganhado o ma is alto da casa. Flamma serpserrat ad tectum. Tit. Liv.*

Ganhar. Dilatar. Ganhar tempo. *Tempus ducere. Cic. Moram fati lucrari. Stat. Ganhar tempo. Viver mais algum tempo. Moram fati lucra ri. Stat. Ganhar tempo. Appressarse. Acce lerare.*

Ganhar soldo, (servindo na guerra). *Facere, ou merere stipendia. Tit. Liv. Cic.*

Ganhar perdoens, indulgencias, Jubileo. *Indulgentia, etc. He merecer as graças, amexas às ditas cousas. Vi*

Ganhar o balravento. *Vid. Balravento. Indulgencia.*

Adagios Portuguezes do Ganhar, e do Gan hado. *Tem cuidado de o Ganhar, que tempo fi ca para o gastar. Perdendo tempo, não se Ga nha dinheiro. Para quem Ganhãõs ganhador, para quem está dormindo ao sol. O bom Gan har, faz o bom gastar. Mais val Ganhar no*

*soldo, que perder no ouro. Quem Ganha, sem despender, não lhe lembra, que hã de morrer, nem que herdeiros hã de ter. Perdese o bem Ga nhado; e o mal, elle, e seu dono.*

GANHO. *A utilidade, e proveito, que alguẽm tira do seu commercio, emprego, industria.*

*Lucrum, i. Neut. Quæstus, us. Masc. Cic. Vid. Ganancia.*

Ganho torpe. *Quæstus sordidus. Cic.*

Ganho pequeno. *Lucellum, i. Neut. Cic.*

GANIDO. *Voz do Caõ, que se sente de algum gol pe. Gannitus, us. Masc. ou Gannitio, onis.*

Fem. Festo Grammatico *he dã esta signi ficacão. Gannitio, (diz elle) querula canum murmuratio. Mas Lucrecio, no livro s. vers. 966. he dã outra significacão muito differen te, donde diz, fallando nos caens, quando*

*te, donde diz, fallando nos caens, quando*

*novum, ou honoris cupidus, a, um. Hono ris, ou honorum appe tens, tis. omn. gen. [Parentes seus ami gos de GANHAR honra. Jacinto Freira, Liv. 2. num. 87.]*

*Indulgencia. Ganhar. Termi mancio. [Vozõ cabeça e vozõ afim de qual cavallo obra he e se lha GANHA Bem a cara. Ganhar. Dãta, 1. 6]*

27.

tambem os filhos, e lhes dao de mamar, Gan-  
nitu vocis adulant.

GANIR. O gritar do cao, que... e lhes dao pan-  
cadas. Parece, que se houvera de dizer y  
nire, [sic, iui, itum.] Porque (como adverte  
Donato, no verso 17. da segunda scena do  
Acto 4. dos Adelfhos de Terencio,) Gannitus  
est proprie veluti ploratus vapulantium; e  
no livro 6. da lingua Latina, diz Varro, que  
Gannire, se diz propriamente dos animaes,  
e por metaphora dos homens, porem nao es-  
pecifica Varro o animal, ao qual se appropri-  
a o verbo Gannire. No cap. 5. do livro 9. fal-  
lando Plinio em hum monstro marinho,  
que no tempo do Emperador Tiberio, se vio  
nas prayas de Lisboa, usa do substantivo  
Gannitus, para exprimir a lamentavel  
voz do ditto monstro. Cujus morientis (diz  
este Author) etiam gannitum tristem ac-  
cola audivere longe. Outra significacao  
muito differente da Persio ao verbo Gan-  
nire donde Diz secretam gannire in aurem.

Tambem se diz Ganir a raposa, e de or-  
dinario se usa do verbo. Gannire.

GANINFA, ou Alqueruvia. Manto de escr-  
avo. Servile palliolum, i. Neut. ##

GANZAR, ou Gançar. Achase em escrituras  
antigas. Vid. Alcançar. Ganhar.

GANZO. Perivase do Alemao Gans; como  
consta destas palavras de Plinio, lib. 10. cap.

22. Candidorum alterum vectigal in Pluma  
velluntur quibusdam locis, bis anno; rur-

sus plumigeri vestiuntur; molliorque que  
corpori quam proxima, et e Germaniâ lau-

datissima; candidi ibi, verum minores,  
Ganza vocantur. Em alguns manuscri-

tos deste Author está Ganta, porem o ma-  
is certo he Ganza, que tambem he palavra

flamenga. Isaac Pontano diz, que Ganza  
he palavra Celtica. Heo Ganso, a que tam-

porom he de advestir, que Gans, e Ganza  
em que fundado a etymologia de Ganso godesa

significar Gato, e nao Ganso. Este he o  
mocho da Adam, ou mansa, ou bravo.

Differa em ter a cabeca preta, ou verde, e  
o ganso tambem. He ave amphibia, domes-

tica, e brava. Chamoulha certo discreto,  
e porca das aves ou gorco das aves,

porque he amigo da se revolver em lama-  
rens. Anot mascula, ## Genit. Anatis  
mascula, Plin. Vid. Adam.

Columel.

De ganso, ou conceyrente a ganso. Anserinus,  
a, um. Columel. Plin.

O Ganso, ea. Chamase Adem Real. Vid. A-

GA. TA. Medida, que se usa em Malaca. Na  
Historia dos cercos da ditto Cidade, pag. 55. escre-

ve Jorge de Semos que sette gantas de Arroz fa-  
zem hum Alqueire. [Valia em Malaca huma

GANTA de arroz dez cruzados. Barros, Ceca d.  
3. pag. 252. col. 1.]

GANTE. Cidade Episcopal dos Payzes Baixos,  
e cabeça do Condado de Flandes. Parece ajunta-

mento de muitos Ilheos, porque he cortado dos  
Rios, Escalda, e Lis, e das agoas de muitos canaes,

que a dividem em differentes bairros. Os pacos  
do Principe são hum antigo edificio, em que há

tantas casas quantos dias no anno; em huma  
dellas se vê o berço de gao do Emperador Carlos

Quinto, illustre filho da ditto Cidade. Ganda-  
vum, i. Neut. Os Coutos fazem a penultima

longa. [ Em GANTE, de S. Livino, Bispo, e Martyr. Martyrolog. in Portug.  
12. de Novembro. ]

GAO.

GAÔGA, ou Kauge. Antigamente a... he  
hoje Cidade, e Reino de Africa, em terra de

Negros, entre a Nubia, e o Reino de Borno. Os  
Reys de Gaoga são descendentes de hum Escra-

vo Negro, que com a fazenda, que roubara a seu  
Senhor, comprou huns cavallos, e foi ajuntando

outros, dando em troco dellas escravos, e fez tao  
bom negocio, que se fez Senhor da sua terra, há

mais de duzentos annos.

GAÔXA. Ilha da China, na costa da Provincia  
de Quantungo. Escreve o P. Athanasio Kir-

ker, que nos mares desta Ilha se acha hum pei-  
xe notavel, a que os Chins chamao, Hoangeio

Yu, que val o mesmo que Peixe amarello. Co  
principio do Outono até entrar o Estio fica este

peixe nas agoas do mar, donde procurao os Na-  
cionaes pescalo, porque he muito delicado, e sa-

boroso ao gosto: mas no principio do Verão, se  
transforma em Ave de penna amarella, e

como as mais aves levanta o voo, e vai buscar  
nos montes o seu sustento. Mas em chegando

o Inverno passa do sertão para as prayas do  
mar, e metido nas ondas, converte as plumas

em escamas, até que tornando a Primave-  
ra, lhe renacem as azas, e assim com perpe-

tua revolucao vai este animal amphibio mu-  
dando de especie.

GAP.

## GANIZ. He hum  
ossinho, que está  
nas juntas das per-  
nas dos f... ou car-  
neiros. Com ganizes  
pequenos se joga  
o Cucarne. Vid.  
Cucarne. Δ

tambem os filhos, e lhes dao de mamar, Gan-  
nitu vocis adulant.

GANIR. O gritar do cao, que lhe dao pan-  
cadas. Parece, que se houvera de dizer y  
nire, [io, iui, itum.] Porque (como adverte  
Donato, no verso 17. da segunda scena do  
Acto 4. dos Adelfhos de Terencio) Gannitus  
est proprie veluti ploratus vapulantium; e  
no livro 6. da lingua Latina, diz Varro, que  
Gannire, se diz propriamente dos animaes,  
e por metaphora dos homens, porem nao es-  
pecifica Varro o animal, ao qual se appropri-  
a o verbo Gannire. No cap. 5. do livro 9. fal-  
lando Plinio em hum monstro marinho,  
que no tempo do Emperador Tiberio, se vio  
nas prayas de Lisboa, usa do substantivo  
Gannitus, para exprimir a lamentavel  
voz do ditto monstro. Cujus morientis (diz  
este Author) etiam gannitum tristem ac-  
cola audivere longe. Outra significação  
muito differente da Persio ao verbo Gan-  
nire donde Diz secretam gannire in aurem.

Tambem se diz Ganira raposa, e de or-  
dinario se usa do verbo. Gannire.

GANINFA, ou Alqueruvia. Manto de escr-  
avo. Servile palliolum, i. Neut. #

GAN SAR, ou Gançar. Achase em escrituras  
antigas. Vid. Alcançar. Ganhar.

GANZO. Derivase do Alemão Gans; como  
consta destas palavras de Plinio, lib. 10. cap.  
11. Gansus, i. Neut. #

2  
u  
c  
d  
g  
t  
i

brava, aquatica, e terrestre, de cor parda,  
ou branca, pescoco delgado, e comprido, e pés  
espalmados; a sua vigilancia deve o antigo  
Capitolio a sua conservação; as pennas  
das suas azas deve o arte litteraria as obr-  
as dos Escriitores. He esta Ave de mais u-  
sa na cozinha, que na medicina; porem ne-  
m a sua carne da bom alimento, porque  
he muito viscosa. Anser, is. Masc. Cic.

Ganso pequeno. Anserculus, i. Masc.

Columel.

De ganso, ou conceyrente a ganso. Anserinus,  
a, um. Columel. Plin.

O Ganso, ca. Chamase Adem Real. Vid. A-

GA. TA. Medida, que se usa em Malaca. Na  
Historia dos cercos da ditto Cidade, pag. 55. escre-  
ve Jorge de Lemos que sette gantas de Arroz fa-  
zem hum Alqueire. [Valia em Malaca huma  
GANTA de arroz dez cruzados. Barros, Cead.  
3. pag. 252. col. 1.]

GANTE. Cidade Episcopal dos Payzes Baixos,  
e cabeça do Condado de Flandes. Parece ajunta-  
mento de muitos Ilheos, porque he cortado dos  
Rios, Escalda, e Lis, e das agoas de muitos canaes,  
que a dividem em differentes bairros. Os pacos  
do Principe são hum antigo edificio, em que há  
tantas casas quantos dias no anno; em huma  
dellas se vê o berço de pao do Emperador Carlos  
Quinto, illustre filho da ditto Cidade. Ganda-  
vum, i. Neut. Os Coutos fazem a penultima  
longa. [ Em GANTE, de S. Livino, Bispo, e Martyr. Martyrolog. em Portug.  
12. de Novembro. 8

8 GAO.

GAÔGA, ou Kauge. Antigamente a. u. 10, he  
hoje Cidade, e Reino de Africa, em terra de  
Negros, entre a Nubia, e o Reino de Borno. Os  
Reys de Gaoga são descendentes de hum Escri-  
vo Negro, que com a fazenda, que roubara a seu  
Senhor, comprou hums cavallos, e foi ajuntando  
outros, dando em troco desses escravos, e fez tao  
bom negocio, que se fez senhor da sua terra, há  
mais de duzentos annos.

GAÔXA. Ilha da China, na costa da Provincia  
de Quantungo. Escreve o P. Athanasio Kir-  
ker, que nos mares desta Ilha se acha hum pei-  
xe notavel, a que os Chins chamao, Hoangeio  
Yu, que val o mesmo que Peixe amarello. Co  
principio do Outono até entrar o Estio fica este  
peixe nas agoas do mar, donde procurao os Na-  
cionaes pescalo, porque he muito delicado, e sa-  
boroso ao gosto: mas no principio do Verão, se  
transforma em Ave de penna amarello, e  
como as mais aves levanta o voo, e vai buscar  
nos montes o seu sustento. Mas em chegando  
o Inverno passa do sertão para as prayas do  
mar, e metido nas ondas, converte as plumas  
em escamas, até que tornando a Primavera,  
lhe renacem as azas, e assim com perpe-  
tua revolução vai este animal amphibio mu-  
dando de especie.

GAP.

# GANIZ. He hum  
ossinho, que está  
nas juntas das per-  
nas dos f, s, ou car-  
neiros. Con ganizes  
pequenos se joga  
o Cucarne. Vid.  
Cucarne. A

29.

GAP. Cidade Episcopal de França, no Delphina-  
do, duas legoas do Rio Curança. Gregorio Tu-  
ronense the chama Vapincum, i. Neut.  
Natural de Gapa. Vapincensis, is. Masc. et Fe-  
mi. ense, is. Neut.

agoa dos GARAMANTAS de dia se não pode beber  
de fria, e a noite, se não pode tocar de quente. Bar-  
retto, Pratica de Heracl. 31. #

GAR.

GARABVLHA. Derivase do Italiano Garbu-  
glio, que quer dizer Confusão, ou do Francez  
Garbouit, palavra antiquada que no sentido  
moral he Desavença, discordia, ou cousa se-  
melhante. Entre nos Garabulha, se diz de cou-  
sas embaraçadas, e confusas, V. G. Escritura  
de má letra, que senão pode ler, Garabulha de  
penna mal aparada. Dr. Scriptio confusa, lit-  
tera rudi calamo exarata.

GARANHAO. Cavallo de lançamento. <sup>ou pay a cavallo dar</sup>  
camento. Os Garanhoens, que hã de escolher para  
cobrir as egoas, seja em quanto são novos. Quos  
in spem statuis submittere gentis, preciguum  
jam inde à teneris impende laborem. Virgil.  
Georgic. 3. usa do verbo submittere, pro super-  
mittere.

GARABVLHENTO.  
Cousa, que tem gor  
fora ou gor dentro, mui-  
to seixinho, ou cousa  
semelhante, <sup>desi-</sup>  
qual, e aspara ao  
tacto. Fruta gara-  
bulhenta, v. g. codor-  
nos, &c. Fructus sca-  
ber, bra, ...  
No livro 2. das Guor-  
jicas, an 214. chama  
Virgilio a casta pedra  
da ...  
a araa. Tophus sca-  
ber. #  
da India. 19. #

Garabulha. Entremetido, Embrulhador. Vid.  
nos seus lugares. #

Garanhão, também se chama o homem luxuri-  
oso, que trata com muitas mulheres. Vir mu-  
lierosus. Cic. Scortator, oris. Masc. Cic. Homo  
in feminas procax. Colum. A hum homem  
destes appropria Cicero a mesma palavra, com  
que se chama em Latim o cavallo de Egoas. Ita  
que admissarius iste dr. Cic. in Pison.

GARABVLHO. He o nome do famoso Cavallo  
no qual o Grao Turco, Sultão Selim teve gra-  
ndes fortunas contra Bajaseto, e por ser tão  
notavel animal, o mandou ao Grao Cayro co-  
m huma manta de brocado, e não foi mais  
mantado, e se lhe fez huma magnifica segul-  
ta Kar tim Redondo, fol. 20.

GARAPA, ou Cachaca. [Termo do Brasil.] He  
huma especie de vinho das borras do acucar,  
a que chamao os Negros melaco. He bebida de  
Negros. Liguor ex sacchari fecibus, affusã  
aguã, expressus. ou vinum sacchareum fe-  
catum, assim como chama Catao ao Agoapê,  
Vinum fecatum. [Outro vinho de mel silves-  
tre, ou de acucar, a que chamao GARAPA.

GARAJAO. Ave do Mar, e da frequencia das  
aves deste nome a Ponta do Garajao. Achaõse #

O P. Simão de Vas conc. nas noticias do Bra-  
sil, pag. 143.]

Aqui de GARAJAOS, Aves marinhas  
Acharão varios bandos apartados,  
Que sem medo chegavao, como em pinhas  
Aos remos, e às cabeças dos Soldados.

GARATUZA. Jogo <sup>de duas até quatro pessoas, de nove cartas, em que</sup>  
de nove cartas, que <sup>ganha quem</sup>  
ganhar se hão de seguir, e quando não se segu-  
em com as pendangas de outo e nove ouros, se  
acomodaõ ao que quer o jogador. Foliorum lu-  
sorum ludus, vulgo, Garatuza.

Onde os acharão  
Do GARAJAO a ponta the chamaraõ.  
Insul. de Man. Thomas, Livro 4. Cit. 6s.

Dar garatuza. <sup>fazer foder as vabas, com cartas seguidas. He</sup>  
quando o jogador que he  
de mão, se descarta com nove cartas, que se-  
seguem em sua ordem, e os mais jogadores  
se ficaõ com as suas cartas na mão, sem ne-  
nhuma dellas servir no jogo. Foliorum lu-  
sorum serie vincere, [co, vici, victum.] Os r...

GARALHADA. Vid. Galhada.

GARAVANÇO. He hum pão, com quatro,  
ou cinco dentes, na extremidade de, com que a-  
limpaõ na Eira o trigo.

GARAMANTAS. Povos de Africa, que tomãõ  
o nome de Garamante, filho de Apollo, que na  
quelle Região edificou huma Cidade. Antiga-  
mente estes povos habitavaõ a parte Orien-  
tal da região de Taara, e a Occidental da Nu-  
bia. Dizem, que ainda hoje existe a sua cida-  
de principal, chamada Garama. Os de hoje  
são alguma cousa menos barbaros, que os an-  
tigos; porem ainda sem commercio, e quasi  
sem religião. As mulheres são commuas.  
Os particulares conhecem por filhos, os que  
se parecem com elles, e os que tem o nariz ma-  
is chato, são julgados por mais formosos. Ga-  
ramantes, um. Plur. Masc. Virgil. Plinio  
Hist. [A terra, que se traz da Ista Gauleon  
dos GARAMANTAS mata os escorpions. Ch-  
ronographia de André Avellar, pag. 66. Vº] A

GARAVANSVELO. [Termo de Alveitar.]  
Esparavaõ de garavansuelo, ou de rendimen-  
to. Vid. Esparavaõ.

GARAVATO. Gancho, em que se pendura. Can-  
dea de garavato. Lychnus uncinatus, ou un-  
cino pendens.  
Garavatos secos. Lenha miuda para o fogo.  
Cremium, ii. Neut. Columel. Vid. Gravato.

GARAVIM. Toucado antigo. Era huma coi-  
fa de retrõz, ou de seda, e ouro, ou de ouro

ou pay a cavallo dar  
Vid. a  
50  
30

ganha quem  
faz cinco  
para

o jogo das L  
Livro, Trin  
u. linea, L  
mo, emindra  
pendangas, &c

e prata, & com diantreiras de renda. Capitis tegmen, quo olim uti solebant mulieres, vulgò Garavim. [Na cabeça trazem hums GARAVINS com trançados por a. tr. az, e ao rosto rebuço. Anton. Tenreiro no seu Itinerario da India. Fol. 35.] #

8 GARBO. Graca. Bizarrria. Bom modo no obrar, no fallar. Venustas, atis. Fem. Lepor, oris. Masc. Cic. Concinnitas, atis. Femin. Cic.

Com garbo. Lepidè. Cic. Lepidulé. Plaut. Concinniter. Aul. Gell.

Homem, que tem muito garbo em tudo. Homo affluens omni lepore, ac venustate. Cic.

Alem da docilidade do espiritu, tinha este menino muito garbo nas feicoens do rosto, e no tom da voz. Erat in puero præter docilitatem ingenii summa suavitas oris, ac vocis. Cornel. Nep. in vita Attici. Vid.

Graca. GARÇA Real. Ave de rapina, e aquatica. He grande de corpo, e gernalta. Tem bico, e pescoço comprido, e azas muito estendidas.

Posta em pé direita, darã pellos peitos a qualquer pessoa. Tem pouca carne, pelho que he leve no seu voar, mas gorda. Tem a plumagem de cor azul claro. Algumas se vestem de pennas cincentas. Outras tem crista.

Tem os olhos graciosos tirantes ao azul das pennas. He passaro grave, bem estreado; voa muito alto. Por isso dizem, que he chamado em Latim Ardea, tomado de Arduus, quasi, Ardua petens. As garças Reaes são rales proprias de falcoens de fama, porque estes as vão prender, metidas nas nuvens. Co

Norte, donde no inverno se congelão os rios, e lagoas, das quaes pescavão a sua comida passão a estas partes; e ainda que venhão juntas, depois de chegadas, se apartão, e cada huma por si busca o seu sustento em rios, lagoas, lezírias, e lugares paludosos; o que não fazem as aves, que se mantem de sementes, e ervas, que andão juntas. Ardea, se.

Fem. Virgil.

Garça Ribeirinha. Na feicão, e talhe he semelhante à Garça Real, mas tem as pennas de cor ruiva; pologue the chamaõ Garça ruiva. Ca caça destas senão faz tanto caso, que são aves mesquinhas. Dr. Ardeola, e. Fem. Plin. Hist. [Nas terras de Sofala hã muitas GARCAS Reaes, e Ribeirinhas, como as de Portugal. O P. Fr. João

dos Santos na Ethiopia Oriental. part. 1. Fol. 35. col. 2.]

Olhos de garça, costumamos chamar aos que como os olhos da garça são de hum verde, que a azul. Oculi casii. Vitruv. Oculi glauci. Glaucus, a, um. he de Virgil. e de Plinio. Que tem olhos de garça. Casius. Terent.

GARCEIRO. [Termo de alta volateria.] Falcao garceiro, he o que mata garças. Falco, prædator ardearum. [Outros falcoens tem a plumagem ruiva, e a pinta grossa, são de grandes corpos, e bons GARCEIROS. Arte da caça, pag. 41. Vº.]

GARÇO, como quando se diz, Olhos garços, id est, Olhos de garça. Vid. Garça.

dos Santos na Ethiopia Oriental. part. 1. Fol. 35. col. 2.]

GARÇOTA. Garça pequena. Ardeola, e. Fem. Plin. [Falcoens, que se cevão em GARÇOTAS. Arte da caça, pag. 41.]

GARÇOTAS. Plumas da Garça, alvas, e muito finas, principalmente às que se colhem do peito, para ornato da cabeça, do chapeo &c. Ardeola alba, ou Ciris crista, e. Fem. No Commento deste verso 468. do Livro 3. das Eneidas

Et conum insignis galea, cristas... antes

Virg. O P. de la Rue, Cristas, sive è júbis equinis, sive è versicoloribus pennis, quæ in modum capillorum, sive comarum diffundebantur. [Levarã chapeo pequeno com GARÇOTAS, baixas, que as altas são desairosas. Galvão, Trat. da Gineta, pag. 260.] [Entre GARÇOTAS de aljofar, coroa Imperial de Safiras. Vieira, Tom. 10. 27.] #

GARÇOTA. O que se pode tomar de huma vez com garfo. Huma garçada de Sal. Salis fuscina cumulata. He imitação de Columella que diz Musti Cochlear cumulata. Huma colher de mosto. [Diz os cabeceiros de alhos, huma GARÇADA de Sal. Alveita de Rego, 340.]

8 GARFO. Instrumento pequeno de dous, ou mais dentes, com que se pega no comer. Poderã chamar the Fuscina ou furcilla, e. Fem.

Garfo, termo de ferro. Instrumento a modo de Garfo ou piment, com que os Tyrannos mandavão abrir aos martyres o corpo, e rasgar the as entranhas.

Fuscina ferrea, pectan ferratum. [Os fez pendurar em alto, e abri the o corpo com GARFO de ferro. Mon. Lusit. Tom. 2. 109. col. 2.]

Garfo, na Agricultura. He hum raminho, que se tira das arvores, novo, de hum anno, ou dous, e cortado pelto meyo, e quevado pellos Ilhagos, fiandolhe a casa por de traz, se mette no cavallo, ou pnucajam, daspois de fendida, se soita que a calquinha

serrã facere. Em quanto à palavra Calamus, achase muitas vezes neste sentido no cap. 14. do livro 17. de Plinio, Cujusvis arboris calamus. Calami exacutio. Pomorum calami. &c. E no cap. 20. do quarto livro diz Columella, Calamus autem non amplius tri-

Garfo, termo de ferro. Instrumento a modo de Garfo ou piment, com que os Tyrannos mandavão abrir aos martyres o corpo, e rasgar the as entranhas.

Fuscina ferrea, pectan ferratum. [Os fez pendurar em alto, e abri the o corpo com GARFO de ferro. Mon. Lusit. Tom. 2. 109. col. 2.]

Garfo, na Agricultura. He hum raminho, que se tira das arvores, novo, de hum anno, ou dous, e cortado pelto meyo, e quevado pellos Ilhagos, fiandolhe a casa por de traz, se mette no cavallo, ou pnucajam, daspois de fendida, se soita que a calquinha

serrã facere. Em quanto à palavra Calamus, achase muitas vezes neste sentido no cap. 14. do livro 17. de Plinio, Cujusvis arboris calamus. Calami exacutio. Pomorum calami. &c. E no cap. 20. do quarto livro diz Columella, Calamus autem non amplius tri-

# GARELLA perdiz. Vid. perdiz.

que diz Musti Cochlear cumulata. Huma colher de mosto. [Diz os cabeceiros de alhos, huma GARÇADA de Sal. Alveita de Rego, 340.]

GARFILA. Vid. Orla. [Outro letrreiro por fora, junto à GARFILA, ou orla. Carta dos Bispos de Lisboa 106. col. 2. part. 2.] 8

GARAYOS. Costa de Aves, que se achão no mar da Índia. Dizem, que são do tamanho de nossas galinhas. Id. Hist. India Orient. l. 2. p. 68

7º  
34

51.  
29.

GAP. Cidade Episcopal de França, no Pelphina do, duas legoas do Rio Ourança. Gregorio Turronense the chama Vapincum, i. Neut. Natural de Gapa. Vapincensis, is. Masc. et Femin. ense, is. Neut.

agoa dos GARAMANTAS de dia se não pode beber de fria, e a noite, se não pode tocar de quente. Barretto, Pratica de Heracl. 31.] #

GAR.

GARABULHA. Derivase do Italiano Garbuglio, que quer dizer Confusão, ou do Francez Garbouit, palavra antiquada que no sentido moral he Pesavenca, discordia, ou cousa semelhante. Entre nos Garabulha, se diz de cousas embaracadas, e confusas, v.g. Escritura de mã letra, que senão pode ler, Garabulha de penna mal aparada. Dr. Scriptio confusa, litteræ rudi calamo exarata.

GARANHAO. Cavallo de lançamento. <sup>ou pay a cavallo das</sup> ~~Vid. a~~ camento. Os Garanhoens, que hã de escolher para cobrir as egoas, seja em quanto são novos. Quos in spem statuis submittere gentis, præcipuum jam inde à teneris impende laborem. Virgil. Georgic. 3. usa do verbo submittere, pro supermittere.

# GARABVLHENTO. Couza, que tem gor fora ou gor dentro, muito seiriul. ou couza

Garabulha. Entremetido, Embrulhador. Vid. nos seus lugares. #

Garanhão, também se chama o homem luxurioso, que trata com muitas mulheres. Vir mulierosus. Cic. Scortator, oris. Masc. Cic. Homo in feminas procaax. Colum. A hum homem destes appropriã Cicero a mesma palavra, com que se chama em Latim o cavallo de Egoas. Ita que admissarius iste dr. Cic. in Pison.

GARABVLHO. He o nome do famoso Cavallo no qual o Grao Turco, Sultão Selim teve grandes fortunas contra Bajaseto, e por ser tão notavel animal, o mandou ao Grao Cayro com hum manta de brocado, e não foi mais mantado, e se the fez hum magnifica segul. Martim Redondo, fol. 20.

GARAPA, ou Cachaca. [Termo do Brasil.] He hum especie de vinho das borras do acucar, a que chamaõ os Negros melaco. He bebida de Negros. Liguor ex sacchari fecibus, affusã aquã, exgressus. ou vinum sacchareum fecatum, assim como chama Cataõ ao Agoagê, Vinum fecatum. [Outro vinho de mel silvestre, ou de acucar, a que chamaõ GARAPA. O P. Simão de Vas conc. nas noticias do Brasil, pag. 143.]

Traz em costas ao passioo de certas frutas GARABVLHENTAS, com seus astemos, as sem crua. Godinho, Viagem da India. 19.] +

GARAJAO. Ave do Mar, e da frequencia das aves deste nome a Ponta do Garajao. Acharã #

GARATUZA. Jogo de nove cartas, que ganha quem ganhar se hão de seguir, e quando não se seguir em com as pendangas de outo e nove ouros, se accomodaõ ao que quer o jogador. Foliorum lusoriorum ludus vulgõ, Garatuza. Dar garatuza. <sup>to por todas as vasas, com cartas, e quidas. He</sup> quando o jogador que he de mão, se descarta com nove cartas, que se seguem em sua ordem, e os mais jogadores se ficaõ com as suas cartas na mão, sem nenhuma dellas servir no jogo. Foliorum lusoriorum serie vincere, [co, vici, victum.] Os r

algumas com legoas da costa de Guiné, perto da Linha. [Passaros por aqui alguns, Alcazores e GARAJAOS. Dimentel, Arte de navegar, 328.] 8

Aqui de GARAJAOS, Aves marinhas - Acharã varios bandos apartados, - Que sem medo chegavaõ, como em pinhas - Aos remos, e às cabeças dos soldados.

- Co GARAJAO a ponta the chamaõ. - Insul. de Man. Thomas, Livro 4. Oit. 6s.

- GARALHADA. Vid. Gralhada.

GARAMANTAS. Povos de Africa, que tomãõ o nome de Garamante, filho de Apollo, que naquella Região edificou hum Cidade. Antigamente estes povos habitavaõ a parte Oriental da região de Zaara, e a Occidental da Nubia. Dizem, que ainda hoje existe a sua cidade principal, chamada Garama. Os de hoje são alguma cousa menos barbaros, que os antigos; porein ainda sem commercio, e quasi sem religião. As mulheres são commuas. Os particulares conhecem por filhos, os que se parecem com elles, e os que tem o nariz mais chato, são julgados por mais formosos. Garamantes, um. Plur. Masc. Virgil. Plinio Hist. [A terra, que se traz da Iba Gauleon dos GARAMANTAS mata os escorpioens. Chronographia de André Avelhar, pag. 66. V.] #

de duas ate quatro pessoas, de nove cartas em que se ganha quem faz cinco para

GARAVANÇO. He hum pao com quatro, ou cinco dentes, na extremidade de com que se limpaõ na Eira o trigo.

GARAVANSVELO. [Termo de Alveitar.] Esparavaõ de garavansuelo, ou de rendimento. Vid. Esparavaõ.

GARAVATO. Gancho, em que se pendura. Candea de garavato. Lychnus uncinatus, ou uncino pendens.

Garavatos secos. Lenha miuda para o fogo. Cremium, ii. Neut. Columel. Vid. Gravato.

GARAVIM. Toucado antigo. Era hum cofa de retrõz, ou de seda, e ouro, ou de ouro

5a  
30

Jogo São L  
Livro, Trino  
u. linca, L  
mo, cilindro  
pendangas, 66

e prata, & com diantiras de renda. Capitis tegmen, quo olim uti solebant mulieres, vulgò Garavim. Na cabeça trazem huns GARAVINS com trançados por a. tr. az, e ao rosto rebuco. Anton. Tenreiro no seu Itinerario da India. Fol. 35.] 44

GARBO. Graca. Bizarrria. Bom modo no obrar, no fallar. Venustas, atis. Fem. Lepor, oris. Masc. Cic. Concinnitas, atis. Femin. Cic.

Com garbo. Sepidè. Cic. Lepidulé. Plaut. Concinniter. Aul. Gell.

Homem, que tem muito garbo em tudo. Homo affluens omni lepore, ac venustate. Cic.

Alem da docilidade do espiritu, tinha este menino muito garbo nas feicoens do rosto, e no tom da voz. Erat in puero preter docilitatem ingenii summa suavitas oris, ac vocis. Cornel. Nep. in vita Attici. Vid. Graca.

GARÇA Real. Ave de rapina, e aquatica. He grande de corpo, e gernalta. Tem bico, e pes-

cosso comprido, e azas muito estendidas. Posta em pé direita, darâ pellos peitos a gu-

alquer pessoa. Tem pouca carne, pelho que he leve no seu voar; mas gorda. Tem a pluma-

gem de cor azul claro. Algumas se vestem de pennas cincentas. Outras tem crista.

Tem os olhos graciosos tirantes ao azul das pennas. He passaro grave, bem estreado;

voa muito alto. Por isso dizem, que he chama-

do em Latim Ardea, tomado de Arduus, qu-

asi, Ardua petens. As garças Reaes são ra-

les proprias de falcoens de fama, porque es-

tes as vão prender, metidas nas nuvens. Co-

verte, donde no inverno se congelaõ os rios,

e lagoas, das quaes pescavão a sua comida

passão a estas partes; e aindaque venhão ju-

ntas, depois de chegadas, se agartaõ, e cada hu-

ma por si busca o seu sustento em rios, la-

gos, lezirias, e lugares paludosos; o que não

fazem as aves, que se mantem de semen-

tes, e ervas, que andão juntas. Ardea, se.

Fem. Virgil.

Garça Ribeirinha. Na feicaõ, e talhe he

GAR AYOS. Certa  
de Aves, que  
se achã no mar  
na orilla da India.  
Dizem, que são do  
tamanho de nossas  
galinhas. Id. Hist.  
India orient. l.  
par. 16. g

dos Santos na Ethiopia Oriental. part. 1. Fol. 35. col. 2.]

Olhos de garça, costumamos chamar aos que como os olhos da garça são de hum verde, que a azul. Oculi casii. Vitruv. Oculi glauci. Glaucus, a, um. he de Virgil. e de Plinio. Que tem olhos de garça. Casius. Terent.

GARCEIRO. [Termo de alta volateria.] Falcao garceiro, he o que mata garças. Falco, praedator ardearum. [Outros falcoens tem a pluma gem ruiva, e a pinta grossa, são de grandes corpos, e bons GARCEIROS. Arte da caça, pag. 41. Vº.]

GARCO, como quando se diz, Olhos garcos, id est, Olhos de garça. Vid. Garça.

GARÇOTA. Garça pequena. Ardeola, a. Fem. Plin. [Falcoens, que se cevaõ em GARÇOTAS. Arte da caça, pag. 41.]

GARÇOTAS. Plumas da Garça, alvas, e muito finas, principalmente às que se colhem do peito, para ornato da cabeça, do chapeo &c. Ardeola alba, ou Ciris crista, a. Fem. No Commento deste verso 468. do Livro 3. das Aeneidas

Et conum insignis galea, cristas... antes  
Diz o P. de la Rue, Cristas, sive è júbis equinis, sive è versicoloribus pennis, quæ in modum capillorum, sive comarum diffundebantur. [Levãrã chapeo pequeno com GARÇOTAS, baixas, que as altas são desairosas. Galvão, Trat. da Gineta,

que vai na pequena parte por de traz do garço, fiqua unida com a casca, que se fãndes no cavallo ou na grunhaçã, para assim pegar huma com outra. Sur - ♀

GARELLA perdiz  
Vid. Perdiz.

que diz Mastr  
Cochlear cumula-  
tum. Huma colhe-  
de mosto. E duas  
cabecas de alhos,  
huma GARFADA  
de sal. Alveita  
de Rego, 340.]

Garça...  
certa em outra, para que dê melhor fruto, de or-  
culus, i. Masc. Calamus, i. Masc. Columel. Plin.

n. Em dous lugares chama Columella aos gar-  
fos, Semina. No cap. 9. do livro 5. diz Alterum  
insitionum genus, quo resecta inter librum,  
et materiam semina admittit arbor, e pou-

co mais abaixo Quosdam tamen magis dele-  
ctat in trunco arboris locum seminibus  
serrã facere. Em quanto à palavra Calamus,  
achase muitas vezes neste sentido no cap.  
14. do livro 17. de Plinio, Cujusvis arboris  
calamus. Calami exacutio. Pomorum ca-  
lami. &c. E no cap. 20. do quarto livro diz  
Columella, Calamus autem non amplius tri-

GARFILA. Vid.  
Orla. [ Outro le-  
trairo por fora, ju-  
to à GARFILA,  
ou orla. Curia  
Bispos de Lisboa  
106. col. 2. part.  
2.] 8

7º  
31.

tribus digitis debet allevari. Ao garfo metido na arvore enxertada o mesmo Columella lhe chama *surculus insitus*, ou *surculus insertus* no cap. 29. do livro 4. e no livro das arvores cap. 26. o mesmo no cap. 9. do livro chamalhe *Insitum*, i. Neut.

Enxertar huma arvore com seus proprios garfos. *Arborem suomet ipsam surculo inserere*. Plin. lib. 17. cap. 17.

Affirmarão os Antigos que não se podia enxertar qualquer arvore com todo o genero de garfos. *Antiqui negaverunt posse omnē genus surculorum in omnem arborem inseri*. Columel. lib. 5. cap. 2. pouco mais abaixo diz *Omni arbori inseri*.

Garfo de gente, chama João de Barros, a uns poucos soldados. *Manipulus*, i. Masc. Cas. Vejase Varro na explicação desta palavra. [Com hum GARFO de gente, que fossem fazer rosto aos Mouros. Decad. 2. pag. 141. col. 2.]

GARGALHADA de riso. *Cachinnus*, i. Masc. Cic.

LHO. Escarro grosso, e asqueroso. *Sputum crassius*.

GARGALO. A parte estreita abaixo da boca do Cantaro, Guarta, Frasco, &c. *Collum*, i. Neut. Pers.

Vaso, que tem o gargalo estreito. *Vas collo angustum*. Na Satira 3. diz Persio, *Angusta collo non fallier orca*. [Quidam orcam accipiunt pro vasculo lusorio, quo contacti tali, agitatique emittuntur in tabulam aleatoriam. In hoc eodem Persii loco scribit Cornutus, orcam vasis genus esse, collo angusto, in quod nuges jaciebantur distantibus loco, et qui certo jactu mittebat, victor habebatur.

Chama Marcial ao gargalo do frasco. *Amphora cervicis*, icis. Fem.

Gargalo, tomase às vezes pella entrada, ou porta de huma casa. *Ostium*, i. Neut. Terrent. [Fizera eu casas de hum só GARGALO. Carta de guia, pag. 102.]

Gargalo. A parte da garganta, donde sahe a voz. *Guttur*, is. Neut. Cic. [Nem arrancar as palavras com vehemencia do GARGALO. Lobo, Corte na Aldea, 23.]

GARGANTA. Parte interior, e mais profunda da boca, em que se contem o principio do izofago, da traca arteria, do epiglottis, e das amygdalas. *Fauces*, ium. Fem. plur. Plin.

Por a alguém o cutello na garganta. *Alicuius jugulum gladio petere*. Ex Quintiliano.

Por a alguém o baraco na garganta, (to- a metaphora do padecente, que estando ao pé da força com o baraco na garganta se vê reduzido a huma extrema necessidade, e não se pode livrar da morte. Alguem in angustias compellere, adducere, redigere. Cic. Algumas vezes se pode dizer, *Aliquid ab aliquo vi exigere*, [go, egi, actum] Estar com o baraco na garganta, ou em grande aperto. *Faucibus premi*. Cic.

Garganta, às vezes se toma pello peito da mother. *Pectus, oris*. Neut. Virgilio diz, *Virgo pulchro pectore*.

Garganta dos montes. O valle, ou sugar, que entre montes de huma, e outra parte da huma angusta sahida. *Fauces*, ium. Femin. plur. Tito Livio diz *Fauces vallis*.

Garganta do vallado. Vid. Vallado.

Garganta, tambem se diz do Rio, Porto, Barra, e do mar, donde he mais estreito. *Fluminis ostium*, ii. Neut. Cic. *Fluminis fauces ium*. Fem. plur. Plin. Cicero diz *Os portus*. [Situa- do na boca do Mediterraneo, não longe das gargantas do Baltico. Vieira, Palavra de Ceos emgenhada. pag. 244.] [Huma serrania, que serve de defen- sa ao porto, formando a garganta da barra. Q. Franc. Man. Epanaphor. pag. 581.] [A mayor Ilha daquela GARGANTA dos mares. Lucena, vida de

Garganta. [Termo de Musico.] Passo de garganta. *Vocis uno spiritu ducte varia, et crebra inflexio, onis*. Fem. Vid. *Gargantear, e garganteo*.

GARGANTAÃO. Diz se do animal, que devora, e que com a carne come os ossos. *Vorax, acis*. Omn. gen. Cic. [Outras gosmas nace- dos falcoens serem GARGANTOENS. Arte da caça, pag. 62. Vº.]

GARGANTEAR. Variar promptamente as vozes, e os tons com a diminuição de huma nota em muitas partes. *Vocem cantando vibrare, ou modulatum in flexo frequentius spiritu vibrare*. No livro 1. cap. 11. diz Aulo- Gellio *Frequentamenta quaedam varia incinere*.

GARGANTÊO. Passos da Garganta. *Modulatus vibrans, ou sonus inflexo crebrius spiritu vibratus*. Estes dous modos de falar são tomados do cap. 29. do livro 10. de Plinio; só se lhe acrecenta o adverbio *Crebrius*. Em huma palavra se pode dizer com Aulo-

dos mares.

Lucena, vida de

Xavier, 46.

2. ]

Δ

1.

3.

*Jethio frequentamentum. Vejase o que ten-  
ho ditto na palavra Gargantear.*

*GARGANTILHA. He quando o fio, que cerca  
apertado de...*

*ambros a ombro. Fio de perolas he do peico,  
Baccarum monile, is. Neut. Para distin-*

*quillo de Fio de perolas, poderás acrecentar  
he o epitheto Longum. No livro 10. das*

*metamorphoses diz Ovidio,  
Dat digitis gemmas, dat longa monilia col-*

*lo. — GARGANTOICE. Não he usado. Quere-  
rã dizer, Achague da garganta. V. G. Papei-*

*ra. Vid. no seu lugar.*

*— Bebiaõ da goa com as mãos*

*— Nas fontes inda em velhice,*

*— Melhor que por va sos vaõs.*

*— Lavava ella os peitos saõs,*

*— Antes da GARGANTOICE*

*— Franc. de Sã, Satira 3. Estanc. 62.*

*— GARGAREJAR, ou Gargarizar. Vid. Gar-*

*gargarizar.*

*GARGARIZAR. Lavar a boca, e a entrada*

*da garganta com algum licor. (Esta pala-*

*ura vem do Grego Gargarizein, ou do He-*

*braico Garghera, que significa Garganta)*

*Gargarizare, [o, avi, atum.] Usa Celso deste*

*verbo absolutamente, e sem caso algum no*

*cap. 2. do livro 4. Gargarizare his que sa-*

*livam movent. Gargarizar com cousas, que*

*provocaõ a saliva. No capit. 14. do livro 20.*

*usa Plinio do passivo. Voci succus sub certa-*

*mine utilis dumtaxat, qui et gargariza-*

*tur. &. E no cap. 17. do mesmo livro donde*

*falta na erva doce, diz, sedat anginas cum*

*melle, et hyssogo ex aceto gargarizatum.*

*GARGARÊJO. A accaõ de gargarizar.*

*Gargarizatio, onis. Fem. ou gargarizatus,*

*us. Masc. Plin.*

*GARILHÃO. Rio de Italia. Liris, is. Masc.*

*Cic.*

*GARJOFILÂTA, ou Garyophilata. Erva que*

*nace, e medra mais em lugares sombrios;*

*e cuja raiz na primavera cheira a cravo.*

*Os Boticarios the chamaõ Garyophillata,*

*&. Fem. [O sumo da GARJOFILÂTA mistu-*

*rado com verdete cura as fistulas. Reco-*

*pil. de Cirurg. pag. 280.]*

*GARITEIRO. Homem, que dá casa de jo-*

*go. Aleatorii fori prases, idis, ou aleato-*

*rio foro præsidentis, tis. (Suetonio diz pre-*

*sidere ludis) Cujus domum assidui alea-*

*tores frequentant.*

*GARITO. Palavra antiquada. Era o mesmo, que*

*casa de jogo. Vid. 1090. Vid. Tabologem.*

*GABIZIM. Monte da Palestina, perto de Sa-*

*maria. Neste monte (segundo a ordem, que*

*Moyzes the tinha dado) levantou Jsue hum*

*altar de Pedra, em que offereceo sacrificios*

*a Deos, e fez publicar pehos Sacerdotes a Ley*

*do Decalogo a vista da Arca. Neste mesmo*

*monte o Emperador Vespasiano matou onze*

*mil Samaritanos que no tempo da guerra com*

*os Romanos se haviaõ acõthido a elle.*

*GARLINDÊO. [Termo da carpintaria de huma-*

*nao.] He hum ferro, que faz dous repartimen-*

*tos, hum redondo, outro quadrado; o quadra-*

*do encaxa na cabeça do masto, e o redondo*

*he por onde se mete o mastareo. Por falta*

*de nome proprio Latino, se usará de circum-*

*locuçaõ.*

*GARLÔPA de juntas. [Termo de marcenei-*

*ros, e Carpinteiros.] He hum instrumento,*

*que serve de tirar as ultimas aparas para*

*ficar bem unida a madeira. Runcina, &.*

*Fem. Plin.*

*GARNÂCHA. He palavra Syriaca, e signifi-*

*ca huma vestidura, com mangas como rãs,*

*que os Emperadores traziaõ, sem cingido-*

*ro, e da Assyria passou a Principes, e Sena-*

*dores da Grecia. No seu Glossario diz He-*

*ursio, [Granatza, (que assim the chamavaõ*



2.  
34.

be... chamu se pretexta, era aquella q  
 os me... os traziao ate a idade de 17. an-  
 no... ja viriis, era aquella, que se tra-  
 zia os 17. annos por diante, quando se co-  
 meçava a exercitar os officios da Repu-  
 blica. Tambem havia outras especies de To-  
 gas. Toga pura, Toga candida, Toga libera, To-  
 ga pilla, Toga picta. &c. Vejase o Thesouro  
 de Fabro na palavra Toga.

Garnacha chamao os Rusticos a chuva  
 da Pedra.

GARONA, ou Garuna. Hum dos mayores  
 rios de Franca. Vem dos montes Pyreneos,  
 passa por Tolosa, Agen, e Bordeos, e desem-  
 boca no mar entre Royan, e Souillac. Ga-  
 rumna, &c. No livro primeiro da Analogia,  
 cap. 10. fallando Vossio nos nomes dos Rios,  
 diz, que os que acabaõ em A, saõ pella sua  
 terminação do genero feminino. Porem em  
 graves Autores antigos se acha garum-  
 na do genero masculino. No cap. 2. do 3. li-  
 vro diz Pomponio Mela, Garumna ex Py-  
 neo monte delapsus, nisi cum hiberno  
 imbore, aut solutis nivibus in tonuit, diu  
 vadousus. &c. e na primeira Elegia do pri-  
 meiro livro, diz Tibullo Magnusque ga-  
 rumna.

GAROTIL. [Termo de Marinhagem.] He  
 o alto das velas, donde estaõ huys ilhõs, que  
 se fazem fixos em as vergas com huys  
 cabos, que chamaõ Envergues. Velorum  
 summitas ocellata, ou no plural summa  
 vella ocellata, orum. Neut. Ocellatus, a,  
 um. he de Suetonio em outro sentido pou-  
 co differente.

GAROVPA. Peixe, que tem feição de Enxar-  
 roco, e he vermelho, como Peixe cabra. Não  
 acho nos Autores Latinos o nome deste pei-  
 xe.

Bem a segunda gloria merecida  
 Da GAROVPA serã por tao prezada.

Insul. de Man. Thomas, Livro 10. dit. 123.

GAROVPEZ. Vid. Guruzez.  
 GARRA, ou Garras. Unhas das aves de rabi-  
 na, ou das feras, Leoens, Tigres. &c. Falcula,  
 &c. Fem. Plin. Unguis, is. Cic. Falcatus un-  
 guis.

Garras, tambem chamaõ ao pelo comprido,  
 que nace ao redor da junta das mãos, e dos  
 pês de alguns cavallos. Seta longiores, equi  
 calcibus impendentet.

Garras. As pontas, que cortão os unhiros das  
 Carnei... Com ena fazem os Pintores cola  
 m... Srte, que a dos retalhos. @

ARRAFA. Derivase do Italiano Garaffa,  
 que he o mesmo, e segundo Caninio Caraffa,  
 se deriva do Arabico Caraba, que he certa cas-  
 ta de vaso. Garraffa, entre nós he hum vaso  
 de vidro de collo angusto, e bojo largo. Ampho-  
 ra, ou ampulla, ou lagena vitrea, collo angus-  
 ta, et ventrosa.

GARRAFAL ginja. He mayor, que as outras,  
 e mais doce, tem o pês curto, e a cor tira a negro.  
 Bahuiño, na Historia universal das plan-  
 tas, part. 1. pag. 220, e 221. he de parecer, que  
 he a que Plinio chama, Cerasus Macedonica

GARRANCHO. Enfermidade no casco dos  
 pês, ou mãos do cavallo. Vid. ~~Tratado de Medicina~~

GARRAR. [Termo Nautico.] He quando não  
 pega a ancora, ou por não chegar ao fundo, ou  
 por não haver boa ancoragem. Garra a an-  
 cora. Anchora fundum, ou vadum non pre-  
 hendit. Vid. Morder.

Garrar o vento a amarra. He de sapugalla  
 do fundo com a violencia da agitacão.

[Refrescando a noite, o vento] He GARROV a  
 amarra, e cahio sobre outra nao. Britto, Vi-  
 agem do Brasil, 200.]

GARRAYO. Boy Garayo. O que he pequeno, e  
 esperto. Tambem se diz Touro Garayo. [A forma, com  
 o Touro GARRAYO, que não seja velho mat-  
 ro, pello risco que tem. Pinto, Trat. da Ginetã, 1.]

GARRIDA. Sino pequeno, que nas com-  
 muniidades Religiosas se tange para ultimo  
 sinal do principio dos officios divinos. Parvum  
 as campanum, quo Religiosa familia ulti-  
 mum datur signum, divinarum precum  
 recitandarum.

GARRIDICE. O alinho, e o ter bom ar nos pas-  
 sos, ou Galanice. Vid. nos seus Sugares. #

GARRIDO. Galan, ou muito culto no vestido.  
 Vid. Quago. Vid. Galan. Menino garrido. Pu-  
 er festivus, ou lepidus.

GARRÔCHA. Pao, que tem alguns dous pal-  
 mos de comprido, e no cabe hum ferro farpado,  
 ou agudo, que os toureiros de pês lanção ao tou-  
 ro. As garrochas com que se tourea a caval-  
 lo se fazem de Pinho de Flandes, como os gar-  
 rochoens, hum palmo mais compridas, e con-  
 tra a ponta mais delgadas, o ferro curto



GARRA...  
 Passaro  
 o qual he  
 com  
 na cabeça  
 visto de  
 par...  
 das cor...  
 tentase  
 valho some  
 e da mel.  
 Chronica  
 i. 3. a.  
 l. 444.  
 solo equi  
 tado, Pontu  
 GARRANCHO.  
 Pinto Ginetã  
 pag. 100. ]  
 8  
 ue se ha de  
 tomar a gar  
 rocha em  
 Garidice G  
 tantar. el.  
 g. cio. Vid. ne  
 seu luy  
 E sendo a  
 Castellan  
 GARRIDICE  
 varios peque  
 de unim Di  
 var. 92

Garoupa do ca-  
 lo. Vid. Garupa.







